

Escola de Pais do Brasil

4

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, HOJE

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, HOJE

ALMED



ALMED

João Filipe

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE,
HOJE

ESCOLA DE PAIS DO BRASIL

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, HOJE

Pe. Antonio Aquino
Pe. João Edenio Valle
Dr. Ernesto Lima Gonçalves
Dr. Haim Grünspun
Dr. José Bonifácio Coutinho Nogueira
Pe. Paul-Eugène Charbonneau
Prof. Pedro Demo

ALMED
ALMED EDITORA E LIVRARIA LTDA.

São Paulo — 1982 — Brasil

ESTE CONGRESSO — EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, HOJE

*Alzira e Antonio Fernando Lopes **

Mais um congresso sobre sexualidade, dirão uns.

— Está a Escola de Pais aderindo a mais um modismo? — dirão outros, e a todos responderemos que:

— Estamos cansados de ver e ouvir o assunto sexo e sexualidade apresentado por todos os meios possíveis da nossa propaganda, quer falada, escrita e televisada, de uma maneira a mais distorcida possível, com toda a sorte de aberrações e desvios, de tal sorte que o mínimo que estamos conseguindo em nossos dias é uma juventude desnorteada, angustiada e insegura, cujas informações aumentam ainda mais os problemas nesta área, que apesar de não ser a mais importante do ser humano, não deixa de ser muito significativa para ele.

Há muito que a Escola de Pais vem se preocupando com todos os problemas que afligem a família, os pais em geral e a nossa sociedade, e assim é que sempre que possa virá a público trazendo assuntos à reflexão para que sejam melhores compreendidos e vivenciados.

Quando da realização deste grande congresso, tivemos a oportunidade de contar com toda a imprensa muito interessada em divulgar o que ali era proposto e daí a satisfação de transcrevermos um parágrafo do editorial do Jornal "A Folha de São Paulo", de 23 de junho de 1981, portanto dois dias após o término do congresso da Escola de Pais do Brasil.

"E a julgar pelas conclusões mais gerais do evento realizado no Colégio Santa Cruz — a existência de tendências conflitantes, muitas vezes radicais, não impedem que movimentos moderados proponham avanços comedidos, mas firmes e necessários".

São pois essas tendências conflitantes que deixam os pais, educadores e jovens sem saberem que rumo tomar, trazendo como conseqüência toda uma série de problemas na área da sexualidade, tais como promiscuidade, pornografia, que pouco a pouco vão destruindo os valores essenciais do SER HUMANO, tornando-o incapaz de projetar-se numa existência equilibrada com benefícios até para a sociedade.

* Casal Presidente da Escola de Pais do Brasil, Fundador de todas as Escolas de Pais no Brasil. Vice-Presidente da Fédération International pour l'Education des Parents com sede em Paris, onde representam o Brasil.

Por tudo aquilo que se falou neste congresso, estamos mais uma vez convencidos de que é na Família que se desenvolve a personalidade e a estrutura do ser humano, para que ele possa agir de conformidade com seus valores reais e não com aqueles que lhe são impostos por pessoas que não conseguiram nem mesmo encontrar a sua felicidade. Esta família deve ser ajudada para que cada uma seja o centro formador de seus filhos, homens de amanhã, capazes de dar novos rumos à pátria.

A Escola de Pais do Brasil aproveita esta oportunidade para agradecer a valiosa colaboração dada por todos os conferencistas, os quais vieram demonstrar que a educação sexual não pode ser desvinculada da educação afetiva e dos valores vividos pela família, e que uma Educação global deve dar ao ser humano a capacidade de viver um ideal de vida, que encontre a sua felicidade e faça felizes outros seres.

Agradecemos também a participação ativa de todas as nossas Escolas de Pais espalhadas por todo o Brasil, da nossa co-irmã da Bolívia com a presença de Santa Cruz de La Sierra, Sucre e La Paz, do Dr. Pedro Demo representando o Sr. Ministro da Educação e Cultura, a quem desejamos expressar nossos agradecimentos pela ajuda prestada, sem a qual teria sido impossível a edição deste livro.

Não podemos deixar de fazer uma menção especial ao nosso casal Maria Izabel e Waldemar Colombo que conseguiu uma grande divulgação por intermédio da Associação Brasileira de Propaganda que atingiu todos os veículos de divulgação de massa e para todo o Brasil.

Ao nosso querido Padre Leonel Corbeil, Diretor do Colégio Santa Cruz e presidente de Honra da Escola de Pais do Brasil, por nos ter cedido durante todo o tempo em que se realizou o congresso as esplêndidas instalações de seu Colégio.

Aos membros do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil, pela dedicação e participação integral que vem prestando ao nosso movimento, dando o que de melhor ele tem, que é seu conteúdo.

Não podemos deixar de agradecer às Escolas que estão participando da edição deste volume que são as de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e de Goiás.

E por último, deixamos aqui o nosso agradecimento a Deus que nos tem dado a oportunidade de trabalhar em tão importante movimento, realizando um trabalho necessário junto à família brasileira.

ÍNDICE

PREÂMBULO	1
<i>Paul-Eugène Charbonneau</i>	
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SEXUALIDADE	13
<i>João Edenio Valle</i>	
ALGUMAS DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL	27
<i>José Bonifácio Coutinho Nogueira</i>	
AS LINHAS BÁSICAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO 2.º GRAU	37
<i>Paul-Eugène Charbonneau</i>	
OBSERVAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS SOBRE A MASTURBAÇÃO	49
<i>João Edenio Valle</i>	
A PATOLOGIA DA SEXUALIDADE	67
<i>Haim Grünspon</i>	
CULTURA E SEXUALIDADE CONTEMPORÂNEA	81
<i>Ernesto Lima Gonçalves</i>	
PORNOGRAFIA E EDUCAÇÃO SEXUAL	89
<i>Antonio Aquino</i>	
SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA, EDUCAÇÃO	97
<i>Paul-Eugène Charbonneau</i>	
POR QUE EDUCAÇÃO BÁSICA?	127
<i>Pedro Demo</i>	

PREÂMBULO

Paul-Eugène Charbonneau *

EDUCAÇÃO SEXUAL: POR QUÊ?

A *Escola de Pais* do Brasil lança novo curso de *educação sexual*. Para isso convida pais e professores (porque se trata de curso para educadores apenas) para que eles adquiram certo domínio do assunto, tendo em vista melhor realização da sua tarefa junto aos jovens. Assim surgiu entre nós uma questão que parece tornar-se eterna.

Nestes últimos anos ela se apresenta constantemente no nosso meio, provocando as mais contraditórias respostas, geralmente formuladas com paixão. Uns levantam-se com violência contra todo tipo de educação a esse respeito, invocando o argumento estranho e manifestamente tendencioso que até agora a humanidade não teve necessidade desse gênero de iniciação para reproduzir-se. A superpopulação do globo o prova mais do que a apresentação de razões. Outros colocam-se no pólo oposto e radicalmente afirmativo: seria necessário enfim que houvesse uma *educação sexual*. Infelizmente aqueles que sustentam tal posição caem muitas vezes no excesso de certo exibicionismo verbal que reduz a educação a pura informação técnica. Como se uma sexualidade tratada de acordo com critérios zoológicos pudesse, sem mais, ser aplicada às pessoas humanas.

Recolocar no lugar os elementos desta questão parece urgente e fundamental. Porque sempre existe o perigo de passar de Charybe a Scylla e de substituir um excesso por outro.

É forçoso reconhecer que até agora o homem emudecido por um pudor inadequado, por uma discreção equivocada, por uma ignorância secular que se limitava a ligar a função sexual ao imperativo de procriação, envolvera-se num silêncio nebuloso que isolava as gerações. Deixava-se a juventude descobrir aos poucos os caminhos do encontro sexual. Até nossos dias, séculos de silêncio haviam dispensado a educação sexual. Michel Foucault, na sua famosa *História da Sexualidade*, lembra-nos esta triste verdade que “ignorância, insistência em se esquivar, evasivas só foram possíveis, e somente revelaram as suas conseqüências depois desta estranha descoberta: dizer a verdade sobre sexo. Iniciativa que não data do século XIX, ainda que naquele tempo o projeto de uma ‘ciência’ lhe

* Padre. Filósofo. Teólogo. Ex-Professor de Antropologia da Escola Paulista de Medicina. Ex-Professor da PUC de São Paulo. Diretor de 1.º Grau do Colégio Santa Cruz de São Paulo. Membro do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil.

tenha dado particular significado. Esse foi o palco de todos os discursos mais estranhos, ingênuos e velhacos, no qual o conhecimento do sexo parece ter sido durante muito tempo deturpado.” No entanto o silêncio na matéria não é deste século, nem do último; ele é muito antigo. E nós representamos, certamente, a última geração que recebeu esta herança de ignorância que nela foi confinada.

O silêncio foi sempre uma sutil forma de *acomodação*. Para não ter que se revelar, a pessoa se dobra sobre si mesma. Ela imagina que existe uma tela de fundo que permite que uns façam o jogo, que outros apenas o imaginem. Assim, nesses tempos passados mas ainda tão próximos, no qual o silêncio era de ouro em matéria de sexo, os adultos deixavam entregues a si mesmos os jovens cuja curiosidade natural era taxada de tara, ou no mínimo considerada como mórbida. Era preciso que um homem aprendesse a tornar-se homem, a integrar sua masculinidade na sua personalidade, sozinho e por si mesmo. Era assim que um legado *machista* se transmitia de uma geração a outra, para grande desespero da mulher mal-amada. Por outro lado, era necessário que a jovem mulher se preparasse para viver a sua feminilidade plena, condenando-se a um sofrimento conjugal que se dizia ser o seu atributo fatal. E assim sucederam-se gerações de mulheres que tiveram que viver sua vida de amor na amargura, na frustração, na revolta, na exasperação que a não-realização sexual e afetiva lhes impunha.

Vista por outro ângulo, e por um processo estranho porém fácil de compreender, essa herança que era o silêncio injustificado e soberanamente nocivo, depois de ser acomodação tornava-se *convivência*. Uma dupla moral, que era na verdade a sanção de uma imoralidade hipócrita, se impunha. Suas regras são, entre nós, conhecidas demais para que seja necessário insistir nesse assunto. Digamos apenas que ela oscilava entre dois pólos divergentes, entre forças contraditórias. Os dois princípios que exibia resumem-se em pouca coisa, ainda que sejam de uma eloquência perturbadora: o *nada* e o *tudo*. Rígidas normas enclausuravam a mulher num universo de negação, de renúncia, de castração romântica, de onde ela não podia nem devia escapar. Além de todas as suas maternidades, e apesar delas, ela estava condenada a uma irreversível virgindade que chocava suas mais legítimas aspirações tanto quanto sua mais elementar dignidade. O *nada sexual* era seu infeliz apenágio.

O homem, por sua vez, estava livre para *tudo*. Para ele estava convencionalizado, inconscientemente, que poderia recorrer ao prazer sem restrição. A fixação auto-erótica, na época da sua primeira adolescência; a procura sistemática e encorajada à casa de prostituição, no decorrer de sua segunda adolescência; a infidelidade praticada de acordo com as circunstâncias, ou provocada ao sabor da vontade durante o período da maturidade; a sede conservada pretensiosamente na velhice; caminhos que lhe eram acessíveis, vias que lhe estavam abertas, comportamentos que lhe eram sugeridos. É assim que de *homem* ele se tornava *macho*, deixando atrás de si uma companheira condenada a observar, a tolerar, a fingir ignorar, e que vivia sua vida de mulher na solidão do coração enganado.

Não era apenas que não houvesse educação; mas o silêncio herdado, acomodado, convivente, era origem de uma deformação profunda. A sexualidade tornava-se assim o terreno fecundo de todas as neuroses, o território de patologias inverossímeis, o jardim da imaturidade. No fim do século passado (e no começo do nosso), Freud dizia com razão que por não terem recebido educação sexual

quando crianças, os homens e as mulheres comprometiam-se no casamento sem qualquer condição de maturidade, sem nenhuma probabilidade (a não ser aquela que viesse por acaso) de um desabrochar sexual. Assim, o silêncio, que pretendia ser uma tática, tornava-se uma infelicidade.

Além disso é suficiente debruçar-se sobre as condições da vida matrimonial exatamente como se revelam hoje, para verificar a triste verdade que Zwang acaba de mostrar: a maior parte dos adultos da nossa geração é de *subinformados* sexuais, infelizes que nós estaríamos forçando a dirigir um automóvel sem lhes ter explicado para que servem os freios e as alavancas, e sem lhes ter ensinado o código de trânsito. Não admira, em tais condições, que o caminho que eles seguem seja semeado de acidentes tão freqüentemente mortais.

Sob a pressão de novas e múltiplas forças, das quais falaremos numa outra oportunidade, seguindo um ritmo alternado de sístole e diástole psicológicas, o silêncio de antes é substituído nos dias de hoje por uma *orgia verbal* sobre a sexualidade. As gerações passadas sofreram de *hipossexualidade*; as gerações novas estão ameaçadas de *hipersexualidade*. As primeiras eram sufocadas no segredo; as últimas estão se afogando nas vagas incontroláveis de um mar de fúrias sexuais. Tanto em uma como em outra época o equilíbrio é ignorado, e conseqüentemente a felicidade humana é ameaçada. O homem que se priva de uma sexualidade vivida de modo sensato perde uma enorme dimensão do seu ser *humano*; o homem que mergulha numa sexualidade desenfreada se desumaniza certamente, porque se alimenta de ilusões.

O silêncio se tornou intolerável; intolerável também é a *logomania* sexual. Entre um e outro, as gerações jovens devem encontrar o seu caminho que, para ser o caminho da felicidade, deve ser o do equilíbrio. Ora, não será precisamente essa a razão do ser da educação: criar um clima de equilíbrio no qual o ser humano inteiro possa se identificar? É porisso que contra as alegações escrupulosas de falsos moralistas prisioneiros da obsessão, é preciso romper o silêncio e realizar a educação da juventude, no plano sexual como em todos os outros. Além disso, contra os perversos defensores que se arvoram em audaciosos advogados e insensatos apóstolos (muitas vezes ignorantes) na sexualidade vivida como puro prazer epidérmico, é preciso levantar a voz da saúde psíquica.

É porisso também que se deve insistir na necessidade indubitável de uma *educação sexual*, ampla na sua informação, profunda na sua formação. A consciência contemporânea deve convencer-se desta necessidade, deste urgente imperativo. Urgente porque toda a geração dos jovens já está ameaçada pela inconseqüência e a omissão dos adultos. Então nós nos devemos dedicar, como dizia *Puebla*, "... a uma educação sexual que deve ser oportuna e integral, que fará que se descubra a beleza e o valor humano da sexualidade."

Dizendo isso, são os pais e os professores que nós interpelamos, pois que, conforme o que lembram autores daqueles que mais refletiram sobre a questão: *a educação sexual passa pela educação do educador*. Assim, a iniciativa da Escola de Pais do Brasil que oferece àqueles que têm o encargo da educação sexual, um curso sério que dará à sua preocupação uma dimensão adequada, não poderia ser mais feliz. Sempre, para tornar-se educador é preciso educar-se. Esta verdade fundamental aplica-se mais do que nunca quando se trata de assumir a *educação sexual* de jovens aspirantes à felicidade e à plenitude do ser humano.

SEXUALIDADE REPRIMIDA, SEXUALIDADE ENLOUQUECIDA

Já disse, por ocasião do curso que promove a *Escola de Pais do Brasil*, como era importante que os agentes de educação (particularmente aqueles que têm como principal e direto encargo do despertar sexual da criança e da orientação sexual do adolescente: pais e professores) se dediquem a refletir sobre a sua ação. É necessário, com efeito, nesta matéria, que os educadores sejam seriamente educados, não há dúvida. Isto se torna mais do que evidente uma vez que estamos numa encruzilhada na qual caminhos divergentes se abrem, entre os quais será preciso encontrar o equilíbrio necessário à realização e à felicidade do homem.

Do silêncio quase hermético, passamos imperceptivelmente a uma repressão insistente, conservada, cultivada há muitos séculos. A recente história que Jean-Louis Flandrin acaba de reconstituir sob o título "O Sexo e o Ocidente" permite-nos ver muito claramente este fato tão nefasto: o homem ocidental (e a civilização que construiu) criou um esoterismo em cujo mistério a sexualidade se perdeu.

O longo silêncio submerso em indiscretas considerações tecidas por moralistas que se apresentavam como bastiões da intransigência e do desprezo, da desconfiança e da suspeita, escondia uma negação da sexualidade que abandonava o homem no caminho da sua infelicidade e o desintegrava arrebatando-lhe um pedaço muito grande do seu ser. Assim, não nos podemos admirar de que a lógica, que expulsava a dimensão somática da trajetória humana, se tenha transformado em pressão indevida. Sabemos muito bem como o surgimento da psicologia, como ciência do homem, revelou essa violação e qualificou-a com inegável e oportuno nome: *repressão*. Esta, que se situava no nível do comportamento, havia sido preparada pelo triunfo de um triplo desvio: o desprezo, a rejeição, a vergonha. Primeiro o desprezo, que nascia, de início, de uma visão ontológica insustentável. De uma só vez, partia-se do *dualismo platônico* que via no corpo apenas uma caverna na qual as idéias tentavam penosamente fazer triunfar a luz, passava-se no começo da nossa era, ao *maniqueísmo*, dualista por sua vez, mas que iria afirmar-se com forte nota de *desprezo*.

Conforme esta visão, dois princípios fundamentavam o ser: o do *Espírito*, fonte de todo *Bem*, e o da *Matéria*, fonte de todo *Mal*. A este infeliz berço pertencia o corpo e com ele a sua mais constante expressão e a mais dinâmica: a sexualidade. A recusa do mal, sua identificação com o corpo, sua expressão sexual não podiam senão exigir a repressão de uma força tão perversa.

Essa visão deformante duraria muito tempo. Ela renasceria periodicamente a cada vez ressuscitando a onda de desprezo que expulsava a sexualidade. E como é evidente, que se deve lutar contra o mal que é ameaça de perdição, é também evidente que se imponha implacável luta contra o sexo que é a sua mais densa expressão.

Essa elaboração que surgia do nível do *ser*, só poderia explodir numa concepção do *agir sexual* que a acompanharia. O modo de ser que desprezava a matéria, corpo e sexo, deveria provocar, além do desprezo, a rejeição sistemática de todo impulso sexual. Nascia o *jansenismo*, e esse lamentável profeta da época

moderna, afogado em equívocos sem nome e inúmeros, que era Jansênio, tomava o lugar de Mani. A ele caberia trazer para o nível do comportamento o pessimismo maniqueísta. No entanto, este último será muito etéreo para tornar-se invasor; o pessimismo jansenista era elaborado em propostas precisas, em imperativos de abstenção nitidamente definidos, numa rejeição, cujo objeto de predileção seria o desabrochar sexual. Este deveria ser envolvido de desconfiança; mascarava um projeto nitidamente diabólico que ninguém poderia aceitar. A sexualidade não era mais do que tolerância infra-espiritual. Assim, era preciso sufocá-la na origem, dela fazer um objeto de repugnância, e opor-lhe uma recusa implacável.

Foi assim que o que não deveria ter sido senão pudor legítimo, sadio, exatamente expressão da dignidade que se devia atribuir ao corpo, tornou-se uma vergonha mórbida. Era preciso apagar o corpo, e não afirmá-lo na sua beleza, na sua força, em todo o seu valor antropológico. A *vergonha* doentia se apoderava da sexualidade, e a condenava à negação. A infra-sexualidade tornava-se condição essencial da dignidade.

O desprezo ontológico tornava-se rejeição moral. Dessa rejeição só podia nascer a *repressão* que seria, como Freud viu e falou em primeiro lugar, origem da desintegração da pessoa. O equilíbrio psíquico não poderia senão soçobrar nessa desordem inextricável do espírito sem carne. A confusão engendrada pelo desprezo ontológico e moral explodiria numa sexualidade tresloucada na qual o homem estava literalmente sufocado.

Depois que Freud apareceu, nas pegadas de Mani e de Jansênio, uma reviravolta iria operar-se. O homem exigiria voltar a ser ele mesmo, isto é, a reencontrar seu corpo. A proposta era clara: devido à sua constituição essencial que também era somática, o ser humano jamais poderia escapar do seu corpo. A história psíquica era também uma história somática. O espírito devia afirmar-se, mas não podia fazê-lo senão por meio do corpo. É porisso que a sexualidade constituía uma das forças mais vivas, mais ameaçadoras, mais agressivas na vida de cada um.

Ela estava presente na aurora, quando a criança — ainda impotente — recebia seu impulso vital; e ainda estava presente no fim do dia, quando o homem velho — talvez devolvido à impotência — iria ser perseguido pelas recordações da sua plenitude, e se encaminharia na direção do renascimento afetivo. Da mesma forma, como não podia escapar do *ser corporal*, o homem não podia fugir do seu *ser sexual*.

A revelação era de vulto. Ela iria transtornar o nosso mundo e a nossa época mostrando essas verdades tão negligenciadas, tão desconhecidas e no entanto tão evidentes. Freud coloca como um dos elementos capitais da vida humana, o que ele chamava, explicando muito bem: o *princípio do prazer*.

Mas como acontece freqüentemente, os discípulos não tinham o gênio do professor. A Freud, e atribuindo-se a ele, devia suceder um freudismo equívoco. Seriam conservadas certas intuições freudianas, far-se-ia referência a uma linguagem nova e precisa, conceitos bem definidos seriam manipulados, imprimindo-se a todos esses elementos um sentido que era um pouco vago, seguramente lamentável. Nascia uma *neo-sexualidade* que atribuía a Freud uma linguagem científica da qual fazia um dialeto (que não merecia sequer o nome de vulga-

rização de tal forma era deformante), concepções justas (que ela transformaria em lugares comuns equívocos), alguns princípios equilibrados (dos quais ela fazia uma seleção tendenciosa). Encontrava-se assim a humanidade diante de uma *neo-sexologia* que na sua ignorância ingênua, como diz Ariés, queria ser de Mandarim, ainda mais que se limitava a ver a ponta do fenômeno imersa nas profundezas e na complexidade do ser humano.

A repressão antiga sucedia a loucura contemporânea, da mesma maneira que ao silêncio antigo sucedia a grandiloquência de uma pseudo-sexologia. A sexualidade era manipulada apenas ao sabor das circunstâncias, às vezes apenas dos malogros, e as pessoas que ela conduzia para as mais evidentes patologias tornavam-se os corifeus de intermináveis divagações. Estas não seriam, afinal, senão a projeção de sua enfermidade ou da sua torpeza.

De Freud não se aproveitava senão o que convinha a situações engendradas, a manifestações sexuais híbridas e isso era bem justificado. *O princípio do prazer*, por exemplo, era posto na frente; mas tomava-se grande cuidado de não mencionar nada do que Freud havia dito a respeito do princípio que lhe é paralelo: *o princípio da realidade*.

Era o triunfo de um Hedonismo mesquinho: desejava-se gozar, sem se perguntar o que seria viver uma sexualidade humana. A *loucura erótica* tomava conta da nossa civilização. A prova desta afirmação é infelizmente evidente na onda pornográfica que assalta todos os meios de comunicação que se oferecem ao nosso consumo. Ela traduz o momento de regressão que vivemos, uma vez que o que eu chamaria de *noo-sexualidade* (por referência à dimensão *noo-genética* de evolução) vem a ser simples e decadente *zoo-sexualidade*. O animal renasce no homem. Isso se traduz no fato de que o *impulso* (legítimo e sadio) se torna *compulsão* sexual, o que representa uma regressão em termos de liberdade. Paradoxalmente, a famosa liberação, tornando-se fonte de condicionamentos patológicos, é origem do malogro da verdadeira liberdade sexual. Uma vez que vive no *Império dos Sentidos*, o homem se torna escravo... de si mesmo. A sexualidade enlouquecida ameaça sua razão.

Essa é a situação na qual a juventude se encontra: ela está acuada entre a mórbida repressão de antigamente e a explosão enlouquecida de hoje. Na esperança de escapar deste dilema e para evitar-lhe que se afunde numa sexualidade endoidecida, nós devemos dedicar-nos a elaborar uma *Educação Sexual* que irá revelar aos jovens a dimensão verdadeiramente *humana* da sexualidade, para que eles possam conjugar a alegria e o equilíbrio.

Esse será o trabalho dos educadores, o que explica a conveniência da proposta da *Escola de Pais do Brasil* que lhes oferece um curso com esse fim. Dele participando, caminharão na direção das indispensáveis reformulações.

SEXUALIDADE SELVAGEM OU SEXUALIDADE CULTIVADA

Por ocasião do curso de *Educação Sexual* que a *Escola de Pais do Brasil* organizou, para pais e educadores, quisemos chamar a atenção do leitor para alguns dos principais problemas que surgiam a esse respeito. Permitam-nos pros-

seguir e aprofundar esta reflexão a respeito do *Congresso* organizado, a partir de 19 de junho, pela mesma entidade, e que nos trará precisamente o tema: *Educação e sexualidade, hoje*.

Com efeito, quando invocamos a necessidade de elaborar, com os educadores, linhas de ação que lhes permitam encontrar-se com os jovens que lhes foram confiados, supomos uma clara visão de sexualidade, tal como devem concebê-la ou tal como são chamados a viver, na sociedade contemporânea. Podemos sem dúvida falar, de forma muito legítima, da sexualidade na *sua natureza*, mas, fazendo isso, limitamo-nos a esboçar um quadro ideal que, muitas vezes, nada tem a ver com o que se passa nesse terreno. A referência espaço-temporal é inerente ao fato humano. Tratar de sexualidade humana de modo adequado supõe, pois, que se perceba claramente o que se passa nesse domínio, entre nós, e hoje. Como um jovem brasileiro é levado a interrogar-se nesse assunto? Quais as forças que se cruzam no seu caminho e exercem sobre a sua liberdade inevitável pressão?

Não pode haver nenhuma hesitação quanto ao fato de que na sociedade de comunicação e de informática que é a nossa, a mensagem recebida não é apanágio exclusivo da nossa juventude. É comum à nova geração inteira, além das nossas fronteiras, ainda que especificamente ligada a determinado mundo cultural.

Portanto, é conveniente observar em primeiro lugar aquilo que marca a evolução da sexualidade na nossa civilização. Já evocamos a origem de algumas dessas particularidades e lembramos a desordem que ocorrera e que nos levava a enfrentar uma situação nova, talvez sem igual na história da humanidade. Digamos, para simplificar, e sem entrar no mérito da questão, que a reformulação é profunda, radical até, total, e que toca as profundezas do ser humano.

Nós chegamos, sem dúvida nenhuma, a um momento de redefinição estratégica no qual o viver sexual se elabora em tão grande confusão que se pode dizer que a sexualidade se torna, a curto prazo e de maneira imediata, uma das maiores incógnitas da equação existencial. Ela se abre para dois caminhos que são incompatíveis e porisso radicalmente opostos: o caminho da *sexualidade selvagem* e o da *sexualidade cultivada*.

Utilizo aqui o termo *selvagem*, no sentido em que a linguagem moderna no-lo entrega. Diz-se que é selvagem (por exemplo uma greve), quando a coisa surge de maneira inesperada e sem ter sido projetada. Falar de *sexualidade selvagem* é portanto evocar uma sexualidade desenfreada, que brota de modo irracional, e se abre por meio de múltiplos comportamentos, indefinidos, arriscados e que, se tem a força do que é espontâneo, tem também a fraqueza de ser despolarizada.

Três qualificativos podem servir-nos para caracterizar esta *sexualidade selvagem*. De início, é preciso reconhecer que ela não é programada. Faltam-lhe pontos de apoio e sentido. Ela não tem nada do programa de ser, de vida, de progresso que é o apanágio do homem. A infosfera na qual estamos engrenados, sem ter escolha, amplifica a sua rede. A própria biologia, e em primeiro lugar, encontra explicação para a sua complexidade. No plano genético, no plano cerebral, e no plano que poderíamos chamar genético-cerebral, o homem tem aspecto de computador. Reúne em si uma soma fantástica de informações, e não

encontra a sua unidade pessoal senão quando coordena todas elas naquilo que poderíamos designar como compacto existencial. A tal ponto, que começamos a perceber que o famoso *Cogito, ergo sum* de Descartes, é posto em cheque, e que o substituí a fórmula realista: *Computo, ergo sum*, que Edgar Morin formulou audaciosamente há pouco. Não existe coisa humana que não seja programada. Uma sexualidade louca, descerebralizada, é pois uma sexualidade inumana.

E não sendo programada, ela também não é estruturada. Porque toda estrutura supõe uma computação precisa, que lhe permite ser, e a faz suportar os encargos dos quais será investida. A sexualidade humana, por ser de incrível complexidade, e porque nela se encontram o psíquico e o somático, o corpo e o espírito, o biológico e o cerebral, a história comum do surgir genérico e a história pessoal que reúne o ontem e o hoje, um *Eu* e um *Tu*, uma vontade de aproveitar e um imperativo de respeito, e por fim, como tão bem mostrou Freud, o instinto de vida e o instinto de morte, não encontra o seu poder senão numa computação altamente racional. Assim deve-se dizer que a sexualidade não joga o jogo do azar nem o da necessidade, mas que bem ao contrário, desemboca numa organização precisa.

Deve-se dizer, em consequência, que enquanto força programada, estruturada, ela é também uma força organizada. Portanto não é selvagem, correndo sem destino como o animal na sua pastagem, como o cavalo no seu campo, como o pássaro no ar. Não se pode vivê-la segundo suas exigências psicobiológicas propriamente ditas, deixando-se levar por cargas impulsivas que conduziriam a liberdade a naufragar em determinismos de toda espécie.

Para ser plenamente humana, uma sexualidade deve ser *livre*; portanto deve mover-se, com toda a impetuosidade que a traduz, por caminhos trocados pela racionalidade. Ora, é próprio da razão organizar tudo que ela toca. Caberá então a ela canalizar o impulso sexual, organizando-o de modo sistemático e permitindo a certa poesia do corpo que respeite uma métrica bem definida. Não se cria um poema abandonando a caneta a si própria e deixando-a correr sem impor-lhe um ritmo que sem dúvida respeitará a invenção, mas que lhe dará mais poder de significado, de evocação, quanto mais se dominar a língua. Da mesma forma deve acontecer com a sexualidade humana, que é, por sua vez, essencialmente linguagem. Se ela mergulhar no mutismo opaco do peso do corpo, tão pesado que dele não possa fazer um impulso, ela é selvagem. Nela o homem se entregará a todos os desmandos de um instinto que não é mais do que força cega. E a sexualidade, por ser selvagem, indomada, irracional, desprogramada, desestruturada, desorganizada, perde toda sua qualidade superior.

A supremacia do instintivo é para o ser humano um estigma de desgraça. Nada portanto de admirar ao ouvir pronunciar um veredicto de decadência diante de uma civilização que rompeu com o racional em matéria de sexualidade, transformando-a num comportamento selvagem, e transportando-a para o centro de uma selva que lhe rouba toda dignidade e toda condição de sobrevivência.

Vivemos incontestavelmente num contexto de *sexualidade selvagem*. O diálogo fundamental do corpo e do espírito é ignorado. Segundo um sexólogo que nada tem de moralista, “tratando-se da função erótica humana, é preciso repetir incansavelmente que a voz do instinto deve há muito tempo cantar um dueto com a voz da lucidez.” Se não houver lucidez, haverá necessariamente opaci-

dade; se houver opacidade, o peso torna-se contrário ao êxtase do espírito. O homem então será pressionado por uma sexualidade que se torna insuportável. Está destruído.

É por isso que se deve, sem dúvida, respeitar a pulsão sexual, mas com a condição de dela fazer uma *pro-pulsão* (isto é, dar-lhe uma finalidade em medida humana), para que ela não se torne uma *im-pulsão* que terminaria por provocar uma *im-plosão* que destruiria a pessoa. Aceitar, insistindo nisso como se faz entre nós, que o agir sexual se torne selvagem, é preparar um recuo pela barbárie. Viver a sua sexualidade é uma coisa; deixá-la tornar-se pura pulsão é outra coisa. Foi o que tristemente esqueceu o *mito sexual* com o qual se alimenta nossa civilização afrodisíaca. Assim ela desaba sob o impacto da pressão erótica da qual Shere Hite (que dá seu nome ao célebre Relatório que quer ser testemunho de liberação) diz que “uma das piores formas dessa pressão decorre da idéia de que a necessidade sexual do homem é um impulso forte e urgente que se não for satisfeito pode levar a terríveis consequências”.

Aos jovens que se debatem em meio a esta confusão na qual nosso mundo os encerra, é preciso ensinar que é de soberana importância para eles, que transforme a *Sexualidade Selvagem* que lhes pregamos, numa *Sexualidade Cultivada*. Somente nela encontrarão a salvação do seu Amor.

Compreender essa verdade, dela convencer-se firmemente e descobrir como pode ser transmitida aos jovens (aos quais é preciso ensinar por que e como devem escapar da onda de falsa liberação), é a primeira urgência para todo educador. Nesse sentido eles ganharão participando do Congresso que a *Escola de Pais* lhes oferece sobre o tema tão evocador: “Educação e Sexualidade, Hoje.”

SEXUALIDADE REENCONTRADA

Desnecessário é diagnosticar um mal se não podemos saná-lo. A propósito de sexualidade é grande a tentação de limitar-se a um discurso crítico e negativo. Certamente ninguém pode contestar que a nossa civilização sofre do mal do sexo. Ela mostra todos os sinais da Sexomania: pansexualismo, “voyeurisme” coletivo, erotomania, prostituição disfarçada, aberrações multiformes promovidas com naturalidade, etc. Se se deseja esvaziar a pessoa e pintar apenas o que é evidente aos olhos de todos e assalta qualquer pedestre das nossas ruas, não terminaríamos nunca. A lista se tornaria obsessiva. Que seja suficiente resumir dizendo que vivemos na época de uma sexualidade enlouquecida, selvagem, agressiva... e vazia. Como se a exibição não fosse apenas o contrário de uma imensa castração. No entanto, Freud que se encontra por acaso, na origem de tão penosa situação, nos pôs, ele próprio, alertas, nas páginas em que desenvolve a *Técnica psicanalítica* avisando-nos de que é importante não “superestimar o sexo.”

Trata-se, além disso, de corrigir o mal a partir da sua própria raiz. Havia antigamente desconfiança muito aguda contra o sexo; ocorreu, conforme o tão célebre princípio do pêndulo, uma superestima cuja hipertrofia é tal que exige conforme a expressão de Fromm, uma *Psicanálise da sociedade contemporânea*. É preciso que se restabeleça o equilíbrio e que esses dois excessos sejam denun-

ciados e combatidos. Senão o homem cairá numa maníaco-depressão sexual que fará dele um neurótico irrecuperável.

O movimento se impõe então e se esboça com nitidez. Existiu primeiro e durante muito tempo uma subestima do sexo; em seguida passou-se, numa erupção tão curta quanto violenta, ao que vivemos atualmente: a superestima do sexo. Parece ter chegado a hora, antes que seja muito tarde, de evitar um e outro erro e estabelecer o justo apreço (sem *sub* e sem *super*) da sexualidade.

Só assim nos será permitido reconstruir, para maior felicidade das gerações jovens, a saúde psíquica. É sabido que isso só se consegue com equilíbrio. Pela sua própria constituição o homem — do qual se disse exatamente que era um *misto ontológico*, é puxado por forças divergentes. O seu ritmo não é nem ascendente nem descendente; é ondulatório. Certas fases da sua constante transformação se apresentam no nível do *mais-ser*; outras, naquele do *menos-ser*. Nelas não existe fixismo psíquico. Estamos sempre no limite entre o equilíbrio e o desequilíbrio. Porisso precisamos manter-nos atentos, e interrogar-nos sobre a qualidade do nosso ser a cada momento. Isso, evidentemente, inclui uma interrogação crítica do nosso *ser-sexual*, e dos caminhos que seguimos, assim como daqueles que nós poderíamos e deveríamos seguir. É isso que eu chamo racionalizar a nossa sexualidade. Não abandoná-la, mas não se entregar a ela. Não deixá-la apagar-se, mas não se consumir nela. Saber executá-la, mas não soçobrar no delírio que sua voz pode provocar. Na fonte de saúde psíquica (a nossa e a dos jovens que nos seguem) existe certo discurso sexual cuja importância não pode ser minimizada. Ele pode transformar uma vida e permitir a cada um que se encontre em si mesmo, apto para a felicidade e disponível para a plenitude.

Parece-me que três coisas devem ser lembradas para que esse discurso seja ouvido pelos ouvintes perturbados que são os nossos contemporâneos. É preciso, em primeiro lugar, que não se limite o ser humano considerando-o como prisioneiro dos imperativos libidinosos. É evidente que aqui a palavra é empregada apenas no seu sentido psicológico e sem conotação moral. A sexualidade humana, eu estaria tentado afirmar, é ampla demais para ser reduzida apenas à libido. É preciso aqui ir além de Freud e acompanhar a visão muito mais vasta de Adler que pretende reintegrar a sexualidade na personalidade total. Para ele, todas as condutas humanas não são provocadas apenas pelo desejo, isto é, pela procura do prazer. Que a dinâmica do desejo seja onipresente é uma verdade que não poderíamos ignorar. Mas que ela monopolize para si toda a existência humana seria exagerar. Nesse sentido devemos completar o panorama freudiano ampliando-o como o fez Adler. Segundo expressão de Simone de Beauvoir, o homem aparece para Adler como que visando certos fins complexos; ao móvel ele acrescenta motivos, uma finalidade, planos; ele dá à inteligência tal importância, que muitas vezes o sexual tem, aos seus olhos, valor puramente simbólico.

Não creio que seja preciso ir tão longe; o sexual, mesmo quando é envolvido de uma aura simbólica, é sempre real. A sua presença é um dom. Mas daquilo que Adler diz, é necessário reter alguma coisa de fundamental. É que a sexualidade é sempre somática, mas também muito mais do que somática. Toda explicação simplificando (ou simplificadora) é aqui falsa de início. Reduzindo o movimento sexual a uma pressão biológica, ele esquece que toda vida humana é cerebral. Portanto, que paralelamente ao poder que está inscrito no corpo, existe

um poder que está inscrito no cérebro. De fato, seria mais justo dizer que todo poder é uma carga cerebral. E assim, como é a qualidade do seu cérebro que permite ao homem ser o que é, é também a qualidade do seu cérebro que, impregnando a sua sexualidade, lhe permite ser propriamente humana.

A cultura das energias (no sentido físico, biológico e psíquico da palavra) é pois necessária. Desenvolver uma sexualidade não é esvaziá-la de espírito, mas, ao contrário, impregná-la de espírito. Essa é a plenitude sexual e é nesse sentido que é preciso orientar toda educação quando ela se propõe a preparar, com os jovens, o seu desabrochar sexual. Com rara felicidade e justificada insistência, o eminente especialista da sexualidade e do cérebro humano Paul Chauchard afirmou vigorosamente essa conjuntura essencial. “Desenvolvimento da sexualidade por domínio cerebral, tal é a sexualidade natural na espécie humana, a sexualidade normal, adulta e civilizada, essa raridade excepcional hoje em dia.” Um dos mais eméritos sexólogos da França recentemente retomava essa afirmação, que se torna cada vez mais incontestável, afirmando que é o cérebro o nosso órgão sexual essencial. Estranha afirmação num primeiro contato, num mundo hipergenitalizado, mas que traz simultaneamente o peso da ciência e o do bom senso. A imagem de Henry Miller, por mais irreverente que seja, toma nesse contexto o aspecto de evocação estranhamente rigorosa: “Quão interessante e simpático aquele egípcio estrábico que tinha o sexo na cabeça!” A verve irônica e a poesia erótica encontram aqui uma verdade fundamental: não existe sexualidade humana a não ser aquela que tem seu impulso no espírito.

E é assim que somos conduzidos ao terceiro elemento necessário a uma melhor compreensão e a um exercício integral do sexo: não há verdadeira sexualidade senão aquela que é vivida como projeto. Por que isso é próprio do cérebro humano: ele vive de projetos. Examina seu passado para dele tirar, daquilo que foi, o que será. Ele explora seu futuro, por antecipação, para ver como deve comportar-se para alcançar a riqueza com a qual sonha. O homem não é homem, em qualquer nível do seu ser, se não alimentar um projeto.

Cada um de nós conhece essa verdade, pois a encontra a cada passo que dá. E todos sabemos, pela nossa experiência também, que todos os projetos, por mais parcelados que sejam, unem-se numa única esperança: *de felicidade*. De tudo que fazemos, nada escapa a essa medida globalizante. A sexualidade não poderia ser exceção. Ela deve ser vivida, por todos, mas particularmente pelo adolescente, na perspectiva da felicidade que deve ser construída. É então que se desfaz o equívoco e que a procura do prazer adquire todo seu sentido. Se os prazeres negam a felicidade, para que servem então? Eles nada mais são do que moedas-falsas e mentiras. Recolocar a sexualidade em seu lugar é, portanto, pedir que ela seja vivida (ainda que no sacrifício fugaz e reiterado) tendo em vista a felicidade.

E o homem sabe, sente, que a felicidade é *Amor*. Mistério do coração humano que se torna o ponto de convergência de todo o ser, de todas as esperanças, e da alegria interminável de viver. A condição da nossa sobrevivência é que a nossa sexualidade seja reencontrada à luz do Amor. De tal modo que o corpo se ponha a serviço do coração, e a ele se ofereça como o servidor que exprime o indizível.

É disso que se trata quando se fala de *Educação Sexual*. Estamos bem longe da monótona nomenclatura das informações biológicas fora do seu contexto; bem longe também dos equívocos apelos a um erotismo sem alma; enfim, bem longe da enumeração dos possíveis caminhos de gozo. Estamos, literalmente, (e a que profundidade) no coração do viver e do ser humano.

Tal é o sentido da contribuição que devem dar a Família e a Escola, os pais os mestres. É porisso que a *Escola de Pais* os convida para esse Congresso que ela organiza para ajudar uns e outros a prepararem-se efetivamente para tão árdua tarefa, mas da qual depende toda a geração dos jovens. Nesse ponto não poderia haver omissão justificável.

SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SEXUALIDADE

João Edenio Valle *

INTRODUÇÃO

1. *Ponto de partida: nossa existência sexual*

Além do peso da responsabilidade de abrir o XVIII Congresso Nacional, tarefa em geral confiada ao P. Charbonneau, o tema e o auditório que me escuta fazem-me sentir diante de um dilema que pretendo explicar logo de início, para deixar bem clara a perspectiva desde a qual abordarei o assunto desta conferência inaugural: "Sociedade Contemporânea e Sexualidade".

Vacilo no tratamento do tema entre três possíveis linhas de aproximação. Não sei se devo me situar na posição do psicólogo ou do sociólogo, que falam desde os conhecimentos que nos vêm das ciências, ou se devo assumir a atitude do educador, isto é, de quem tem a tarefa de abrir a vida do educando a certos valores, conteúdos ou densidades ou, finalmente, se o mais apropriado seria me colocar na perspectiva do "mistério", isto é, na linha de quem busca, de quem não sabe ainda, mas intui e vive mais que conhece. Um ponto de vista, portanto, diferente (não necessariamente oposto) ao de quem apenas sabe e pesquisa cientificamente ou de quem se preocupa, em primeiro lugar, com a transmissão. É a perspectiva de quem se sente e se sabe existencialmente envolvido, aqui e agora, como ser humano, com a busca do sentido, com a penetração de um "mistério" grande, fundamental e profundo. Mistério que nos questiona, provoca e solicita.

Opto, conscientemente, por essa terceira linha, pelo simples fato de estar convencido de que fora dela, as duas outras alternativas se esvaziariam. É na direção do mistério que o tema poderá desvelar aos 2.000 pais aqui presentes tudo aquilo que eles precisam viver para poderem, de maneira crítica e adequada à situação contemporânea, fundamentar sua própria experiência sexual e transmitir, no respeito à atividade de seus filhos, os valores e descobertas que nos permitem caminhar para uma maturação humana que não se dá sem um assumir livre e consciente da própria sexualidade.

Um tal encaminhamento de nossa reflexão não nos vai levar às brumas das generalidades sem localização no tempo e no espaço, nem nos lançar para

* Padre. Filósofo. Teólogo. Psicólogo Social. Vice-Reitor da PUC de São Paulo. Membro do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil.

fora do lugar do homem, lugar a ser continuamente redescoberto e revivenciado, geração após geração. Ao contrário, é situando e datando essa descoberta e afirmação no centro dos caminhos e descaminhos da sociedade contemporânea que esse mistério eminentemente pessoal da sexualidade se desvelará e passará a ser possuído por nós, pelo nosso corpo, pelo nosso ser. E porque algo nosso, poderá ser oferecido aos nossos filhos, a quem, por sua vez, caberá desvelá-lo desde dentro, através uma apropriação pessoal que se fará dentro dos padrões, interrogações, erros e acertos de sua própria época e circunstâncias culturais.

Não há que temer compulsivamente a possibilidade dos desvios (que acontecem!). Há que confiar, muito mais, na existência e potencialidade do amor, esse ponto de referência necessário que faz do impulso sexual do homem algo definitiva e fundamentalmente humano.

2. *O existencial da sexualidade no debate cultural de hoje*

Acorrem-me à mente, neste instante, dois debates que tiveram lugar aqui em São Paulo, nesta semana, por iniciativa de um jornal da capital.

O primeiro deles reuniu em torno da figura badalada de Caetano Veloso nada menos de 2.000 pessoas. Esse público não estava ali para ouvir música e sim para ouvir Caetano falar da vida, das coisas de Deus, da sexualidade, da beleza, do amor, da poesia. Dizem os jornais que entre o público e o cantor se estabeleceu uma corrente de empatia e de vibração. O cantor baiano, em nenhum momento, buscou referendar suas opiniões com dados da ciência. Tampouco pretendeu lançar pistas para uma ação política ou delinear propostas ideológicas em torno de uma visão do mundo. Apenas, continuam os jornais, falou de sua experiência. E isto durante horas e horas, sem que ninguém arredasse pé. O público parecia beber de seus lábios. Absoluta maioria dos presentes tinha menos de 20 anos. Os outros três debatedores presentes, conhecidos intelectuais, ao invés de falar, preferiram escutar. Caetano roubou o "show".

Todos nós sabemos que Caetano Veloso é forjado por um "sistema" e tem sua imagem cuidada por empresários hábeis. Para lá de seu inegável talento musical e, sem dúvida, de seu carisma, ele é um "superstar" da comunicação de massa. Contudo, naquele instante, a experiência do homem Caetano falava mais forte que a imagem que o recobre. Numa cidade que não se comove facilmente, habituada à presença de grandes estrelas, presenciamos um espetáculo pouco freqüente, um raro instante de comoção. Parece que sempre que alguém parte da densidade de sua experiência ele encontra um interlocutor. Na troca sutil e no confronto que se estabelecem, abre-se uma perspectiva: a gente se sente dentro do mistério. Mistério feito de penumbra e de luminosidade. Bela para nós essa lição da "geração Gabeira".

O segundo evento tinha um caráter mais sofisticado. Reunia quatro cientistas, cada um de uma área, ante um público menor, mas igualmente numeroso. Dominava os homens e mulheres de mais de 20 ou 30 anos. O tema do debate: a sexualidade. Da leitura dos jornais tem-se a impressão que a discussão se concentrou em torno de dois pólos. De um lado, aspectos mais críticos e mais eruditos do tema: autoritarismo, censura, massificação, permissividade, acesso à informação. De outro lado, porém, levantados por um psicanalista, aspectos

presentes na fala de Caetano e avidamente sorvidos pelos ouvintes. O psicanalista preferiu enfocar a sexualidade desde sua dimensão de mistério. Por mais que tivesse estudado e lido sobre a sexualidade, por mais que a sua experiência de analista lhe mostrasse facetas recônditas dessa dimensão humana, ele confessava ao público que cada vez “entendia” menos da sexualidade, pela via da compreensão intelectual. O psicanalista dizia o óbvio. Mas parece que o óbvio precisa ser sempre dito e redito.

É nessa mesma trilha, que nada tem de antiintelectual e de acrítico, que pretendo fazer minha reflexão. Creio que essa seja a angulação mais adequada a um Congresso Nacional de Escola de Pais. Tanto mais que a própria experiência de paternidade de todos os aqui presentes, se fez na penumbra “misteriosa” do amor. Numa forma talvez mais romântica e mais enlevada, em seu início; mas, seguramente, aos poucos questionada pela vida — e é esse o mistério — e dilacerada, quem sabe, pela dúvida das situações limites que nos fazem vacilar em relação à validade e permanência do amor. É desse amor que tem uma história e é um pedaço do mistério de cada um de vocês, é da experiência sexual em que ele foi amadurecendo, que emergiu o seu filho. A este filho vocês querem transmitir sua experiência. E ele, partindo das inquietações e buscas de sua geração, quer fazer sua própria experiência.

Vamos, portanto, tentar discutir a “Sociedade Contemporânea e Sexualidade, hoje”, partindo de nossa própria experiência de amor e sexo, também ela interpelada pelas mudanças em curso. Mas, ao mesmo tempo, como pais que visam educar seus filhos para uma posse segura e fecunda de seu próprio ser e de suas próprias vidas. Esse jogo é complexo. É o jogo das gerações. É o jogo da vida. É mistério. A sexualidade, tomada em seu sentido amplo e genuíno, é, talvez, a coisa da vida mais densa de mistério. É aí que largamente o destino do homem se constrói e se destrói. Ou se torna amor ou se faz manipulação e distância que passam imperceptivelmente a tudo o mais que nos cerca.

Ao partir do mistério da sexualidade, hoje, não é minha intenção lançar mão de descrições mais ou menos científicas das grandes transformações da sociedade contemporânea e da maneira como essas afetam a sexualidade. O próprio enfoque que me proponho exige um distanciamento desse estilo mais acadêmico e racional. O mistério se dá é na experiência. A experiência, quando abordada apenas desta forma, “objetiva” tende a esvaziar-se. Para se tornar viva ela precisa captar a linguagem da vida, da comunicação, da intuição, da realidade, assim como essa pulsa em nós e em nosso tempo. Mas precisa, também, ser confrontada com a nossa razão. Sem a compreensão crítica de nossa experiência não conseguiremos fazer do mistério um dado dinâmico de nosso projeto de vida. Projeto construído não apenas para nós e nossos filhos, como pessoas, mas também para nossa época, para nossa sociedade.

3. *Divisão do assunto*

Em primeiro ponto, pretendo orientar a atenção para a forma como a sexualidade emerge hoje em nossa sociedade. Interessa captar a proposta que nos é feita, de maneira quase subliminar e necessariamente ambígua e contra-

ditória, dentro das injunções impostas pelo modelo econômico, político e sócio-cultural que vem sendo aceleradamente imposto aos brasileiros de todas as classes sociais. No segundo ponto de nossa reflexão nos perguntaremos sobre nossas reações, em especial a de nossos jovens, ante a onda permissiva que marca o modelo de sexualidade nas sociedades de corte capitalista. O terceiro instante da palestra se destina a aprofundar mais criticamente as respostas que estamos dando ao problema fundamental de nossa sexualidade pessoal.

Em cada um destes três instantes usaremos metodologia extremamente simples. A matéria-prima da reflexão será buscada não nas teorias dos autores mas na cultura vivida, assim como ela se apresenta nos jornais, nas revistas, nos livros de tiragens fantásticas, nos programas televisivos que “fazem a cabeça” das multidões propondo valores, impondo comportamentos, gerando padrões de cultura.

I — A SEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Vamos situar a sexualidade na sociedade contemporânea analisando as idéias-chave de dois livros recentemente publicados nos Estados Unidos e fadados ao mais amplo êxito editorial, também em nosso país.

O primeiro livro se deve à mesma Shere Hite que em 1976 provocou enorme celeuma nos meios de comunicação de massa com o seu “Relatório Hite sobre a Sexualidade Feminina”. Essa jovem autora (cuja base científica é precária) passou a ser cognominada de “pitonisa do orgasmo”, tal sua insistência em propor o orgasmo como instrumento para afirmação e libertação da mulher em relação à dominação do homem. Seu objetivo, saudado com entusiasmo por militantes homossexuais femininas e por grupos liberacionistas, parece ter sido o de mostrar que a realização sexual da mulher deve depender cada vez menos do parceiro homem. E nessa independência, a ser ainda conquistada pelas mulheres, residiria uma das chaves da libertação feminina e um dos condicionantes básicos da nova sexualidade. Não é intenção minha reduzir a uma caricatura o trabalho de Hite. Mas foi assim, nessa forma de vulgarização e simplificação, que suas teses chegaram às revistas e aos debates de TV. Não seria justo, contudo, silenciar que, sob essa divulgação mais barata, se escondem alguns problemas sérios e fundamentais, tais como o do novo relacionamento homem-mulher, da libertação feminina em relação aos padrões machistas e opressivos da sociedade, do papel da mulher (também na vivência sexual), da questão da corporeidade e do prazer, etc.

Hite, agora sob o patrocínio de um dos maiores editores americanos (Alfred Knopf), volta à carga com um novo livro consagrado à descrição e análise da sexualidade do homem norte-americano. Essa segunda obra, ao que tudo indica melhor cuidada do ponto de vista metodológico, nasceu de um complexo questionário de 173 perguntas respondidas por cerca de cinco mil homens de todas as idades (dos 13 aos 90 anos). Essa segunda obra de Hite tem a pretensão de atualizar o famoso Relatório Kinsey que em 1948 marcou o início de grandes alterações no comportamento sexual em todos os países mais ou menos satelizados em torno da cultura e do “way of life” dos Estados Unidos.

Os milhares de respostas foram diluídas em um liquidificador sociológico e temperadas com diversos condimentos de cozinha psicológica. Todo o livro, a

exemplo do que já a autora fizera com os dados provenientes das mulheres, se baseia em depoimentos diretos dos entrevistados. Emerge daí um panorama até certo ponto surpreendente, quebrando certas idéias errôneas mas generalizadas que os meios de comunicação tentam inculcar nas pessoas, ao falarem, com tranqüila segurança, sobre a quebra dos tabus, a permissividade e a liberação sexual supostamente definitiva e ampla da atual geração humana.

Outro é o quadro que emerge. Mesmo sem tomá-lo como válido, não se pode deixar de dar-lhe um valor indicativo do que os homens norte-americanos sentem, pensam e vivem no campo da sexualidade. E, por tabela, do que é vivido também em países como o nosso, ao menos nas classes médias, tão condicionadas nos hábitos da imitação cultural. Saliento dois aspectos mais fundamentais dentre a multidão de constatações e hipóteses levantadas no livro.

Ao contrário do que faz supor a divulgação mais corrente, os dados indicam uma clara tendência heterossexual por parte dos homens em relação à prática sexual. Isto é, contrariando a publicidade extensa e agressiva que se faz no mundo capitalista da homossexualidade (veja-se, por exemplo, a maneira como imprensa, TV e vanguardas culturais lançaram entre nós a imagem-mensagem de Gabeira), os homens norte-americanos mostram-se “conservadores” neste ponto, embora seu comportamento basicamente heterossexual se apresente mesclado de aspectos auto-eróticos (masturbação) e de expressões da sexualidade antes fortemente coibidas pelos padrões puritanos da sociedade americana (ex. o sexo oral). Hite, como porta-voz feminista, interpreta esse “conservadorismo” de forma unilateral como sendo mais uma comprovação do narcisismo masculino: o homem após ter satisfeito e posto à prova a sua masculinidade falocrática na penetração da mulher (e neste ato se volta necessariamente para a “partner” feminina) revela a verdadeira natureza narcisista de seu comportamento no se repregar sobre si próprio no auto-erotismo e em outros expedientes que descaracterizam a dimensão relacional do sexo. De fato, 517 dos homens casados entrevistados confessam que apesar do intercuro sexual regular com suas esposas, lançam mão, também, da masturbação. Um deles escreve: “Sinto como se tivesse duas vidas sexuais, uma com minha mulher, outra comigo mesmo”.

Para Hite, isto vem reforçar a tese de seu livro anterior em que se postulava a necessidade do orgasmo independentemente conseguido como ponto de partida para a afirmação da mulher na sociedade machista de hoje.

Mas Hite, sempre com base nos depoimentos, chama a atenção para um outro ponto altamente preocupante. Cerca de 80% das respostas afirmam que a coabitação, sob qualquer forma, tende a ser um desastre. O fato de viverem juntos fortaleceria uma espécie de tédio masculino em relação aos deveres sexuais que competem tradicionalmente ao homem, por uma espécie de convenção social e distribuição de papéis sexuais: a obrigação da ereção, o dever da iniciativa e da agressividade, o “timing” para o orgasmo conjunto, etc. Há realmente uma certa estereotipia de cunho psicologicamente ambíguo nos relatos masculinos do livro que parece revelar inibição e insatisfação sexual. Fala-se com aparente desinibição e facilidade de assuntos, vivências e proezas sexuais; no entanto, segundo Hite, de fato, o homem médio americano vive um emaranhado de dúvidas e angústias sexuais, não adequadamente expressas e, em consequência, não resolvidas. A troca de “partner” (72% dos casados teve experiências extraconjugais

antes do segundo ano de casamento) parece não estar resolvendo esse aspecto fundamental. Há aqui um problema mais fundo, o da incapacidade do relacionamento homem-mulher. Faz falta o "mistério" acrescentaria qualquer observador menos preconceituoso que a autora do livro e mais disposto a chegar à raiz desse vazio sexual vivido por milhões de homens na sociedade tida como mais "avançada" do mundo.

O outro livro ao qual pretendo fazer menção tem estilo e intenções completamente diversos dos de Hite e levanta tese quase que inversa à daquela sexóloga feminista preocupada em afirmar o prazer físico independente da mulher como característica definidora de sua adulez e independência sexual. Esse outro livro, escrito por Gabrielle Brown, nasceu também na Califórnia, terra fértil em que medrou o sonho da permissividade total, da droga libertadora, da autogestão sem autoridade, das comunas anárquicas e naturalistas, das religiões de êxtase absoluto, dos "drop-outs", da revolução orgástica, do prazer sem limites, etc. Agora, com Gabrielle Brown, jovem psicóloga, levanta-se uma voz diferente, cuja tese de fundo poderia ser assim resumida: o verdadeiro amor humano não é permissivo, o seu suporte último não é a relação sexual e sim a castidade, a capacidade de se abster do gesto físico do sexo para poder se chegar ao núcleo central da experiência do afeto e do envolvimento amoroso. Para Brown, a onda permissiva que exacerbou a sexualidade entre os anos 60 e 75 trouxe consigo efeitos desastrosos. A facilidade de se chegar à intimidade sexual, a rotinação que transformou o sexo em uma espécie de esporte acessível a todos e a qualquer hora, acabaram por trazer apenas vazio e bagatelização. Tudo se reduziu à capacidade de ter ou provocar orgasmos. Perdeu-se a necessidade de se aceitar "a boa e velha vertigem da escolha e da decisão". Desapareceu o precioso sentido do limite, do espaço privado, do fascínio do mistério, coisas tão humanas e tão densas. Esvai-se a capacidade do enamoramento. Também Gabrielle Brown traz inúmeros depoimentos de pessoas que após um frenesi de transas e trocas compulsivas procuraram voltar a algo mais simples, ao amor, essa experiência em que o desejo se mantém vivo, intenso e constante sem se esgotar na posse do corpo ou na explosão do orgasmo. A verdadeira revolução sexual, eis a mensagem central de Brown, a condição real para o prazer duradouro e permanente é a castidade, a superação da obsessão da genitalidade e do sexo, principal geradora da ansiedade e causadora da solidão das multidões que não conseguem se abrir ao outro e só se permitem sentir como massa e não como pessoas.

Gostaria, a essa altura, de colocar para os pais aqui presentes uma pergunta provocativa: qual desses dois livros, o que propõe a liberação pura e simples do orgasmo ou o que faz o elogio da castidade é o mais ambíguo ou perigoso para quem se preocupa com a educação dos filhos, em especial adolescentes? A resposta não me parece ser assim tão evidente. Sem dúvida, o livro de Brown revela uma tendência complexa e profunda, oculta na moderna cultura urbano-industrial. Ele expressa o retorno da utopia da virtude, da comunhão, da reserva e da doação. Mas, ao analisar o contexto em que esse livro surge (a Califórnia de todos os vanguardismos) e o seu sucesso fácil nas livrarias, não se pode deixar de perceber que ele esconde talvez um alçapão não menos perigoso para o educador que aquele armado atrativamente pelo modismo da permissividade, tranqüila e fácil de Shere Hite. A castidade, também ela, em um mundo feito de padronização e de massificação, pode ser reduzida a um modelo externo

imposto desde fora e artificialmente às pessoas. E porque exterior à pessoa, nocivo ao desenvolvimento mais profundo do seu ser. Há, facilmente, em obras assim, mesmo quando bem intencionadas, uma falsa moral e uma alienação, sobre as quais não se pode construir uma sexualidade rica e pessoal. Há quem ligue, além disto, o surgimento de propostas como a de Brown à atual conjuntura política vivida pelos Estados Unidos. Após o desbragamento da década de 70, há na América do Norte uma retomada do conservadorismo: entre a vitória eleitoral de Reagan e as teses de Gabrielle Brown haveria um nexo, dizem alguns. Estariam eles assim tão longe da verdade? Pessoalmente, creio que não.

Para concluir, já que nosso primeiro ponto pretendia abordar a maneira como a sexualidade se apresenta na sociedade contemporânea, diria que, do confronto entre esses dois livros, podemos perceber que também hoje, para lá das aparências, a sexualidade continua sendo uma tarefa constantemente aberta que se propõe em forma individualizada a cada ser humano.

Sexualidade
Por ser ela intrínseca ao humano, ela é criativa como o próprio mistério de cada homem e de cada vida. Ela escapa às padronizações. Mesmo quando desfigurada e desumanizada, permanece como pequena e contraditória chama de esperança. Desvelar, liberar e fazer crescer essa pequena chama em direção à consciência e à liberdade me parece ser a tarefa que incumbe ao educador. Tarefa que, por definição, é obra realizada a dois, a partir de um confronto de experiências.

Os comentários feitos revelaram, ao mesmo tempo, a grande carga de expectativa e de ansiedade de que se reveste hoje a sexualidade e o seu caráter ameaçador. Ela é hoje esperança e risco. Por mais que se fale em individualização, liberdade e posse da sexualidade, do prazer e do corpo, por mais que pareça existir uma real liberação e vivência nova da sexualidade por trás da faixa permissiva, no âmago da vazia bagatelização e comercialização do sexo, o que se nota é o controle, a manipulação, o recalque, a solidão. Ora, o homem não é nem pode aceitar ser isto. Por essa razão a temática da sexualidade na sociedade contemporânea se torna objeto de tanta polêmica e nos chega, a nós, adultos e aos nossos filhos, como uma grande questão existencial, que precisa ser compreendida e enfrentada para encontrar uma perspectiva de verdadeira realização pessoal em meio às contradições e incertezas da sociedade de hoje.

Pelo fato de ter partido de duas publicações estrangeiras (por supô-las ideologicamente mais próximas e mais acessíveis ao público que me escuta e à mentalidade geral instaurada em certas camadas da população brasileira), deixei muito na penumbra alguns aspectos fundamentais da sexualidade na sociedade brasileira contemporânea. São aquelas que se ligam às características básicas de uma sociedade subdesenvolvida, com dezenas de milhões de miseráveis absolutos vivendo em condições as mais precárias. Mais adiante tocarei explicitamente neste ponto fundamental para se caracterizar em forma objetiva a sexualidade em nossa sociedade hoje.

II — A JUVENTUDE (E NÓS) ANTE A SEXUALIDADE

A pergunta para a qual se volta agora a nossa atenção é a seguinte: como os nossos filhos (a juventude) e como nós próprios somos afetados por esses

padrões de comportamento que a sociedade forja, dentro de sua lógica e mecanismo de produção cultural, e nos impõe como normativos para nossa realização sexual? Haverá uma palestra especial para discutir as condições específicas da sexualidade do jovem hoje. Não é intenção minha entrar por esse tema. Mas a proposta por mim feita no início da palestra exige que consideremos a maneira como nossos jovens buscam caminhos (novos e críticos, alguns; massificadores e alienantes, outros) para se afirmarem ante a avalanche contraditória de sugestões e promessas de gozo, de felicidade e de amor que os acomete. E, naturalmente, com forte carga de ansiedade e anomia, pois essas fazem parte do cerne mesmo da sociedade hoje. Seguirei o mesmo método de lançar mão de episódios e discussões divulgados pelos jornais, livros e filmes em circulação.

1. *“uma rosa é uma rosa, é uma rosa”*

Eugênio Marer é um jovem psicólogo do Rio de Janeiro. É “pai solteiro”, ao que parece. Com seu filhinho pôs-se a caminho de Nobres, cidadezinha situada a 150 km de Cuiabá. Seu objetivo era participar de uma espécie de Congresso convocado para discutir a experiência de vida das centenas de grupos e de comunidades livres, de gente muito jovem, que busca uma alternativa ao modelo de vida que está aí. Este modelo parece ser, à primeira vista, o único válido e possível. No entanto, a cada dia revela mais suas inconsistências e seus absurdos, seu caráter destrutivo, para a convivência humana e para a própria natureza. Nos países ditos desenvolvidos a juventude é muito mais sensível a esse tipo de percepção. Tal sensibilidade, quase sempre aliada a atitudes de contestação, talvez se reproduza entre nós por mimetismo cultural. É fácil e atraente ser “hippie”. É impolgante ser “revolucionário”. A “transa” colorida do sexo, a vida levada mais em liberdade, o sentimento caloroso de uma pertença grupal, tudo isto reforça os mecanismos de reprodução cultural que caracterizam a sociedade capitalista. Mas, há seguramente mais neste esforço em teimar na afirmação de que “uma rosa, é uma rosa, é uma rosa”. Após participar do encontro de Nobres, o psicólogo escreveu:

“Senti que algo em mim mudou. Não sei o que seja, mas sei que o meu caminho já não é o mesmo. Foi um encontro em que havia mais gente interessada em morar em comunidades do que comunitários. Agrônomos, médicos, arquitetos, andarilhos, jornalistas, psicólogos, padres, gente de tudo que é lugar com um propósito comum: procurar alguma coisa na relação com as pessoas, que não seja estudar, trabalhar, casar, ter filhos e morrer” (levei meu filho, Flávio, de dois anos,) porque “não devemos deixar nossos filhos de fora de nossas mudanças de vida se acreditamos nela”.

Os grupos presentes em Nobres eram extremamente diversificados: desde monges vivendo em estilo oriental, com abstenção sexual, até grupos de livre transa sexual, partidários da droga, para os quais a maconha é quase que um símbolo de identificação e afirmação cultural. Havia os grupos politizados, interessados em acionar uma proposta de mudança social. Não faltavam também intelectuais mais dispostos a fundamentar teoricamente a questão da liberação

do corpo e discutir o caráter repressivo da sociedade capitalista. A respeito de alguns problemas muito concretos se estabeleceram logo posições radicais que punham em perigo a realização do congresso: Por que as mulheres da comunidade hospedeira, e só elas, deviam lavar os pratos? Por que se submeter a dietas alimentares? Por que essas rezas e infundáveis exercícios de meditação? Tudo isto mostrou a disparidade de intenções dos participantes. A agenda formal de discussão (tecnologias alternativas, educação das crianças, medicina natural, etc.) mais escondia dissensões do que revelava um campo comum de preocupações que, no entanto, parece existir (artesanato, contacto direto com a natureza, crítica aos valores do sistema, busca de novas formas de convivência, quebra dos padrões de autoritarismo, etc.). Essa parece ter sido a tônica do Congresso, conforme depõe o mesmo psicólogo:

“Os problemas são discutidos, mas ficam em suspenso. Parece haver medo das discussões como se elas fossem desintegrar o grupo. Esta é uma constante do encontro. No entanto, a diversidade de pessoas com posturas diferentes acaba fazendo com que a convivência de todos os dias seja extremamente rica. Os grupos mais radicais são contidos ... e passam a existir grupos dissidentes...”

Para quem chegasse no acampamento de Nobres, naqueles dias, a visão idílica do todo (atividade coletiva na terra, banhos nus no riacho, conversas à luz das fogueiras, exercícios corporais de liberação, meditações com o rosto voltado para o sol da manhã, etc.), seguramente, daria uma impressão apenas parcial do que estava acontecendo. Não é fácil viver crendo que uma flor, é uma flor, é uma flor. Há espinhos neste ato de fé, se se tenta vivê-lo.

2. *E nós adultos, como ficamos?*

Nós adultos, ao vermos essa busca inquieta de autenticidade de nossa juventude, mas, muito mais, ao encararmos honestamente nossa própria experiência sexual e humana, não podemos deixar de reconhecer que a sexualidade, como nossa cultura, acha-se em um processo de ruptura, de transição de valores e quebras de padrões. Ela é “perigosa”, mesmo. Nós pais nos sobressaltamos e com razão queremos preservar nossos filhos de decepções amargas e de cicatrizes insanáveis. Creio que, levados por essa preocupação, caímos facilmente em dois perigos. O primeiro é o de supor que podemos seguir educacionalmente o amadurecimento sexual de nossos filhos, orientando-o, preservando-o, etc., sem que ponhamos nossa própria sexualidade em questão. Isto é, sem que a façamos crescer e amadurecer dentro de um processo pessoal de auto-revisão. Essa única via capaz de nos tornar livres em relação aos modelos e valores que desde fora nos são empurrados. O segundo perigo se resume em um dilema ético-pedagógico muito freqüente que precisa ser desmascarado, porque falso. Muitos pais ficam sem saber se devem transmitir nos filhos uma moral “adequada” (que seria constituída pelos valores e comportamentos dos próprios pais, ou da psicologia moderna, ou de uma dada religião, ou, ainda, do relativismo socialmente vigente) ou se devem, antes de tudo, ajudar a criança ou o adolescente a buscar

e a refletir sobre sua própria verdade (supondo alguns que isto significaria assumir uma posição relativista).

Ora, educar a sexualidade supõe que se estabeleça desde a infância um clima de troca em que os valores e comportamentos emergem com liberdade, sem imposições. Isto não significa que os pais não tenham posições. Pelo contrário, exige que as tenham e as coloquem diante dos filhos, para que esses se confrontem com elas e possam formular sua própria experiência de vida. Essa atitude pedagógica supõe mais do que um pacote moral, que geralmente leva ao sentimento de culpa e à alienação existencial de quem “sabe” o que é certo mas o “vive” de forma errada.

Há aqui um problema de natureza teórica que diz respeito não só ao conceito de educação mas à conceituação da própria moral. Um teólogo moralista (Moser) escrevia recentemente que a ética se define não pela deontologia (o que deve ser feito ou deixado de ser feito; o certo e o errado) mas pela teleologia, isto é, pela linha e o ponto em direção ao qual (“teles” em grego é o mesmo que meta ou alvo) a vida, o comportamento global e, neste contexto mais amplo, os atos da pessoa se encaminham. Este “alvo” para o qual se deve orientar nossa sexualidade não é algo abstrato a ser captado através da transmissão do teoricamente certo. Apesar das incríveis manipulações a que a sociedade contemporânea submete todas as dimensões mais profundas do ser humano, apesar da confusão reinante sociológica e culturalmente, apesar da grande habilidade e ambigüidade de nossos mecanismos subjetivos de percepção e de julgamento, o fato é que esse “alvo” continua vivo e presente, hoje como ontem. Se dermos condições à nova geração ela o descobrirá e o fará seu. Esse é o objetivo que devemos ter em mente como educadores. Que os jovens possam, e oxalá com melhores chances que a nossa geração, descobrir e viver a meta que polariza essa dimensão constitutiva do homem: a sexualidade. E que recebam ajuda para discernir a partir de sua experiência, o que é certo e errado.

Como seria importante, por exemplo, que os adolescentes vivenciassem este princípio moral básico que, segundo os insuspeitos e despreconceituosos Ernest von Xylander e Alex Comfort, é a condição “sine qua non” para a felicidade sexual: “tu não podes utilizar-te dos sentimentos de uma pessoa sem respeito, nem expor desonestamente esta pessoa a experiências decepcionantes”. Este princípio só é existencialmente ético quando ensinado pela lição da vida, que é a própria experiência confrontada com a do outro; os jovens saem de uma moral deontológica e incorporam em seu projeto de vida valores e atitudes teleologicamente afinados com essa norma essencial.

Nós cristãos, que sabemos da principalidade radical do amor e conosco todos os que se firmam em uma moral nascida da experiência de Deus, não temos razão alguma para entrar em pânico ante essa exigente perspectiva do educar e da norma moral. Para quem vive a moral bíblica que é relacional (o próximo), mas se funda na certeza e na comunhão com um amor absoluto e presente (Deus), tal perspectiva vem oferecer um melhor substrato para a vida e a espiritualidade sexual.

3. *De idiota social a idiota sexual?*

O MEC e o Ministério da Justiça financiaram uma pesquisa sobre o perfil psicológico de 40 jovens de São Paulo, surpreendidos e presos pela polícia por participarem dessas loucas corridas de carros que põem em sobressalto as madrugadas paulistas. Interessava saber quem são esses rapazes, alguns dos quais causadores de desastres com vítimas. Para surpresa dos autores da pesquisa os pilotos dessas supermáquinas, com exceção de apenas dois, qualificados como psicopatas, são pessoas normais, filhos de famílias bem constituídas, com renda média relativamente baixa (5 salários mínimos), e eles próprios em tudo iguais aos seus coetâneos de mesmo nível sócio-cultural. Longe de serem personalidades marcadas pela instabilidade neurótica, pela agressividade compulsiva ou por necessidades suicidas inconscientes, eles se revelaram como portadores de traços de personalidade, atitudes e valores bem comuns. Apenas um entre os 40 não trabalhava, todos possuíam carta de motorista, a quase totalidade deles não estudava. Ainda por cima, constatou-se que quase todos eram hábeis no volante. Perplexos, não podendo qualificá-los nem de filhinhos de papai viciados e corrompidos, nem de tresloucados ou psicopatas, os psicólogos os classificaram com um termo novo, chamando-os de “*idiotas sociais*”.

Sei que essa expressão pode ser mal interpretada e mal usada, tornando-se mais um chavão fácil na mente de indivíduos preconceituosos e incapazes de compreenderem a complexidade do comportamento humano e as reais condições de massificação e vazio a que a sociedade confina a juventude. Quem assistiu a sátira de Peter Sellers à sociedade norte-americana (filme “*o videota*” ou “*Muito além do Jardim*”) não poderá deixar de, preocupado, reconhecer a propriedade do termo “*idiota social*”. Só que nós todos, e não só os jovens dos “*rachas*”, estamos ameaçados e por todos os lados pelo vírus letal dessa idiotice coletiva. E quem viu o filme há de se lembrar da cena de sexo entre Sellers e Shirley McLaine, toda ela comandada por um monitor de TV, o único estímulo que move o “*videota*” (o idiota do vídeo) espécie nova de “*homo non sapiens*” maquinalmente comandado pela TV, mas em perfeita sintonia com os que dirigem a política, a economia, a cultura e a diplomacia desta sociedade irremediável e estruturalmente “*idiota social*”. Ora, o idiota social só pode ser um idiota sexual. Esse o grande impasse de nossa sexualidade, hoje. A juventude talvez esteja tentando lutar contra tudo isto ao partir para os rachas “*em carros superequipados, com motores envenenados, acompanhados de meninas em ‘topless’ e fumando maconha*”. Mas estará ela, a juventude, condenada a ir da idiotice social à idiotice sexual, ou vice-versa? Eis a questão.

III — APROFUNDAMENTO CRÍTICO DA QUESTÃO

É relativamente fácil, também para a absoluta maioria dos jovens, reconhecer o perigo das drogas. Já é bem mais complexo perceber o perigo dos modismos que envolvem a sexualidade humana. Mais difícil ainda é captar os mecanismos que a encadeiam, como em um férreo círculo vicioso, ao universo maior da idiotice social.

1. *Sexualidade em uma sociedade subdesenvolvida e de consumo*

Quase sempre toda a discussão em torno da sexualidade esquece as reais condições em que se dá a vida sexual da grande maioria da população. As frustrações, desvios, propostas, necessidades, insatisfações, críticas, processos de análise, tentativas de solução, questionamentos políticos e modelos culturais das classes dominantes passam a ser automaticamente os de toda a população. Onde chega a imagem das novelas da Globo, impõe-se rapidamente a superficial problemática das “cocotas” do Ipanema, das desquitadas da Barra e dos burgueses desse engraçado mundo pseudocarioca criado pela TV, como sendo a problemática real de todos os brasileiros. Quem conhece o Rio e o Brasil sabe ser bem outra a realidade. O que há é o desemprego, a fome, a delinquência, a acumulação da riqueza. Essas distorções e desigualdades de nossa sociedade se refletem em todos os setores da vida humana. Os modismos, talvez especialmente os que se referem à esfera da sexualidade, são eficientes mecanismos ocultadores dessa situação. Eles reduzem as distorções clamorosas através da ilusão do consumo igualitário. Todos se podem satisfazer vendo duas pornochanchadas pelo módico preço de 60 cruzeiros em qualquer cineminha sujo do centro das cidades. A quem detém o poder (não se trata de pessoas e sim do sistema) interessa divulgar os modismos homogeneizantes, neutralizadores de tudo o que é vital, crítico, espontâneo, radical (no sentido de ir à raiz e ao fundo do problema). Nada melhor para garantir a permanência da idiotice social do que fomentar a exacerbação pseudolibertária, padronizada, massificadora da idiotice sexual. É uma forma altamente eficiente de matar a afetividade, a imaginação e o Eros no que possuem de mais pessoal, de mais criativa e de mais revolucionário. Neste contexto crítico, cabe muito bem um protesto contra essa indústria cultural pornográfica que azeita o sistema produtivo consumista e com isto impede tudo o que é legitimamente subjetivo, o que leva à solidariedade e o que favorece o posicionamento autônomo e a contestação. E isto em um país de 30 milhões de miseráveis absolutos, com 24% de analfabetos totais, com 8 milhões de crianças em idade escolar fora das escolas e quase todos eles já condenados a engolir as versões vulgarizadas de Hite, de Wilhi Reich, e de tantos gurus e estrelas nacionais na sagrada hora das novelas ou nos serões dominicais do “Fantástico”. E 1984 ainda nem chegou!

Vejam, como exemplo, o caso da sexualidade da mulher operária. Quem vê na Sônia Braga ou na Vera Fischer o protótipo feminino não poderá deixar de supor que a mulher operária, a que vive nas periferias ou nos barracos de favela, carregada de filhos, trabalhando em condições difíceis, enfrentando a precariedade familiar e conjugal, é alguém que não possui sexualidade e afetividade. Sobretudo, porque é gasta, doente e feia em comparação com as duas estrelas acima nominadas. Bem outra é a realidade, como mostra um filme lindo feito em um clube de mães da periferia de S. Paulo (“Minha vida, nossa luta”), do canal 2, Cultura. São muitas, dolorosas e sofridas as necessidades afetivas e sexuais da mulher e da mãe da periferia. Nelas se espelham, sem dúvida, todas as questões ligadas às duras privações econômicas, ao trabalho pesado, à total ausência de condições habitacionais para um mínimo de privacidade conjugal. Mas nelas se revelam também uma riqueza humana e uma sensibilidade que nem esse imenso drama da miséria conseguiu afogar completamente.

Talvez o bombardeamento contínuo da propaganda e dos mitos do consumo sejam a maior ameaça que pesa sobre a mulher trabalhadora e pobre. Mais do que as adversas condições de vida e o peso das preocupações para sobreviver o que a está ameaçando de uma esquizofrenia é a cisão que a sociedade provoca nela entre quem ela é, sente e quer e o que, desde fora, a cultura de massa impõe que ela seja, sinta e queira. Vêm daí tantos males do corpo e da mente que nem mil postos médicos e psiquiátricos poderão trazer alívio. Pois a questão não é nem de medicina nem de psiquiatria.

2. *A alienação da sexualidade humana*

O conceito de alienação é indispensável à compreensão da sexualidade humana na sociedade contemporânea. A moderna organização do sistema de produção, no capitalismo como no socialismo, é o fundamento último desse processo de alienação da sexualidade.

À luz do que se disse no parágrafo anterior se pode ver que o homem é hoje desenraizado de qualquer posição que lhe permita dominar e dirigir sua vida e a vida da sociedade. Ele se vê colhido no vórtice de forças historicamente criadas por um sistema que cada vez mais o envolve e sufoca. Nesta espiral afogante o homem se vê cada vez mais distante do que é vital, concreto, realmente sentido como seu. Sua sensibilidade, sua sexualidade, se alienam, isto é, perdem a sua verdadeira identidade, desvinculam-se de sua experiência. Com razão diz Fromm que a alienação “é um modo de experiência em que a pessoa se sente estranha a si própria ... não se sente como centro do seu mundo, como criadora dos seus próprios atos. Estes atos com suas conseqüências se transformaram em senhores, aos quais a pessoa obedece e quicá adora. A pessoa alienada não tem contato consigo mesma e também não o tem com nenhuma outra pessoa. Percebe a si e aos demais como são percebidas as coisas: com os sentidos e com o senso comum, mas sem se relacionar criativamente consigo própria e com o mundo que a cerca”. Esta expropriação do sentimento e dos ligames da identidade faz com que o homem alienado se torne incapaz de se ver e de propor como portador e sujeito de suas potencialidades e de seus limites. Torna-se, antes uma “coisa empobrecida”, presa ao que lhe é externo e dependente de poderes e de modelos sobre os quais projeta o que nele é vital.

CONCLUSÃO

Essa visão da alienação nos leva bem próximos ao que parece caracterizar a sexualidade massificada de hoje. De um ponto de vista crítico não devemos contudo, pensar que este desenraizamento do homem seja apenas um jogo que se processa no interior das consciências. Ele, de fato, se liga a precisos mecanismos de exploração e de dominação que não podem ser esquecidos se quisermos criar um mundo em que a sexualidade venha a desenvolver toda a sua potencialidade, riqueza e sentido humano. É esse o mundo que desejamos para nós e nossos filhos. Há muito, portanto, que trabalhar para o surgimento deste mundo. Oxalá o tema do XVIII Congresso Nacional da Escola de Pais do

Brasil nos possibilite a oportunidade de começar a fazer algo não só dentro de nossas casas mas também em relação a essa sociedade concreta em que estamos vivendo.

BIBLIOGRAFIA

1. BROWN, G. — L'eloggio della castità, Mondadori, Milano, 1981.
2. HITE, S. — The Hite Report on Male Sexuality, A. Knopf, Boston, 1981.
3. HITE, S. — O Relatório Hite, Bertrand, Lisboa, 1979.
4. MARER, E. — Viver comunidades, em Rádice, n.º 11, p. 27-30, 1981.
5. MOSER, A. — Perspectivas teológicas sobre a sexualidade, CRB Rio de Janeiro, 1981 (mimeo).
6. VON XYLANDER, E. & COMFORT, A. — Der Aufgeklärte Eros, Muenchen, p. 120, 1963.
7. As entrevistas citadas são do jornal "A Folha de S. Paulo".

ALGUMAS DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL

*José Bonifácio Coutinho Nogueira **

Ao aceitar falar sobre educação sexual, fi-lo sob uma ressalva. Leigos, pseudo e falsos especialistas já falam demais sobre a matéria. Este empresário e bacharel em direito, a rigor, não deveria também enveredar pelos descaminhos dos discursos vazios sobre a sexualidade.

Aceitei a solicitação, porém, por ter sido o Secretário da Educação que decidiu não permitir (o que é sempre terrível) que a Educação Sexual fosse incluída, neste Estado, como disciplina curricular, na rede estadual de ensino.

A favor da inclusão, na época, militavam fortes pressões, tanto emanadas do modismo quanto dos psicólogos em busca do emprego que lhes falta. Psicólogos, alguns saídos de faculdades formadoras sérias, outros das faculdades de fim-de-semana, mas todos sofrendores dos efeitos da plethora de cursos aprovados pelo Ministério da Educação, ao arrepio da realidade de nosso mercado de trabalho.

Postos de lado a frivolidade dos porta-bandeiras do modismo e o legítimo interesse dos profissionais, tive de ater-me ao exame do problema, face à realidade administrativa da rede estadual do ensino.

Na matéria, o único erro sem remissão teria sido a omissão. Omissão injustificável em se tratando de debate sobre educação sexual, sobre o qual já pesam séculos de trevas e de silêncio.

Como diz o Padre Charbonneau, "o silêncio foi sempre uma sutil forma de acomodação". Nos tempos passados, mas ainda tão próximos, nos quais o silêncio era de ouro, em matéria de sexo, os adultos deixavam entregues a si mesmos os jovens, cuja curiosidade natural era tachada de tara ou, no mínimo, considerada como mórbida.

Para fugir das trevas, porém, não é preciso adentrar a fogueira...

Para ser-se educador é preciso ser-se educado. Em todo o mundo, existem pouquíssimos cursos superiores de formação de especialistas em educação sexual. Até há bem pouco, pelo menos, a literatura só se referia aos de Toulouse. Certamente, no Brasil, eles inexistem. Assim, atendendo ao que se pleiteava, estaria-

* Advogado. Secretário de Estado dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo, no período de 1974/79. Presidente do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil.

mos entregando o assunto dessa capital importância a profissionais com experiência no ramo da medicina, da pedagogia ou da psicologia, mas nunca para especialistas formados e treinados para a educação sexual.

Se essa foi a primeira dificuldade, o gigantismo do universo escolar a ser abordado, ainda mais agravava o quadro. Só na rede estadual de ensino temos 4.400 escolas, cada uma com três turnos diários. Seria pouco honesto, admitir-se que o assunto pudesse ser focado sem a previsão de, pelo menos, um mínimo de um especialista para cada turno, de cada unidade. Só aí seriam mais de 12.000 “sexólogos”, fora as reservas para férias, licenças médicas e tantas outras situações naturalmente ocorrentes. Onde e como recrutar cerca de 15.000 educadores capazes de atender à seriedade do objetivo? No Brasil, não temos cursos, bibliografia e material pedagógico para semelhante projeto. Para ser bem franco, não temos sequer o projeto...

Na época, é bom que se esclareça, só na rede oficial tínhamos, sob nossa gestão, 2.862.000 alunos de 1.º Grau e mais 545.313 de 2.º Grau. Para esse gigantesco universo, um programa de educação sexual não poderia, jamais, deixar de mobilizar, não apenas 3,4 milhões de alunos e 15.000 professores, como, sobretudo, teria de sensibilizar milhões de famílias, estas muito em especial. Ora, melhor do que ninguém, sei que a Secretaria da Educação não tem sequer pré-condição de realizar essa coordenação, com a eficiência e a seriedade funcionais indispensáveis. Assim como as famílias, dada a sua pobre penúria social, não dispõem de condições para participar de semelhante proposta.

O município de São Paulo fez um pequeno plano piloto. O que encontraram os seus avaliadores? “Para as pedagogas que participaram diretamente dos estudos e discussões sobre o curso de orientação sexual, a dificuldade maior foi encontrar subsídios teóricos para a experiência. A literatura sobre o assunto só trata de aspectos fisiológicos e de anatomia, e coube às orientadoras desenvolver a parte criativa do curso (sic)”. Terminado o curso, dos 352 alunos, apenas 25,2% responderam com acerto à questão sobre a localização da vagina. Interrogados sobre os caracteres secundários, masculinos e femininos, que aparecem na puberdade, 65% dos professores no pré-teste demonstraram desconhecer a maioria daquelas informações. No teste feito posteriormente ao treinamento, o índice de respostas erradas aumentou para 87%. Esta é a realidade. O mais são sonhos. Felizmente, Deus não me fez sonhador.

Outra consideração que nos fez refletir muito foi o aspecto individual e familiar que o assunto envolve. Cada aluno é um ser humano com individualidade própria. A sua educação sexual é feita a partir de seus próprios problemas. Assim, também, cada família tem a sua própria ideologia. Na realidade educacional paulista, ao menos no ensino público, existe enorme rotatividade de alunos, mercê da inexorável rotatividade profissional dos pais, no mercado de trabalho. De outro lado, ocorre igual movimentação de professores na rede, diante da sistemática dos concursos de remoção. Assim, alunos e educadores são extremamente nômades. A individualidade da educação do aluno seria impraticável, dentro desse processo. A intimidade indispensável entre escola e família seria impossível. O educador e o educando não se identificariam num trabalho permanente. Assim, não haveria processo educativo algum. Seria mais um engodo, mais uma mistificação.

Do ponto de vista teórico, é essencial que a educação sexual faça-se a partir do pleno conhecimento dos valores culturais, sociais e morais da família. Sem isso, ela é deseducadora, gerando choques entre os valores da escola e os da família. No universo escolar de São Paulo, temos situações que levam a valores necessariamente múltiplos. Nas classes, convivem paulistanos, interioranos, nordestinos, filhos de imigrantes, cristãos, maometanos, umbandistas, espiritualistas, enfim, uma multiplicidade de situações que trazem consigo contradições culturais muito forte. Sobre os complexos temas da virgindade, da masturbação, etc., encontraríamos, no corpo discente, conceitos e preconceitos essencialmente heterogêneos. O mesmo acontece com professores, que não constituem um corpo unificado do ponto de vista filosófico e ético. Misturando culturas e valores irreconciliáveis, na educação sexual, estaríamos contribuindo para a implosão da personalidade da clientela escolar.

Do ponto de vista da curiosidade intelectual, já que na prática a implantação aqui é impraticável, é extremamente importante verificarmos o que tem acontecido, em todo o mundo. As múltiplas experiências feitas não apresentam avaliações favoráveis. Muito ao contrário, o que se lê são elencos de dúvidas, as mais sérias.

O caso da França é bem elucidativo. Apesar do grande esforço que ali se fez a partir de 1968, não obstante as dezenas e dezenas de instituições particulares (só no Conselho Superior de Informação estão representadas 35) que se dedicam à educação sexual, as restrições estão claramente descritas na literatura pedagógica. Em sucessivas portarias ministeriais, o governo tem andado para a frente, com extrema cautela e prudência. O interesse dos alunos é decrescente, apesar de todo esse esforço oficial. Hoje, quando uma entidade consegue, lá, sensibilizar 40.000 alunos divulga a cifra como um êxito. Aqui, deseja-se que a pobre Secretaria da Educação sensibilize 3,5 milhões.

No processo implantado na França, cabe ao professor de Biologia um papel preponderante. Pois bem: na sofisticada cultura daquele país desenvolvido, 30% deles se recusaram terminantemente a trabalhar no assunto por não se considerar com formação suficiente. No campo do magistério, o horizonte não é, pois, menos cinzento.

Ainda na França — e esse é o depoimento de Claude Lejeune em “L’Education Sexuelle em Milieu Scolaire” — depois de um período de grande moda, o assunto caiu no esquecimento, substituído por outro centro de interesse, dentre os quais são citados a matemática moderna e as eleições para os Conselhos da Escola. As reuniões com centenas de pais para tratar de educação sexual constituem, apenas, parte da memória, lembranças do passado, que só voltam, em parte, por algum acontecimento espetacular, como a gravidez acidental de uma aluna, o aborto de outra, fatos que geram uma especial “operação educação sexual” no ambiente atingido. A atitude dos pais passou a ser passiva e de inércia. Exemplo disso são as estatísticas do movimento francês para o Planejamento Familiar que conseguiu fazer 522 reuniões de pais em 1977 e apenas 237 no ano seguinte, e que havia sensibilizado 20.000 pais em 1973 e apenas 2.000 em 1977. Assim, é preciso sermos bastante objetivos para não pensar que o modismo efêmero do problema tenha o caráter de permanência indispensável ao trabalho comum da família e da escola.

Num país como a França, as entidades tiveram de recorrer, por falta de melhor solução, ao apoio dos chamados animadores escolares, que às vezes chegam a ser franco-atiradores no assunto, e cuja formação se faz por cursos de 200 horas. Apenas 200 horas para prepará-los a enfrentar, junto aos nossos filhos, os complexos problemas da homossexualidade, da experiência pré-matrimonial, da masturbação, da moral sexual, etc., etc. As nossas faculdades formadoras, que responderiam por tais cursos no Brasil, não seriam sempre e igualmente confiáveis. Se lá, entre tais animadores, surgiu um grupo organizado que se denominava Front Homosexuel d'Action Revolucionaire, os riscos, em nosso ambiente, não seriam menores.

Outra realidade com que se defrontaria o poder público na implantação de um sistema de educação sexual seria a absoluta carência de material pedagógico. A França diz-se paupérrima no assunto, e conta-se ali com dezenas de filmes apropriados. Só uma organização tem 29 filmes e 4.000 dispositivos. A nossa escola, via de regra, não tem sequer projetores.

Ainda na França: sobre o plano nacional, uma pesquisa do IFOP (Le Quotidien du Medicine) reflete que apenas 30/40% dos alunos inscritos voluntariamente, portanto clientela interessada, assistiu às reuniões, quando fora dos horários escolares. Os que se desinteressaram, apresentaram as seguintes razões: 10% pela posterior recusa dos pais, 26% por serem os cursos fora dos horários escolares e 50% por terem perdido o interesse e já se considerarem informados. Assim, a própria volúpia da juventude pelo assunto poderá ser questionada.

A Secretaria da Educação iniciou o seu trabalho onde lhe era possível. Decidi que teríamos condições de avançar apenas pelo caminho da informação sexual, sem conotações filosóficas e éticas. Isto nos impediria de ouvir, aqui, o que disseram os estudantes suecos, em bem conhecido manifesto: "queremos fatos, nada de moral. A vida sexual dos alunos pertence ao seu próprio domínio privado".

Numa ampla primeira fase, a matéria terá, pois, tratamento objetivo, neutro, científico, tendo por núcleo central a disciplina de Biologia. Nessa área, os excessos e os abusos são, necessariamente, limitados. Na medida em que se conseguir avaliar positivamente os resultados dessa ação, poderemos pensar no projeto de educação sexual. Para integrar, de forma apropriada, a sexualidade do adolescente em sua personalidade, é preciso muito mais do que o simples modismo.

Ao limitar de certa forma o conteúdo da informação sexual aos aspectos biológicos, anatómicos e fisiológicos, que é o que se pode fazer neste instante, sabemos que a omissão dos aspectos psicológicos constitui numa certa mutilação. A própria problemática do amor, cuja importância confere grandeza e dignidade à sexualidade, poderá correr o risco de ficar diminuída. Pela teoria do mal menor, é muito menos nocivo percorrermos com alguma segurança a primeira metade do caminho do que nos precipitarmos, sem nenhuma segurança, rumo ao fim da caminhada. Aliás, o Ministério da Educação, na França, em 1973, agiu exatamente dentro dessa perspectiva e dentro desses limites.

A informação sexual, como modalidade restrita da educação sexual, busca comunicar os conhecimentos básicos e científicos, de forma tanto quanto possível neutra, sobre a sexualidade, sem considerações de ordem filosófica ou ética. No

campo da Biologia, da anatomia, ela avança dentro de um campo em que a escola pode e deve fazer o seu trabalho. A educação sexual, no seu sentido mais abrangente, permitiria ao adolescente situar-se face à sexualidade em geral e à vida sexual em particular, dentro de uma visão filosófica e ética. Qual seria a possibilidade prática de unificarmos a visão filosófica e ética de um universo de mais de 3 milhões de famílias e de 15.000 educadores?

A nível de informação científica, integrada nos programas de Biologia, poderá haver dispensa da autorização paterna. A educação sexual integral, porém, não apenas exige a autorização paterna, como impõe a presença familiar durante o seu desenvolvimento. Como chegar-se a isso num universo onde, não se conseguiu, ainda, maior integração entre lar e escola? Se os pais são fracos na ciência da matéria, serão violentos se os seus valores fundamentais forem contrariados e agredidos.

Na educação sexual, de tipo normativo, marcada por uma ideologia determinada, há sempre uma diretriz filosófica ou religiosa que é aplicada de maneira claramente definida, ao passo que a informação sexual, embora nunca possa ser totalmente neutra, deve procurar essa neutralidade. Ficamos nesta forma porque a entendemos exequível. Apenas por isso. A isso chegamos pelo bom senso.

André Berger, repetindo Louis François, recorda que a expressão sexual resume duas coisas distintas:

- a) a informação sexual;
- b) a educação sexual.

O primeiro problema é científico, embora podendo comportar um fim moral. O segundo é essencialmente moral, mas pressupõe um conhecimento científico. Quantos educadores teríamos entre nós em condições de associar o pleno domínio dos problemas científicos e morais que a matéria comporta? Certamente, não os 15.000 de que careceríamos.

Se na faixa de educadores, por falta de formação superior especializada, teríamos dificuldades em caminhar com segurança, o que ocorre e o que deverá ser feito na área mais importante da problemática, que é a família?

Acima de tudo, será indispensável partir-se da família para chegar-se à escola. Sem identificação das atuações da escola e da família, nada deverá ser sequer tentado. A fase de hipersexualidade passará como passou a da hipossexualidade. O equilíbrio certamente será encontrado, se e quando tivermos condições de investir tempo e recursos materiais na presença da família dentro do processo de educação sexual. A ação dos que querem resolver o problema deve centrar-se no preparo da família para a educação sexual. Na área da Saúde, com o esforço de adaptação dos professores de Biologia, com a presença da entidade como a Escola de Pais e as Associações de Pais e Mestres, poderemos começar algum trabalho. A rigor, ao invés de começar pelo aluno, deveremos começar pelos pais.

O diálogo familiar, por si só, mesmo que isso não esteja no consciente dos partícipes, transpõe com prudência os limites da informação sexual e adentra o campo da própria educação sexual. Os instintos, desde cedo, são integrados,

bem ou mal integrados, na personalidade do adolescente sob a influência direta do lar. Fazer educação sexual sem a família é não apenas impossível do ponto de vista pragmático, como tenderá a confundir o adolescente com a dualidade de educações sexuais distintas.

Ao menos na escola pública da década dos 80 a educação sexual mais ampla é projeto irrealista. Ao tentá-la, agora, transformaríamos adolescentes em meras cobaias. As nossas dúvidas ainda estão no campo da interrogação: ensinar o que e à quem?

A consulta às famílias é essencial no que concerne à escolha dos educadores. Como fazer-se isso numa rede oficial de ensino, onde a admissão do professor é feita pela via do concurso e a sua designação, para cada escola, é efeito de concursos de remoção. Em que momento seria possível a compatibilização da ideologia dos pais com a do educador?

É preciso não nos esquecermos que os psicólogos, como os médicos, como os professores estão ainda no noviciado do assunto específico da educação social, como disciplina curricular. As entidades do tipo da Escola de Pais e das Associações de Pais e Mestres é que poderão colocar esse noviciado sobre vigilância da família. Tais entidades têm condições, que o poder público não dispõe, de retirar da cátedra os educadores com problemas pessoais e conflitos afetivos, muitas vezes patológicos na esfera sexual. Essa vigilância, no atual estágio, seria irrealizável num universo de 3,5 milhões de alunos.

É preciso definir, com absoluta clareza, que a educação dos alunos, em particular em matéria de sexualidade, é de responsabilidade dos pais e não do poder público. Os pais que geralmente são favoráveis à idéia, enquanto idéia, necessariamente, tem de cumprir a sua obrigação de acompanhar a educação sexual muito de perto. Se não têm condições de fazê-lo, não devem sub-rogar a sua obrigação ao poder público. Parece-me melhor retardar o processo completo do que erigir o governo em tutor sexual dos nossos filhos. Nenhuma família gostaria de ver os seus filhos informados e formados com valores impostos, estranhos e contrários aos seus. O professor Louis Roussel estabelece quatro tipologias para as famílias de nosso tempo.

1. A família de modelo tradicional caracterizada pelo matrimônio com normas rígidas e precisas. Divórcio e relações pré-matrimoniais não são aceitos. A natalidade aí é normalmente alta.
2. A família com base em casais que admitem regularmente as relações pré-matrimoniais, mas somente entre noivos. Defendem anticoncepcionais e aborto para ter o número de filhos desejado. O divórcio aí não é bem aceito.
3. A família que admite a convivência extra-matrimonial, sempre que não haja procriação. Anticoncepcionais e aborto são autorizados para controlar a natalidade. O divórcio aí é normalmente aceito.
4. O último grupo é o dos casais que convivem sem preocupações com o casamento, podendo ou não ter filhos. Além dos anticoncepcionais e o aborto, aceita-se a esterilização. Não existem diferenças sociais entre casamentos institucionais e livre união. É o matrimônio/associação.

O que quero destacar, no caso, é o risco que não é nem risco, porque é certeza de que se encontrarão, nas salas de aulas, alunos egressos de famílias de cada um desses quatro modelos, com professores oriundos dos demais. O filho de casais convencionais, monógamos por excelência, poderá receber ensinamentos de quem seja polígamo ou promíscuo. E vice-versa.

A educação escolar nunca é abstrata. Seus objetivos, sua função, seu funcionamento como sistema escolar são definidos pela sociedade, face às propostas dessa mesma sociedade. A educação sexual não pode fugir a essa realidade. No Brasil, com o seu caldo sócio-cultural, ainda em ebulição, os contornos desses valores são ainda imprecisos. Como, nesse quadro, estabelecer-se a ideologia sobre a qual passaríamos da simples informação sexual para a educação sexual, formal e sistemática?

Alguns tópicos, de posições polêmicas apresentadas em Mesa Redonda na XXXII reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, devem ser lembrados, apenas para que sintamos como, no mais alto nível da ciência, os próprios formadores de professores não têm, sobre a matéria, opiniões universalmente aceitas: Destaco alguns depoimentos:

- “a) A educação sexual poderá vir a ser invocada como um veículo capaz de incutir nos jovens atitudes e conhecimentos que os levariam a um comportamento reprodutivo adequado à política demográfica, ou seja, a educação seria o meio mais eficiente para transmitir a ideologia da paternidade responsável, enfatizando as vantagens da família pequena.
- b) O Ocidente é a única sociedade que, em vez de ter uma arte erótica, tem uma ciência social, tem uma psicologia, uma psicanálise e uma sexologia, que transformaram o sexo em objeto de conhecimento. A existência de uma certa linha de psicanálise, a existência da sexologia são as formas mais perfeitas de repressão ao sexo.
- c) Já não há mais praticamente o que dizer e o que mostrar a respeito do sexo. A sociedade terá chegado a essa liberação por conveniência do capitalismo: 1. para acalmar aquela consciência cristã daquilo que ele não pode, do que ele não deve e de que, enfim, o prazer é errado. Interessa o indivíduo em paz com a sua consciência de consumidor; 2. pelo sexo, decidimos o futuro de nossa vida para a eternidade, através do casamento. Por uma preferência sexual de um momento de nossa vida, decidimos o que vai ser dela até o fim, em termos de consciência. É isso o que se pretende ao casar.
- d) No momento em que o homem tem ainda um resquício de formação orientada pela Igreja, aquela moral ainda da interdição — o que pode, o que não pode — e tem toda uma solicitação para fazer mais, para conseguir mais, para obter mais, para gozar mais, a educação sexual passa uma vaselina nesses conflitos. “Serão essas as maiores preocupações da família brasileira, a propósito de sexo? Até que ponto, como já são levadas às cátedras das faculdades, tais preocupações caberiam nas classes do primeiro e do segundo grau? Até onde estas sérias reflexões refletem o pensamento e a ansiedade da sociedade brasileira?”

Sou conhecedor bem próximo do caso de uma professora, de escola formadora de professores, que, grávida, em estado adiantado, participava à classe o seu próximo casamento. Até aí, tudo bem. A sua reflexão pessoal, porém, era um pouco mais profunda. Aconselhava os alunos (futuros professores) que tivessem experiências pré-matrimoniais. Com certas restrições, também tudo bem. Mas, a catedrática concluiu, já então, com certa ousadia: não bastam uma ou duas experiências, é preciso ter-se, pelo menos, dez. Só aí é que se vai saber de quem se gosta. Assustada, uma aluna levantou a dúvida elementar: “mas, professora, e se a gente amar o primeiro?” A resposta veio logo: “disto você só terá certeza após a décima experiência”. Pergunto: estes serão os valores médios da família e da sociedade brasileira? Os educadores, informados dentro dessa linha de pensamento, poderão ter condições filosóficas e éticas para ensinarem os nossos filhos?

Aliás, tais excessos que infelizmente atingem também às cátedras de algumas faculdades formadoras refletem, apenas, uma grande insegurança.

A propósito dessa insegurança, com humor, Oscar Wilde afirma a existência de duas grandes tragédias na vida: uma, a da não satisfação dos desejos e a outra a da satisfação. Gregos e troianos não estão satisfeitos com o que têm. São guerreiros por fora e inseguros por dentro. A revista Express, ao lembrar o escritor inglês, traz avaliações de sexólogos que mostram que a simples derubada dos velhos tabus ainda não construiu nada de positivo na fase pós-tabus. É do New York Hospital este quadro: a ansiedade sexual cresce, as fobias são cada vez mais numerosas e graves, mas, o problema mais freqüente passou a ser, a nível de 40%, a falta de desejo. Para os arautos da era pós-revolução sexual, não é resultado animador. A mesma revista cita relatório médico da Checoslováquia, que “constatou” que o desejo não existe em seu país antes do advento do socialismo... Até a política passou a interferir no desejo sexual!

O problema da sexualidade, porém, é muito mais sério e se confunde com o próprio significado da vida. A racionalidade, sobrepondo-se ao instinto natural, deve levar o homem a pensar em sexualidade dentro das perspectivas humanas que lhe são intrínsecas. Ele cedo descobriu que as restrições periódicas que, de forma extremamente limitativa, conduz o ardor sexual em outras espécies não são aplicáveis à sua. Para ele, a própria natureza reservou uma condição inteiramente diferente. O ato sexual não é apenas limitado aos momentos de fertilidade, como nos demais mamíferos. Na espécie humana, a impulsão sexual tem condicionantes afetivos, que a distinguem da dos animais. Ela sofre restrições emanadas da razão, assim como ganha grandeza quando motivada pelo sentimento de afeto.

O instinto encontra barreira nas reações da sociedade, que tem as suas bases morais, que oferece normas legais de comportamento. A sexualidade tem, assim, de se adaptar às exigências da vida individual, mas também às da vida social. Ao simples primado do prazer, se opõem as exigências da realidade. E essa realidade tem variáveis sociais, políticas e geográficas, sendo diversas no sul e no norte, nas zonas urbanas e agrícolas, nas áreas consolidadas e periféricas, e assim por diante. Qual o gênero e a espécie de educação sexual que o Estado deveria adotar face a tais contradições?

Já diz o velho ditado popular: “quem não tem competência não se estabelece”. Em matéria de educação sexual, neste momento, o que temos de fazer é

buscar essa competência que ainda nos falta. Abra-se o debate sobre o assunto. Mas não se dê um passo maior do que as pernas, pois sabemos que estas são curtas e o abismo do erro é por demais profundo.

BIBLIOGRAFIA

1. Educação Sexual — Paul-Eugène Charbonneau.
2. La Sexualité aujourd'hui — André Berge.
3. L'Education Sexuelle chez L'enfant — André Berge.
4. L'Education Sexuelle en Milieu Scolaire — Claude Lejeune.
5. L'Education Sexuelle à L'ecole — Maria José Werebe.
6. Cette Education Sexuelle qui vous fait peur — Ecole des Parents.

AS LINHAS BÁSICAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO 2.º GRAU

Paul-Eugène Charbonneau

A Escola terminará a sua intervenção em matéria de Educação Sexual no 2.º Grau. Esse estágio será o coroamento de tudo que precedeu, e a antecipação do que se seguirá, isto é, da sexualidade vivida no ritmo da infância e depois da primeira adolescência, no ritmo decisivo da idade adulta, que encontrará sua primeira expressão na fase impetuosa da juventude. Este momento é, pois, de particular importância porque é, por assim dizer, o “pivô” *entre a vivência sexual da criança e a do adulto*.

Na mesma medida em que ele é termo, veremos que nele aparecem numerosos elementos que serão abordados no decorrer dos dois primeiros períodos. Existe evidente gradação, uma repetição necessária, uma retomada da *questão sexual*; a bagagem da infância e da primeira adolescência deve ser retomada considerando um aprofundamento que corresponde aos problemas, às inquietações, às realidades da segunda adolescência (14-17 anos). O inventário das noções adquiridas será pois conduzido de modo a comunicar aos diferentes conceitos já esboçados o seu perfil definitivo.

I — *Noções fundamentais*

Certas noções fundamentais, que são suscetíveis de apreensão na idade da cristalização intelectual, devem ser colocadas ou recolocadas de início. Ela se apóia numa iniciação filosófica embrionária, mas indispensável. É assim que, independente de qualquer aplicação à sexualidade, será preciso:

1. Insistir no que é *natureza*. Auxiliados pelo conceito da *analogia* que pertence à lógica pura, estabelece-se que há *natureza* e *natureza*, comportamento natural e comportamento natural. Conforme se tratar de modos de ser diferentes, o termo *natureza* terá significação diferente. Assim, pode-se falar legitimamente da natureza de uma pedra, de uma flor ou de um homem, mas a legitimidade e a inteligibilidade do discurso exigirão que se faça distinção formal entre uma e outra.
2. Insistir *no que é a pessoa*. De tudo que existe não há senão o ser humano que seja *pessoa*. Nos outros níveis há singularidade e individualidade, mas não personalidade. Esta se define pelo caráter racional e

livre do existente. Tudo que é pessoal do ser humano deverá pois ser vivido sob o signo da racionalidade e da liberdade por oposição à vivência das coisas e dos animais que será ligada ao instinto e ao *determinismo*.

3. Insistir *no que é o homem*, o que é humano, o que é racional e livre; vivida nesse prisma, a sexualidade é ordenada ou desordenada, humana ou inumana.
4. Insistir *no que é complexidade ontológica do homem*. Ele não é, com efeito, nem puro espírito (coisa que faria que ele fosse anjo), nem puro corpo (que o reduziria a ser apenas um animal). Tudo nele, dada sua essência, deverá comprometer e comprometerá, infalivelmente, o corpo inteiro e a alma (ou espírito), sem que sejam negligenciados nem o primeiro, nem a segunda. Portanto, não existem dois tempos: um do corpo e depois, em outro nível, o do espírito, mas um só e único momento que é vivido na indivizível unidade espírito (*psyché*) e corpo (*soma*). Tudo no homem se revestirá então de uma dimensão *psicosomática*, nisso incluindo a sexualidade. Nela haverá integração ou desintegração da pessoa, conforme for exercida na liberdade psíquica ou abandonada aos determinismos somáticos.
5. Insistir *no que é o amor*. O homem enquanto pessoa não pode viver senão numa relação essencial à outra. Não existe *Eu* senão quando existe um *Tu*. Deve-se considerar mesmo que o *Eu* é sempre tendência para um *Tu*. O sentido natural, positivo, criador de tal tendência é a união, não a agressão. O *Eu* está pois sempre à procura de um *Tu*. Existe amor desde que está procura, que se faz antes de mais nada no nível do espírito, termina num encontro que conduzirá a um projeto comum. Diante do *Tu*, o *Eu* se esquece e amar é sempre querer o bem, o melhor-ser, o mais-ser do outro. É por isso que não pode haver amor que não seja oblativo.
6. Insistir *no que é oblatividade*. É a oblatividade que vai constituir, conseqüentemente, o indubitável sinal de amor. Pensando no *Eu* (egocentrismo, egoísmo) eu condeno o *Tu* a não existir senão por mim e para o meu prazer. Pensando no *Tu* (alterocentrismo, êxtase), eu me coloco espontaneamente como elemento de sua felicidade. Amar é pois querer sempre a verdadeira felicidade do outro, e consagrar-se à sua realização. É apenas nossa perspectiva que o *Eu* e o *Tu* podem vir a ser um *Nós* durável.

II — Os caminhos da sexualidade humana

Tudo isso assentado e tais afirmações consideradas como fundamentais, essenciais e primordiais, podemos examinar a sexualidade à sua luz. Chegaremos então direta e logicamente às seguintes afirmações.

1. A sexualidade, quando dizemos que é natural, deve ser afirmada como *realidade humana*, e portanto vivida de modo *ordenado*, e não cega-

mente como se pudesse dispensar a intervenção da racionalidade. Poderá haver então uma vivência sexual *racional* e uma vivência *irracional*.

2. Considerando que todo homem reveste-se de uma dignidade pessoal, o *Eu* e o *Tu* jamais deverão ser reduzidos a duas *coisas*. Sempre haverá uma pessoa diante de outra pessoa. Toda *coisificação* seria desumana e como tal destruidora.
3. A relação essencial entre *Eu* e *Tu* deve estabelecer-se (e somente pode estabelecer-se) num *diálogo* cujos termos serão sinais de um conteúdo nitidamente determinado, isto é, do que se quer dizer. Na medida em que a sexualidade for *sinal de amor*, será vivida na *gratuidade do desejo*; na medida em que for vivida puramente na cobiça, será apenas expressão de egocentrismo e de egoísmo. Na primeira hipótese o amor reinará e crescerá, na segunda ele será enganado e morrerá.
4. O corpo humano, sendo corpo e espírito, encontrará a mais profunda expressão de sua unidade essencial na sexualidade. Como homem, enquanto homem, deve viver a sua *realidade somática* (e os determinismos que lhe são inerentes) sob o impulso sempre presente da sua *realidade psíquica* (e da liberdade que ela confere), ele deve viver sua sexualidade não sob a *compulsão* de desejos incontrolados, mas na riqueza de um desejo *livre*, comandado, ordenado, dominado. Portanto, não pode haver exercício da sexualidade humana, senão no triunfo da liberdade sobre o determinismo, nos limites necessários que o *domínio* de si impõe e supõe.
5. Uma vez que o desejo sexual não é mais do que a tradução somática do impulso psíquico, não é mais do que a vontade de expressar no corpo, pelo corpo e através do corpo, o que há de indizível no amor que é de tal natureza que ultrapassa as expressões verbais usadas sozinhas, não terá sentido senão em relação ao *amor*. Nada é mais desastrosamente inumano que uma vida sexual que ignora o contexto necessário do amor. Ele deve estar na origem de qualquer impulso sexual e dar ao comportamento sexual o seu sentido, a sua medida, a sua dignidade.
6. Isso significa que ele deve ser vivido na *oblatividade essencial*, sinal infalível da oblatividade do amor. Jamais servir-se do outro, jamais manipulá-lo como uma *coisa* da qual se tem o domínio, jamais explorá-lo para uma satisfação transitória e puramente egoísta, constitui, pois, a primeira regra do jogo, assim, podemos dizer que a indispensável oblatividade, caminho do desabrochar sexual recíproco, está no domínio rigoroso do desejo, isto é, da pulsão cega e coercitiva.

III — *Alguns problemas concretos*

A vida do adolescente é elaborada no seio de problemas concretos que ele é chamado a resolver *aqui e agora*, e dos quais depende a sua evolução futura. Conforme as escolhas que fizer, os comportamentos que adotar, ele caminhará

para a maturidade ou a imaturidade, atalhos da sua felicidade ou da sua infelicidade futuras. Joga então todo o seu poder de amor, ou se condena aos determinismos que o destruirão e com ele aquele que ele amar. Sem se preocupar com a multiplicidade de aspectos de que se revestem, podemos fixar estes problemas em cinco questões principais, com as quais, cedo ou tarde, o adolescente se encontrará:

1. O problema da *masturbação*.

Não nos deteremos aqui muito longamente uma vez que, dada sua importância e sua incidência nessa idade, o assunto já foi objeto de estudo anterior específico. Não mencionaremos pois, aqui, senão alguns elementos por meio dos quais poderemos analisar o problema:

(1) Estabelecer nítida distinção entre os três tipos de masturbações:

- a) *Compulsiva* (de ordem biológica e revelando determinismos irrefletidos).
- b) *Compensatória* (de ordem afetiva e revelando conflitos habitualmente ligados ao choque produzido por decepções ou insucessos de qualquer espécie).
- c) *Condicionada* (de ordem sociológica ou social e preparada pelas pressões que o clima social impõe):
 - (a) pressões *exteriores*: a onda *pornô* (e suas expressões múltiplas: literatura, cinema, TV, publicidade, etc.);
 - (b) bloqueios *interiores*: sentimento de rejeição, de marginalização, que cria um clima que torna a auto-afirmação normal impossível.

(2) Problemas que a masturbação provoca:

- a) Grave desequilíbrio que confere ao somático a primazia sobre o psíquico. Primazia do Corpo sobre o Espírito.
- b) É origem ou surge como consequência de um *narcisismo* que não é mais do que a exacerbação do *Eu* e a negação do *Tu*.
- c) Estimula a *ejaculação precoce* e prepara a *ejaculomania* que será intransponível barreira do desenvolvimento sexual do adulto.
- d) Desenvolve nociva fixação no *genital* em detrimento do *cerebral* próprio do homem.
- e) Recorrendo a *substituições* mentais, envolve o indivíduo num mundo erótico irreal que continuará a impor-se mesmo na idade adulta, quando for chamado a viver a sua sexualidade numa troca personalizante.
- f) Excita a vontade de gozar, e assim coloca obstáculos ao amor.
- g) Encerra a pessoa em si mesma condenando-a a um *solipsismo* no qual ela se enterrará cada vez mais.
- h) Desenvolve uma *antioblatividade* que falseará todas as relações futuras.

- i) Fixa a pessoa na *imaturidade* condenando-a ao egocentrismo inibidor de *uma eterna adolescência*.
 - j) Reveste-se assim de um caráter de *regressão*, reconduzindo-o sempre, qualquer que seja a sua idade, à precariedade de um comportamento adolescente.
- (3) Abordagem da questão do *ponto de vista moral*:
- a) É moral tudo que conduz ao mais-ser; imoral tudo que conduz ao menos-ser, e é, como tal, destruidor. Sendo *auto* e *atlero*-destruidora, a masturbação é pois tida como imoral, e como tal condenável.
 - b) Existe nítida distinção entre o *ato* da masturbação e o *hábito* masturbatório. O ato é esporádico, circunstancial, e habitualmente acidental. Por isso sua importância é mínima e quase desprezível.
O hábito é um desvio sistemático, reedição procurada, insistência significativa. Ele é origem de profunda deturpação e de negação reiterada da liberdade; fixa o indivíduo em determinismos genitais que são duplamente inumanos: primeiro enquanto *determinismo* (que se opõe à liberdade), em seguida enquanto *puramente genital* (que ignora o domínio cerebral).
 - c) Sempre notando que são atos repetidos que criam o hábito, é preciso não desenvolver um complexo de culpabilidade que não faria mais do que prejudicar o equilíbrio mental do adolescente. Certa desculpabilização se impõe, então, para não conferir à masturbação uma dimensão trágica e dela fazer um monstro sagrado.
 - d) Situando adequadamente o problema, e projetando-o na perspectiva do futuro sexual, é preciso pressionar o adolescente para a *autoliberação* e convencê-lo do valor e do sentido do esforço com essa finalidade.
2. O problema da *prostituição*.
É manifesto que esse problema só se impõe ao adolescente (homem) e que ele é particularmente agudo num contexto machista como o nosso. É preciso abordá-lo esclarecendo a sua *real natureza* e sublinhando os seus *aspectos específicos*.
- (1) Sua real natureza:
Na realidade, ela não é, e na prática também, senão uma forma pouco mais elaborada, de *masturbação*. Sendo uma variante desta, tudo que foi dito a propósito da masturbação se aplica à frequência à casa de prostituição.
 - (2) Seus aspectos específicos:
 - a) Implica numa coisificação repugnante e revoltante da mulher. Esta é reduzida ao papel de utensílio e de instrumento.
 - b) É essencialmente destruidora do outro. (A linguagem corrente explica esse aspecto de modo brutal, mas tão significativo

quando fala de “comer” uma mulher). Existe pois, aqui, uma inaceitável *androfagia*.

- c) A prática da prostituição conduz ao reforço do *machismo*, que é negação da verdadeira *virilidade*. No lugar de um homem, ela prepara um *macho*, com as conseqüências facilmente previsíveis que isso encerra para o futuro do casal.
- d) Ela não é nada mais do que o aprendizado de truques mórbidos e aberrantes, que serão mais tarde transpostos para o casamento e aplicados à esposa ou dela exigidos. Desse tipo de comportamento nascerá nela um sentimento de *violação* que só poderá conduzir à frigidez crônica.
- e) A pseudo-experiência adquirida no comércio com as prostitutas não é pois senão *ilusão*; trata-se, na verdade, de uma *contra-experiência* que prejudicará subseqüentemente a integração dos esposos e a sua harmonia sexual. Este é um fato conhecido e citado pelos mais sérios analistas da sexualidade.

3. *O donjuanismo*

Embora mais freqüente no homem, ele é igualmente praticado pela mulher. Pode-se traduzi-lo como sendo uma procura constante e nunca satisfeita de um parceiro sexual que é cobiçado na esperança e rejeitado na insatisfação.

- a) Ele revela e desenvolve uma fixação na imaturidade; qualquer que seja o parceiro, é sempre obstáculo para uma sexualidade eternamente insatisfeita.
- b) Ele denota deplorável incapacidade de estabelecer uma relação profunda e plenamente humana, mantendo-se sempre na periferia do outro e condenando-o a não ser senão epiderme.
- c) Ele revela a impotência mascarada e a incapacidade do indivíduo que não pode conseguir, pelas mais diferentes razões, estabelecer uma relação sexual propriamente humana e verdadeiramente satisfatória.
- d) Como Freud diz explicitamente, ele é sinal e conseqüência de uma *irrealização crônica*. Jamais o indivíduo conhece o repouso sereno do desejo satisfeito.
- e) Contrariamente a todas as aparências (e contra as opiniões correntes), ele não é senão um defeito de virilidade verdadeira. Na realidade apenas prolonga a *fixação infantil* que se prende à prática *auto-erótica*, e mascara uma impotência latente, nada mais.
- f) Nesse sentido, quanto mais alguém se entrega a ele, mais *regride* para fases da sexualidade que deveriam ser totalmente ultrapassadas e pertencer apenas à história anterior.
- g) Aumentando a confusão entre *desejo genital* e *Eros*, ele é poderoso obstáculo para o encontro amoroso.

4. A questão da *virgindade*.

- a) Estabelecer clara distinção entre a *virgindade física* (que é importante mas certamente insuficiente) e a *virgindade moral* (que, mesmo na hipótese de uma ruptura fisiológica, é sempre viável).
- b) Lembrar (pelo uso da estatística, se houver necessidade) que a virgindade não é excepcional, e que longe de se considerar como exceção, quem a pratica situa-se exatamente na faixa da normalidade. Nesse sentido, não nos podemos deixar levar pelo discurso contemporâneo que é nitidamente tendencioso e intempestivo.
- c) Ver os verdadeiros dados da questão:
 - (1) Sublinhar o valor e a importância (tanto biológica como psíquica) da primeira relação.
 - (2) Lembrar o tempo exigido para a maturação sexual mesmo num clima de relações sadias e perfeitamente justificadas.
 - (3) Salientar a importância
 - das *condições materiais* da união: lugar, tempo, ambiente, etc.;
 - da *segurança afetiva* que toda relação supõe, e a necessária espontaneidade do dom de si;
 - das conseqüências de uma ruptura psicossomática infeliz que fatalmente desenvolve um complexo de *frigidez*.
 - (4) Insistir na irreversibilidade do primeiro dom de si, e lembrar (com tudo que isso significa na ordem prática) que não há senão uma *primeira vez*.
 - (5) Estabelecer a relação entre o *ciúme masculino* que pode tornar-se *duplamente obsessivo* quando se refere a uma primeira relação vivida numa virgindade perdida.
 - (6) Mostrar o caráter de *compromisso* de que se reveste inevitavelmente o primeiro dom de si.
 - (7) Alertar contra a chantagem masculina que faz que o homem exija freqüentemente a relação, como demonstração de amor... quando ela não é, de fato, senão mesquinho desejo de satisfazer-se.
 - (8) Evocar a ameaça tão freqüente e tão desconhecida do perigo da gravidez sem defloração.

Observação: mutatis mutandis, deve-se estabelecer equiparidade entre adolescentes, sem tolerar a injusta duplicidade à qual estamos habituados. Um adolescente poderá amar mais e melhor quando for “conservado” e “reservado” para aquela que ele irá amar e da qual reclamará as premissas. Não convém, nem a um e nem ao outro, ser um “carro de segunda mão”!

5. A prática das *relações pré-conjugais*.

a) *Demonstrar bem os equívocos* dos quais elas se cercam e nos quais se envolvem:

- (1) Uma *pseudo-autenticidade*. A esse respeito pedir que seja bem definido o *Porquê* de tais relações, e interrogar-se até que ponto o *amor* está verdadeiramente comprometido nisso. Se elas não forem senão o encontro de dois desejos de prazer, apenas podem preparar o deplorável malogro de amanhã amargos.
- (2) A intenção de *melhor conhecer* o outro, que se invoca:
 - voltar, a esse respeito, a falar no *tempo normal* que está envolvido na maturação sexual da mulher;
 - mostrar a que ponto tal prática pode tornar-se e se torna freqüentemente, de fato, obstáculo à *estabilidade conjugal*.
- (3) A *ilusão* de chegar mais depressa e mais cedo à maturidade sexual, quando se sabe, hoje mais do que nunca, que toda precipitação gera quase sempre uma incorrigível imaturidade.
- (4) Ver na exploração sexual antecipada um *instrumento de conhecimento* mais seguro que outros, quando não é, na verdade, senão um substituto enganador ao verdadeiro conhecimento do outro, que envolve exploração interior. A definitiva questão:
 - *quem é ele, quem é ela?* só poderíamos encontrar resposta no nível da identidade do espírito. O resto vem por acréscimo, a menos que se trate de casos patológicos que são facilmente detectáveis sem o recurso das relações pré-conjugais.

b) *Assinalar as contra-indicações*:

- (1) O caráter habitualmente neurótico desta prática:
 - que se impõe sob o signo da *compulsividade* e do determinismo que lhe é inerente;
 - que se elabora num clima nocivo de *promiscuidade*. Trata-se, com efeito, nessas circunstâncias do encontro de dois seres que se *coisificam* reciprocamente e não de duas pessoas que se unem num respeito mútuo. *Os gestos de amor substituem o amor*.
- (2) A *frigidez* que freqüentemente aparece:
 - em seguida ao sentimento de *agressão* mascarada que a adolescente sente;
 - em seguida à *insegurança afetiva* na qual esse tipo de relação se desenvolve;
 - em consequência da angústia diante do dilema: recusa ou concessão.

(3) O perigo sempre presente e efetivo de *gravidez*:

- a indicação estatística estabelece que, mesmo atualmente, a prática das relações pré-conjugais termina em gravidez da adolescente na terrível proporção de 1 para 3;
- a precariedade de todas as soluções que se apresentam, então, e que são todas deploráveis como recente experiência nos ensina. Existem três soluções, das quais cada uma é desastrosa hipoteca:
 - maternidade solitária;
 - abortamento;
 - casamento precipitado.

c) *Propor normas*:

- (1) Invocar o projeto que supõe que toda relação sexual é conjugual, que pretende ser uma adesão completa, sem nenhuma reserva. É preciso então situar-se no tempo e saber esperar que chegue o momento em que semelhante adesão seja possível, em relação a todas as circunstâncias de saúde, de estudo, de dependência econômica, etc.
- (2) Lembrar a existência de *zonas erógenas* primárias, secundárias e terciárias, explicando o alcance do despertar do dinamismo próprio de cada uma delas e indicar a gradação e a escalação que se deve estabelecer (e é legítimo isso) a cada momento: namoro, noivado, casamento.

6. *O pudor*

Restituir-lhe o seu verdadeiro sentido e demonstrar o seu valor, ao mesmo tempo que a sua natureza.

1. A ele cabe restabelecer o reconhecimento e a dignidade do *corpo* na dignidade da *pessoa*.
2. É necessário ultrapassar o *exibicionismo* que é aberração flagrante e prova de desequilíbrio.
3. Lembrar que, longe de ser uma dificuldade, nele se deve ver com Freud, a canalização do exercício da sexualidade e uma das suas mais ricas e mais sadias expressões.
4. Explicar que, em lugar de neutralizar a sexualidade, ele é recurso poderoso e reveste-se de valor discreto porém eficaz, de estímulo estético-erótico.
5. Apresentá-lo, conforme expressão de Scheler, como a própria "consciência do amor".
6. Mostrar que é fonte de profunda satisfação sexual, pois que situa a sexualidade bem além do terreno periférico.
7. Frisar que ele desenvolve uma sexualidade extremamente dinâmica que se apóia sobre três componentes fundamentais: libido, sentimento de simpatia, discreção do desejo.

7. A sublimação

1. O sentido de limites que ela impõe:
 - a) não é *censura moral* gratuita;
 - b) não é também *censura psicológica* (que seria apenas repressão). Antes de repressão ela é avanço, ultrapassagem.
2. Seu sentido: ela faz derivar (sem suprimir) o desejo sexual (genital) imediato para um fim:
 - a) superior;
 - b) desejado e querido;
 - c) concebido como caminho para a felicidade.
3. Sua efetiva possibilidade:

— a sublimação é possível na medida em que é consequência do carácter essencialmente cerebral da sexualidade humana. O próprio Freud a propõe como uma saída necessária e vê nela um sinal de indubitável normalidade.
4. Ela assegura a mais rigorosa gratuidade da relação amorosa.
5. Confere ao desejo um sabor eminentemente superior e o relaciona com a felicidade futura, da qual ela é paradoxal antecipação.
6. Provoca o desabrochar da personalidade no triunfo do espírito.
7. Apóia-se numa clara visão do *sentido social da sexualidade* do ser humano, preparando a estabilidade do casal do futuro, que é condição essencial e primeira da saúde da sociedade.
8. Provoca a integração da sexualidade na síntese humana, e isto lhe confere incomparável valor de equilíbrio.

Como conclusão, é preciso notar que existem inúmeros outros pontos que poderiam ser abordados. Estes parecem-nos os mais comuns e envolvem a problemática que a sexualidade normal desperta nos adolescentes dessa idade que vivem momentos nos quais tais questões são inevitáveis.

Este é apenas um esquema de apresentação. Mas os limites do artigo obrigam-me a escrever apenas isso. No entanto, durante o desenvolvimento do tema, os problemas deverão ser retomados e vistos à luz de certas constantes indispensáveis:

- a) A grandeza e beleza do corpo e da sexualidade humana.
- b) A necessidade da evolução para uma maturidade que encontrará sua recompensa na felicidade.
- c) A natureza oblativa (e não possessiva) da sexualidade.
- d) A relação de pessoas (e não de coisas) que a define.
- e) A presença necessária do amor para que a sexualidade conserve todo seu sentido e sua dimensão completa.

- f) A certeza de que certas renúncias são necessárias para a elaboração do equilíbrio.
- g) O tempo pede que o respeitemos sob pena de não nos permitir as desejadas horas de uma legítima felicidade.
- h) *Toda a vida muitas vezes depende de um só gesto.*

Situando o adolescente em perspectivas tão ricas, nós o faremos compreender:

- a) Que ele deve libertar-se para crescer e caminhar para uma sexualidade plena e autenticamente humana.
- b) Que o caráter da sua opção é estritamente pessoal e que a *normalidade* nem sempre está ao lado daqueles que constituem o *número*.
- c) Que o momento que vivem é bem estratégico e que a hora atual é de escolha definitiva.
— que nele todo o seu futuro (feliz ou infeliz) está comprometido.

OBSERVAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS SOBRE A MASTURBAÇÃO

João Edenio Valle

“A chave que distingue a conduta sexual saudável do comportamento sexual anormal é saber se o comportamento é motivado por sentimento de amor ou se é veículo de descarga para ansiedade, hostilidade ou culpa” (Calderone).

“A sexualidade saudável busca o prazer erótico em contexto de afeição e ternura, procurando ao mesmo tempo dar e receber prazer: ela tem em vista o parceiro. A sexualidade doentia é motivada pela necessidade de reafirmação ou de descarregar as fontes emocionais de tensão, é desequilibrada, tendendo a dar ou receber em excesso...” (Calderone).

I — O PROBLEMA DA MASTURBAÇÃO HOJE

1. Masturbação e revolução sexual

Há quase sessenta anos Bergson falava do surgimento de uma civilização afrodisíaca. Parecia intuir que as tendências sociais, psico-culturais e ideológicas de seu tempo iriam se exacerbar na medida em que as mudanças que se davam na Europa e nos Estados Unidos fossem se consolidando em um modelo de desenvolvimento urbano-industrial de consumo e de massa de escala planetária. Não sei se ele conseguia perceber com igual clareza as proporções e a radicalidade do processo que se instaurava. Após Kinsey, se fala de “revolução sexual” com a mesma naturalidade com que se falava nos tempos de Bergson de revolução “científica” e de revolução “política”. Na realidade, são dimensões complementares e interdependentes de um mesmo e grande processo de mudança, em cuja origem estão as transformações econômicas, nascidas da implantação do sistema de produção capitalista, aceleradas pelo desenvolvimento da tecnologia e das ciências. A compreensão e a vivência da sexualidade em uma sociedade urbano-industrial de corte neocapitalista moderno não podiam se sustentar por muito tempo sobre concepções e costumes sexuais de origem agrária. A promoção da

mulher obrigaria necessariamente o homem a redefinir sua masculinidade. O surgimento da adolescência como fenômeno cultural, largamente explorado pela sociedade de consumo, iria gerar exigências psicossociológicas radicalmente novas no campo do relacionamento entre os sexos. O mundo inteiro passou a presenciar, desta forma, uma autêntica reviravolta comportamental em área densamente envolvida por tabus e prescrições seculares, ou mesmo milenares. Esta revolução, seguindo o avanço da economia capitalista, se impôs de maneira desigual, mas rápida e eficiente, também nos países do terceiro mundo. A América Latina não escapou a tal transposição e imposição de valores e de modelos. Ao contrário, as estruturas de dependência criadas após a última Guerra Mundial vieram facilitar ao máximo a ampla difusão dos novos "pattern", originados nos centros de hegemonia.

A revolução sexual atingiu quase todos os aspectos da sexualidade. A masturbação talvez não seja a dimensão comportamental em que o impacto revolucionário se fez sentir com mais veemência. Houve outros aspectos muito mais atingidos. Pela sua importância mais básica estas parecem merecer, à primeira vista, maior consideração que o problema do auto-erotismo masturbatório. A masturbação, contudo, tem sua importância. Visto de um ponto de vista mais abrangente talvez se constitua, para o educador, em um dos momentos decisivos do encaminhamento a uma maturidade sexual capaz de se afirmar em uma época de permissividade fácil em matéria de sexo.

Em qualquer hipótese, porém, é fato que o problema da masturbação ainda representa uma incógnita perturbadora para muitos educadores. Os mais idosos talvez se sintam ainda presos aos inúmeros preconceitos, aos tabus e às idéias objetivamente erradas que gravavam sobre a masturbação, tida como causadora de perniciosas seqüelas psicológicas e físicas, além de encarada como comportamento rigorosamente condenável e pecaminoso. Para os de menos idade, a perplexidade parece derivar de uma perspectiva quase que inversa: o que dizer e como se comportar em relação ao educando em uma sociedade onde se faz quase que propaganda da masturbação, apresentado pura e simplesmente como uma forma normal, saudável e até necessária de expressão libidinal?

Esta última posição, hoje largamente difundida por filmes, livros e revistas de ampla divulgação, se diz baseada na moderna pesquisa psicológica e sociológica. Em publicações mais críticas e mais cuidadas já se menciona enfaticamente o caráter de contestação política e social contida em toda e qualquer busca do prazer e esforço de liberação do corpo. Na masturbação, portanto, estaria em jogo não apenas o prazer sexual solitário de um indivíduo. No orgasmo livre e conscientemente assumido e buscado, ao invés de um vício ou de uma manifestação sintomática de imaturidade e de neurose, residiria uma das chaves do processo de superação definitiva da repressão social, como todos os seus matizes e condicionamentos psicológicos, ideológicos e políticos.

São inúmeros os cientistas citados como mentores e iniciadores destas proposições inovadoras e desconcertantes. Freud surge, invariavelmente, como cabeça de série ao lado da companhia de Darwin. Segue-se uma longa lista de nomes ilustres de antropólogos, psicanalistas, sociólogos, politólogos, biólogos, sexólogos, etc., etc. Não faltam também os filósofos, os historiadores, os teólogos e moralistas. Há autores eruditos como Kraft-Ebing, Mead, Giese, Marcuse, Reich e Foycault; há pesquisadores como Wolfenden e Masters e Johnson. Mas

há, sobretudo, este novo autor coletivo e anônimo (os meios de comunicação social: rádio, TV, imprensa), tornado nosso interlocutor diário e permanente, graças aos avanços da eletrônica e às editoras multinacionais. São eles que não só introjetam no grande público a certeza de que tudo isto tem sólida base nas ciências modernas, mas o obrigam a se acomodar aos novos padrões, graças à sua formidável força de persuasão e coerção psicossocial. Eles “fazem a nossa cabeça” e moldam o sentimento e as necessidades coletivas.

No que tange mais diretamente a masturbação, vale a pena mencionar os dois recentes “Relatórios Hite”, cuja autora, a americana Shere Hite, foi guindada à condição de “pitonisa de todos os orgasmos”. Na década de 50, uma pesquisa análoga, interessada em penetrar e esmiuçar o comportamento sexual dos norte-americanos, provocou imenso escândalo e polêmica em todo o mundo. Este trabalho, de Kinsey¹, logrou influenciar poderosamente os costumes sexuais de todos os países que orbitam em torno da cultura dos norte-americanos. Revistas, como “Play Boy” ou “Penthouse”, hoje acessíveis a qualquer garoto de cidade grande no Brasil, além de se tornarem base de verdadeiros impérios financeiros, cuidaram de plasmar a nova mentalidade coletiva aberta pelo “Relatório Kinsey”. Evidentemente as causas de uma tal virada não residem no livro. Suas razões, como se delineou muito brevemente no início do presente escrito, se ligam a fatores bem mais complexos. Mas não cabe dúvida que se deve a Kinsey e à bibliografia gerada pelo seu Relatório o início da presente era de permissividade sexual. Kinsey representa um marco. Para lá de todas as críticas que se podem e se devem fazer ao seu trabalho, ele passou a ser um ponto de referência ao qual o educador deve estar atento. Ele ajudou a jogar por terra os rígidos padrões do puritanismo americano, trazendo para a primeira manchete dos jornais assuntos, comportamentos e opiniões antes reservados aos confessionários, aos consultórios e às alcovas e porões. Kinsey mostrou, por exemplo, que a masturbação é o comportamento estatisticamente normal. Não adianta, pois, que o educador se comporte como se ele fosse a exceção.

O Relatório Hite, de 1976², trata do comportamento sexual feminino. É um livro original que se inscreve na linha mais avançada do movimento de reivindicação feminista. Por esta razão, as críticas metodológicas a serem cientificamente movidas à pesquisa de Hite são ainda mais severas e restritivas do que as levantadas à investigação de Kinsey. Mas, como o relatório de Kinsey, também, está destinado ao sucesso, para lá de suas gritantes deficiências científicas. Também ele “fará a cabeça” de muita gente. Escudando-se no depoimento de três mil mulheres de todas as idades e condições sociais, Hite pretende apresentar a primeira exposição orgânica e completa do verdadeiro modo feminino de sentir e viver a sexualidade. A autora quer quebrar a supremacia dos homens, que também em sexologia, são os definidores e os explicitadores tradicionais dos meandros do corpo e da psique feminina. Dos depoimentos colhidos emerge como um dado fundamental da pesquisa o fato de o orgasmo clitoriano, obtido por mil formas de excitação física e mental, ser plenamente gratificante para toda e qualquer mulher. O orgasmo vaginal, conseguido na e pela penetração do membro masculino, passa a ocupar — e deveria de fato ocupar, parece dizer a autora — um segundo plano. A mulher pode, assim, não só afirmar o seu direito ao prazer autonomamente alcançado, mas pode, agora, se firmar na certeza de que independe do parceiro homem para chegar ao clímax do prazer sexual, ou seja, ao orgasmo. Comprovar-se-ia, desta forma, a sua real indepen-

dência e igualdade em qualquer campo, também no da sexualidade. Mais até. Como capacidade orgásmica, a mulher supera o homem. Ela apenas não tinha condições políticas e culturais de o perceber e viver. Entende-se que o livro de Hite tenha se transformado em uma espécie de livro de cabeceira de alguns grupos da chamada vanguarda feminista. Para grupos mais radicais, a pista de realização sexual aberta por Hite — o orgasmo autônomo — passa a ser uma via de libertação da mulher em relação à subjugação sexual à qual vem sendo ela submetida, desde tempos imemoriais, pelo falo (pênis) masculino, símbolo e base de todo o sistema de dominação global do homem sobre a mulher.

Agora, Shere Hite lança o seu segundo livro: “O Relatório Hite sobre a sexualidade masculina”³. Já é um “best seller” antes mesmo de ser traduzido às principais línguas mundiais. Tudo indica que influirá sobre os padrões culturais da presente década, dando uma reorientação ao relacionamento homem-mulher (ou melhor, mulher-homem), que parece constituir o novo eixo em torno ao qual girará a polêmica sexual nos próximos anos. Os meios de comunicação de massa cairão sobre os dados levantados por Hite, divulgando-os com a pressa de sempre. Sobre a masturbação há aspectos que merecem a atenção dos educadores. De um lado fornecem dados até certo ponto novos, de outro, porque serão apresentados com o fascínio da verdade e da novidade, tornando-se rapidamente padrões sociais de comportamento. Por exemplo, para mencionar um dado relativo ao onanismo entre homens casados: 51% dos entrevistados já casados, mesmo mantendo relações sexuais normalmente freqüentes com suas esposas, ainda assim lançam mão da masturbação, com quase igual freqüência. Sintomática neste sentido a declaração de um dos entrevistados: “sinto como se tivesse duas vidas sexuais: uma com minha mulher; outra comigo mesmo”. Como deverá o educador preparar o educando de hoje para a vida matrimonial de amanhã? Eis uma pergunta que não pode deixar de se levantar na mente de todo educador preocupado em criar condições para uma plena maturidade sexual de seus educandos. Pergunta que deve ser levantada sem preconceitos e que não pode deixar de ser feita quando se lê um depoimento como o acima transcrito.

2. *Os jovens diante da onda de liberalização sexual*

A juventude, tomada como grupo social, talvez represente o setor mais vulnerável à atual onda de permissividade sexual. As condições de vida que a sociedade dita moderna criou para este grupo humano e as peculiaridades psico-emocionais desta fase facilitam ao máximo a manipulação do mesmo em função do consumo de qualquer tipo de produto cultural, mas muito especialmente em relação à sexualidade. Os meios de comunicação de massa e a propaganda se voltam com determinação para o público jovem, elegendo-o como alvo principal de seu cerrado bombardeio de sugestões e pressões. Ídolos juvenis são retirados das retortas da indústria cultural para serem lançados como símbolos de identificação grupal e catalisadores de necessidades reais ou artificiais das massas de adolescentes do mundo inteiro. As revistas especializadas em assuntos juvenis, todas elas nas mãos de poderosos grupos econômicos, se encarregam de revestir com cores irresistíveis as novas propostas de comportamento coletivo a serem consumidos. O jogo tem um quê de fascinante. Irá atingir comportamentalmente apenas uma faixa menor da massa juvenil, mas não deixará de influenciar quase

todos os adolescentes que vivem em um contexto de tipo urbano-industrial moderno. As reações individuais de maior ou menor aceitação dos novos padrões dependerão de inúmeros fatores, antes de mais nada, da personalidade e da autonomia já adquiridas pelo adolescente tomado individualmente. Também as circunstâncias psicológicas e pedagógicas existentes no ambiente familiar e escolar exercerão papel muito importante. Onde houver equilíbrio, abertura e condições de responsabilidade e liberdade, os efeitos do ambiente cultural juvenil encontrarão um filtro discernidor razoavelmente eficiente. Muito, sem dúvida, irá depender do grupo juvenil enquanto tal. Refiro-me ao pequeno grupo de amigos que constitui a convivência mais imediata do adolescente. As peculiaridades psicoevolutivas do jovem o tornam muito susceptível às pressões provenientes de seu grupo mais próximo de referência. As opiniões, as atitudes e os comportamentos, aí defendidos e efetivamente vivenciados, irão tocar mais de perto as necessidades afetivas e emocionais de cada participante do grupo, tanto no sentido moral e pedagogicamente negativo, de impor comportamentos indesejáveis, quanto no sentido positivo de facilitar o atingimento da autonomia afetiva e sexual.

Por razões óbvias a sexualidade é a tecla mais constante das publicações voltadas para o público jovem. Os mesmos temas sexuais, amplamente explorados pelas revistas reservadas à faixa etária adulta, retornam com grande força sugestiva nas páginas destinadas aos adolescentes. Com a atual "abertura" brasileira, as abordagens tornaram-se mais explícitas. Não apenas as fotos se fizeram mais ousadas, aproximando-se ao nu frontal, mas também os artigos começaram a abordar de forma direta e agressiva os itens geralmente censurados para "menores de 18 anos". Temas como o da masturbação tornaram-se freqüentes, numa linha de derrubada dos preconceitos. Em uma revistinha destinada a adolescentes (a revista "Pop", de São Paulo), comprável em qualquer banca de jornais do país, encontram-se artigos sobre todos os aspectos da sexualidade juvenil, em meio a reportagens coloridas sobre os principais assuntos de preferência da geração mais jovem: música popular, moda, diversão, surfe, motos, etc. Aí encontramos os seguintes depoimentos colhidos de adolescentes brasileiros a respeito da masturbação:

(C.A., 16 anos) "Masturbação é uma boa? — Sim. Nós temos necessidade de saciar nossas vontades. E se não podemos fazer com outro corpo, temos que fazer sozinhas".

(M.L.K., 15 anos) "Em que ocasiões você acha que a masturbação é mais satisfatória? — Quando a gente quer se masturbar, ocasião não falta".

(A.R.N., 18 anos) "Você acha natural que uma garota se masturbe? — Tudo bem. Acho uma boa para ela, porque a mulher tem mais dificuldade de dormir com um rapaz por problemas de família, etc. E isso é uma saída".

(L.V., 19 anos) "Com que freqüência as pessoas podem se masturbar? — Uma vez por semana é uma boa. Uma vez por dia é muito".

(F.C., 17 anos) "Você já ouviu dizer que a masturbação faz mal? — Já. Muita coisa. Dizem que o cara fica com um jeito cansado, que fica fraco e outras coisas mais".

(M.H.G., 15 anos) "Você acha que há alguma relação entre a masturbação e o tamanho do órgão sexual? — Deve haver. Dizem que quem se masturba muito fica com o órgão muito grande".

(L.M., 15 anos) “Você acha que a masturbação é um vício prejudicial? — É prejudicial quando a pessoa só pensa nisso, ou despreza o ato de amar, achando que é auto-suficiente. Quando se torna um vício”.

Estas opiniões, aliás, comentadas com bastante propriedade por um psicólogo a serviço da revista, devem ter sido lidas por centenas de milhares de adolescentes em todas as grandes cidades do Brasil. Este, e não tanto o conteúdo das respostas e do comentário, é o fato para o qual quero chamar a atenção, pois é ele que constitui a novidade cultural, é ele que irá forjar os modelos concretos de comportamento sexual de nossos adolescentes. É desta forma que se generalizam entre a juventude modos de pensar e de agir em que se mesclam os tipos de informação e de posturas. O saldo geral é o da liberalização indiferenciada e de uma confusão de idéias e de valores que irão pôr em cheque o que na família em geral se ensina e se exige. Este é o clima cultural respirado pelos adolescentes, hoje.

3. *Os educadores ante o novo clima cultural*

Costuma ser um indício de senilidade começar a imprecisar contra as transformações sociais, como se os tempos antigos fossem isentos de dificuldades e oásis de maturidade quando comparados aos tempos que hoje enfrentamos. Quem educa não pode ser senil nem contentar-se com a imprecisão e a denúncia da “degeneração” reinante. A atitude do censor e do moralista são sempre anti-pedagógicas. O que importa é ajudar a atual geração a criar critérios válidos para ponderar com abertura, coragem e prudência esta grande e nunca fácil chance de realização humana representada pela sexualidade. E para tanto, é preciso que o educador se sinta e se saiba questionado em sua sexualidade pessoal pelos novos desafios que são lançados a todos na presente conjuntura da vida e da cultura humanas.

A sexualidade é uma experiência humana de tal importância que representa uma fonte de tensão, conflitos, ansiedades e inseguranças, cuja raiz profunda toca o todo da nossa vida psíquica. As atitudes concretas que cada um assume ante a própria sexualidade e ante as mudanças têm a ver com este subsolo rico e conflituado. O educador, mais do que ninguém, precisa ter consciência de seus próprios conflitos e impasses sexuais. Qualquer atitude pedagógica que não nasça de um questionamento honesto e confiante da própria experiência afetiva e sexual terá um quê de artificialidade e mesmo de hipocrisia, ambos extremamente prejudiciais ao educando. O desconhecimento e a repressão da própria sexualidade não poderão deixar de minar a ação educativa, restringindo a experiência do educando e reduzindo-a à própria experiência (negativa) do educador. Isto não deve assustar o educador. Apenas deve alertá-lo e convidá-lo ao aprofundamento de sua própria experiência sexual e afetiva. Fala-se com muita frequência em psicologia de uma espécie de extensão ou contágio dos problemas afetivos dos pais que se prolongam e se projetam sobre a vida e a personalidade dos filhos. Foi daí que nasceu a idéia de se fazer a recuperação terapêutica não apenas dos filhos, mas de todo o núcleo familiar. Analogamente, existe sempre a possibilidade de o educador transferir para o educando os seus problemas e conflitos não resolvidos. Quem foi educado em ambiente rígido ou em situações

de carência afetiva poderá, por exemplo, exatamente nesta época de permissividade sexual, tender para um tipo de relacionamento pedagógico marcado pela rigidez, pelo egocentrismo e pelo autoritarismo, como poderá, igualmente, no intuito de se libertar de amarras afetivas e inibições, cair no extremo oposto de quem tudo permite, como se a realidade mesma não fosse ela própria marcada por limitações e frustrações as quais o educando, partindo de sua experiência pessoal, deverá conhecer e aceitar.

Há um outro aspecto do problema que precisa ser levantado antes de qualquer abordagem mais direta do problema pedagógico da masturbação. Muitas vezes, professores, pais e educadores se sentem um tanto perplexos ante o que se diz sobre a sexualidade com base na psicologia moderna, tomada em um sentido amplo, no qual se incluem também as disciplinas médicas (endocrinologia, genética, neurologia, etc.). De fato, estas ciências trouxeram uma contribuição muito grande ao conhecimento da realidade humana. De vários pontos de vista elas subvertem os conhecimentos que alicerçavam as práticas pedagógicas e os valores morais. É freqüente a gente encontrar educadores que se colocam de maneira extremamente acrítica ante as chamadas descobertas da ciência psicológica e psicoterapêutica. Aliás, mesmo entre médicos e psicólogos não é tão raro se encontrar o mesmo espírito acrítico e ingênuo. No campo da psicoterapia, por exemplo, muitos esquecem facilmente que “a psicoterapia é uma relação humana. É uma maneira de encontro no qual uma pessoa, o terapeuta, se dispõe a acompanhar e compartilhar com outra pessoa, o cliente, a sua existência, naquilo que ela o afeta, o ameaça, o estimula, naquilo que nele mora como lembrança, naquilo que ele vê como projetos e solicitações futuras, criando nesse modo de estar-junto as condições para ele crescer naquelas possibilidades que lhe são próprias”. . . . “Portanto, é tarefa primordial do terapeuta zelar pelo desabrochar da riqueza humana, isto é, estar constantemente atento para o desvelamento do poder-ser próprio de cada paciente. Não é o terapeuta quem deve indicar o que é próprio de cada paciente — isto é até um contra-senso em relação ao sentido mesmo de próprio. O terapeuta deve atuar como um jardineiro que cultiva uma planta. . . o terapeuta deve auxiliar o paciente a desvelar as próprias possibilidades. No entanto, essas possibilidades não são ilimitadas e isto nunca deve ser esquecido. Alguém somente pode se desenvolver enquanto o homem que é. . . somente ao próprio paciente poderão ser desveladas as próprias possibilidades e somente a ele caberá responder de uma ou outra forma. E, se cabe a cada homem ser o guardião do próprio destino, cabe ao terapeuta constantemente alertá-lo para esta tarefa. Mas o alertar não cria a audição. Ao contrário, somente para quem pode e quer ouvir o alertar faz sentido. (Mas) o ouvir pode se dar sem o alertar do terapeuta, assim como uma planta pode florescer e frutificar sem o cuidado de um jardineiro”⁵.

O educador que não tomar consciência desta dimensão da educação não compreenderá a real contribuição que as ciências podem dar à pedagogia. Correrá o risco de se alienar ao que é essencial na relação pedagógica, entregando-se, sem nenhum critério, às mãos dos chamados “especialistas”. Não lhe restará outra via senão a da desorientação, levado pelas águas ruidosas dos modismos psicológicos. Também em relação às variações e novidades propostas pela cultura de massa faltar-lhe-ão critérios de discernimento. E a tendência geral será a de cair em um relativismo libertário em que o educando e ele próprio per-

derão as condições elementares que nos permitem fazer a experiência da vida, dentro de limites, mas com horizontes largos, que é tarefa insubstituível de cada ser humano descobrir e viver. O tema da masturbação tem a ver com estes limites e com estas possibilidades. O educador deve tê-lo sempre presente. Isto lhe permitirá um discernimento mais apropriado da contribuição que lhe chega das chamadas ciências do comportamento, em especial da psicologia de profundidade. A psicologia é tão diferente da pedagogia como o é a filosofia da anatomia. "Não é superior, apenas diferente", escrevem Hagmaier e Gleason⁶. A psicologia estuda a forma como as emoções exercem a sua influência, como podem prejudicar e como chegam, por vezes, a anular o funcionamento efetivo das faculdades superiores do homem, o seu entendimento e a sua vontade. A psicologia dinâmica interessa-se por conhecer o grau e a maneira como as experiências dos anos iniciais de vida marcam as aversões e preferências, a afetividade e os conflitos do futuro, desde o inconsciente, esse vasto armazém de forças sepultadas, mas ainda vivas e de energias criadas nos anos anteriores ao uso da razão, durante os quais o pequeno ser humano vive quase exclusivamente de suas emoções.

O estudo sério da psicologia e de qualquer outra ciência não deve assustar o educador deixando nele uma sensação de impotência. A mesma psicologia que mostrou uma série de erros na maneira tradicional de se ver a masturbação e que, após Freud, com grande alarido, divulgou o caráter de normalidade da masturbação em determinadas circunstâncias evolutivas (por exemplo, na puberdade), mostrou também as ambigüidades deste fenômeno psicosssexual, indicando sua vinculação a processos prejudiciais de fixação e de neurose. Não me parece que se possa afirmar com base nos dados clínicos e psicoterapêuticos que a masturbação seja algo normal no sentido de dever ser incentivada como um comportamento sem maiores conseqüências, simplesmente pelo fato de representar mais um sistema do que uma causa. Ao desdramatizar o comportamento masturbatório, ao encará-lo desde a perspectiva de uma evolução em processo, o que a psicologia busca é a superação da fixação e das defesas infantis que significam recusa ao crescimento, reforço do superego e repressão do que na libido saudável, e não pode ser eliminado ou suprimido, mas apenas orientado em direção a metas psicoemocional e socialmente mais gratificantes. Vistos assim, os dados da psicologia, longe de serem ameaça às preocupações de quem educa, são uma inestimável ajuda para o educador. Mas sob uma condição essencial: ele não se aliene à relação educativa e à sua experiência de homem ou mulher adultos vivendo em sua época, permanecendo responsabilmente abertos à novidade da vida.

II — ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA MASTURBAÇÃO

1. *Freqüência e interpretação psicológica*

Em nossa sociedade, a masturbação é a forma mais freqüente de atividade diretamente sexual experimentada nos anos que antecedem o casamento. Parece ter sido sempre assim. Alterações recentes como, por exemplo, a maior facilidade de intercurso sexual entre adolescentes, não estão trazendo mudanças significativas quanto a esta constatação. Embora este fato seja antigo, na realidade a

pedagogia tradicional agia como se ele não existisse, trabalhando com métodos coercitivos e com ameaças cada vez que obrigada a se confrontar com ele. Só muito recentemente, face aos inúmeros dados levantados pelas pesquisas realizadas em diversos países, é que a pedagogia passou a aceitar que “o masturbador é a regra e o que se abstém uma exceção”. Tal constatação significou uma inversão de rota na maneira de se encarar e de se tentar avaliar o problema desde o prisma pedagógico. Os métodos e a postura repressiva em que o certo e o errado estavam claramente delimitados cederam lugar a atitudes de insegurança e de vacilação. Estas precisam, agora, dar lugar a um discernimento educacional mais objetivo e menos omissivo e capaz, por isto, de ajudar o educando a superar sem reprimir e sem traumatizar pela vida a fora.

Von Gagnon, partindo de uma análise comparativa entre 25 estudos estatísticos⁷, confirmou a validade quase universal, nos países do Ocidente, dos números indicados pelo famoso relatório Kinsey. Cerca de 90% dos homens e mais ou menos 50% das mulheres adultas se masturbaram ao menos uma vez ao longo de suas vidas. A distribuição da frequência varia de fase evolutiva a fase evolutiva, tendendo a ter seu ápice e a se estabelecer como comportamento regular no período correspondente à puberdade, fase marcada pelo despertador biológico e hormonal da sexualidade. Por volta dos 15 anos a média da masturbação chega de 2 a 3 vezes por semana, entre os adolescentes do sexo masculino. Este hábito tanto pode durar apenas alguns meses quanto se prolongar pela idade adulta, mesmo após o casamento.

Undeutsch⁸, aceitando mas corrigindo as estatísticas de Kinsey, diz que 13% dos garotos conhecem e praticam a masturbação, com ênfase diversas, ainda antes dos 10 anos de idade. Entre os anos da puberdade e os 20 anos estas cifras se alçam a 87%, tornando o comportamento masturbatório quase que uma constante na vida emocional e sexual desta faixa etária. A frequência média semanal dos 10 aos 15 anos situa-se em torno de 2,1 vezes por semana. Entre os 16 e os 20 anos decresce para 1,4 vezes, para se situar em volta de uma vez por semana na idade dos 21 aos 25 anos. Trata-se aqui de um cálculo médio que, já de *per se*, mostra que em alguns indivíduos, isto é, nos que se situam nos extremos da linha de distribuição, a prática da masturbação é frequentíssima, enquanto que em alguns outros ela é extremamente rara ou mesmo inexistente. No caso das meninas os índices de frequência são sistematicamente inferiores, oscilando entre os 30% e os 50%. Os resultados de De Luca⁹, colhidos de uma amostra de adolescentes brasileiras, indicam que cerca de 40% das entrevistadas se masturbam ou se masturbaram ocasional ou habitualmente.

A interpretação psicológica destes resultados não é fácil. A menor frequência do comportamento entre o sexo feminino para alguns tem uma explicação mais cultural do que psicológica. Seria a própria condição social e cultural da mulher na sociedade a principal razão que responde pela variação. O rapaz, devido aos padrões culturalmente aliados ao seu papel masculino, ver-se-ia mais coagido à masturbação, seja pela impulsividade biológica, também ela modelada culturalmente, seja pelas pressões de grupo sobre ele exercidas por coetâneos e pela própria expectativa social coletiva. Para outros, a diversidade biológica existente entre os dois sexos seria a causa explicativa. Hormonalmente os indivíduos do sexo masculino seriam colhidos por pulsões sexuais mais coagentes, uma vez que a ejaculação, à semelhança da menstruação, é um fenômeno biologicamente ne-

cessário que se apresenta de tempos em tempos com ou sem a manipulação dos genitais por parte do indivíduo. O estado de excitação daí decorrente e a obtenção da descarga e do prazer sexual funcionariam como reforçadores que o sexo feminino desconhece. O orgasmo feminino, por razões anatômicas e biológicas, teria uma outra natureza. Há ainda um terceiro grupo de autores que insiste em explicar em chave psicológica a diferença estatística encontrada. Os interesses, as necessidades, as tensões e frustrações psicológicas a que é submetido o indivíduo do sexo masculino, por razões culturais ou por motivos de ordem bioquímica e neurofisiológica, tornam nele o comportamento masturbatório algo quase que conatural. Em termos amplos e genéricos não há como não reconhecer certa pertinência às 3 ordens de argumentos. A interpretação masi próxima à verdade talvez exija que nos voltemos, convergentemente, para as 3 linhas de reflexões e argumentos. Mas ao mesmo tempo, a grande diversidade de distribuição encontrada dentro de cada faixa etária (indivíduos que se masturbam excessiva e até obsessivamente, ao lado de outros que muito raramente ou nunca o fazem) parece indicar que existe um componente psicológico e pessoal de grande importância. De fato, cada caso é um caso.

Quanto à hipótese, por vezes proposta como científica, que vê em todo e qualquer adolescente que não se masturba, um caso de neurose é preciso rejeitá-la com a mesma certeza com que não se pode aceitar que todo adolescente de comportamento habitualmente masturbador seja, “*ipso facto*”, um neurótico. Deve-se ver o contexto com um todo da personalidade. Na onda de permissividade existente hoje em muitos ambientes é preciso se ter bem claro que um adolescente, cuja evolução psicosssexual e emocional foi plenamente satisfatória, pode muito bem ter superado a necessidade de se masturbar. Seu comportamento denotaria, então, não medo ou repressão ou tendência homossexual latente, e sim uma personalidade que sadiamente superou o estágio auto-erótico, colocando-se em uma perspectiva de vida que lhe permite sublimar o impulso e a necessidade em direção a objetos substitutivos mais gratificantes do ponto de vista humano e cultural, inclusive alguns de natureza sexual, como a namorada, ou religiosa, como a vocação. Isto precisa ser dito mesmo se estatisticamente 100% dos adolescentes se masturbassem por pressões ambientais e por excesso de estimulação erótica. Mas, estaríamos diante de casos bastante raros. O educador deve pautar seu trabalho muito mais sobre a hipótese de o adolescente de hoje dever aprender a superar uma fase masturbatória como um momento de sua evolução.

2. *Aspectos evolutivos de masturbação*

Von Gagnon define a masturbação como sendo “uma excitação e satisfação sexual procuradas isoladamente ou com outros, como meio de conseguir prazer ou alívio, em geral como reação provocada por motivos que jazem no inconsciente”¹⁰. Esta definição me parece aceitável sob duas condições ou ressalvas. Primeira, não é só nem sempre o prazer e o alívio o que se busca com a masturbação. Há, sobretudo na adolescência, uma outra motivação freqüentemente determinante para o surgimento da masturbação: é o desejo de auto-afirmação, o receio de não ser reconhecido pelos demais membros do grupo de coetâneos. Há, portanto, na masturbação, embora ela seja chamada de “sexo solitário”, um

componente social. A masturbação pode ter a ver mais com a temática do poder do que com a do alívio (de pulsões biológicas e emocionais) ou do prazer, tomado em seu sentido mais direto. Além desta primeira ressalva, não se deve exagerar a presença de componentes inconscientes como motivação exclusiva da masturbação. Em alguns casos, sem dúvida, há por trás do comportamento masturbatório nós conflituais de extrema complexidade, de natureza inconsciente no sentido técnico do termo. Trata-se, então, de distúrbios de natureza patológica que têm na masturbação um sintoma regressivo de natureza neurótica ou psicótica. É toda a personalidade que desde suas raízes mais profundas se acha afetada por processos mais ou menos intensos de repressão e de desagregação. Não tratamos aqui destas formas mais patológicas. Nossos de repressão e de desagregação. Não tratamos aqui destas formas mais patológicas. Nossa atenção se volta muito mais para a média dos casos em que estados de ansiedade e vivências de culpa podem se dar, mas em um nível menos profundo de estruturação. Evidentemente o inconsciente representa sempre um componente de base, mas as motivações que levam o adolescente ao comportamento masturbatório não são necessariamente emaranhados emocionais. São, por vezes, situações normais de vida que se situam em níveis vizinhos à quotidianidade.

Nos anos iniciais da vida, digamos até os 6 anos, a masturbação é bastante rara mas não é uma exceção. A maioria absoluta das crianças demonstra, entre os 3 e 6 anos, uma curiosidade natural e sadia em relação à parte genital de seu corpo e do corpo de quem lhe é mais próximo, como os pais ou amiguinhos e irmãos. Uma eventual descoberta da sensibilidade erótica existente nestes órgãos deve ser encarada com naturalidade, mesmo quando conduz a comportamentos que se assemelham à masturbação. Isto é, mesmo quando a criança externa gestos que parecem indicar uma busca de prazer nas zonas erógenas de seu corpo. Por vezes esta aprendizagem se dá espontaneamente. Outras vezes, e aí a atenção do educador deve ser maior e se voltar para o grupo, são crianças de maior idade que ensinam ao pequenino como se obtém prazer através de toques masturbatórios. Independentemente da origem espontânea ou não do novo comportamento e independentemente também de a criança aprender ou não a chegar ao prazer propriamente dito (orgasmo), este tipo de masturbação deve ser encarado como uma descoberta necessária que a criança deve fazer de sua corporeidade e do prazer. Sem tal descoberta a capacidade de aceitação do próprio corpo pode ser prejudicada, dando origem à fixação que irá na adolescência e no casamento, uma incapacidade de se manifestar tranqüilamente em termos de carinho e de aproximação corpórea. Tal incapacidade é expressão de uma repressão que fixou a pessoa em um estágio auto-erótico da evolução genital e sexual. Contudo, ao lado desta manipulação dos genitais que é expressão da curiosidade e do desejo de descobrir e explorar o próprio corpo, pode aparecer em idade relativamente precoce um tipo de envolvimento genital eivado de sentimentos de abandono, de rejeição, de ansiedade e de culpa. Esta modalidade de fechamento auto-erótico merece muita atenção da parte do educador. A criancinha medrosa, insegura e isolada, que não encontra apoio nem estímulo em seu meio ambiente, especialmente em seus pais, que se sente rejeitada ou que se rejeita, provavelmente tenderá a se concentrar de forma exagerada os próprios órgãos genitais, entregando-se à manipulações masturbatórias mais ou menos mórbidas, não tanto por elas próprias, mas pelo contexto do qual nasce.

Até bem pouco tempo atrás era freqüente se afirmar que a masturbação precoce trazia consigo conseqüências deletérias. Esta afirmação, tomada em sentido genérico, carece de fundamento. O que poderá prejudicar — e muito — a futura evolução emocional e afetiva da criança é o conjunto de hábitos pessoais que irá se cristalizando em sua personalidade, fechando-a sobre si própria, fixando-a em um egocentrismo defensivo e rígido que irá se recusar, mais tarde, a se abrir ao outro e a correr riscos da relação de alteridade. É só nesta última hipótese que a masturbação infantil se transforma em um ato “solitário”, como se dizia antigamente. Tais casos não são freqüentes. Exigem a assistência do educador especializado ou do psicólogo e implicam, quase sempre, necessidade de uma ampla revisão das atitudes básicas dos pais em relação a si mesmos, em relação à criança e em relação à sexualidade deles próprios, cujos distúrbios se expressam indiretamente no comportamento do filho. Foi Freud quem por primeiro intuiu a descrever esta íntima conexão existente entre a afetividade dos pais e a dos filhos. Toda e qualquer interpretação psicológica correta de distúrbios relativos à sexualidade e à afetividade exige que se considerem estes laços, em geral inconscientes, que vinculam o problema vivido pelo filho à problemática vivenciada por seus pais e ao jogo sutil que se estabelece entre estes dois pólos. Isto vale também para a compreensão adequada do fenômeno masturbatório. Este, muito embora apareça mais na fase da puberdade, tem suas raízes nos conflitos e nas aberturas vivenciadas na infância, na interação chamada edipiana. A passagem qualitativa do egocentrismo sexual e afetivo, que na criança é uma necessidade natural, à oblatividade heterocêntrica da idade adulta, não se dá de forma rápida, a modo de um salto. Ela é fruto de uma maturação lenta que quase necessariamente atravessa estados regressivos em que problemas não solucionados do período edipiano retornam e passam a determinar as emoções e reações da pessoa. Daí a importância pedagógica e psicológica da primeira infância, presente ou não a criança o que comumente chamamos masturbação.

Entretanto, insisto, nem todo comportamento masturbatório, no meu entender, se deve a conflitos e pulsões não resolvidas ou a repressões inconscientes da fase edipiana. Certas formas de comportamento masturbatório se devem a processos sociais e pessoais muito mais simples. Especialmente em nossos dias. Não é bom que o educador ou que os pais fiquem procurando pêlo em casca de ovo. O que parece estar fora de dúvida é que a realização afetiva da criança na primeira infância tem a ver com a perspectiva de abertura de direção a uma sexualidade adulta. Dela dependem, igualmente, o fechamento e a regressão psicoafetiva. Em cada pessoa esta abertura ou enclausuramento da tendência sexual, que tem na masturbação um de seus indicadores, adquire um significado próprio e diferente. Descobrir à pessoa este significado parece ser a tarefa do psicólogo e do educador. Assim, não é a supressão pura e simples do sintoma (a masturbação) o que interessa, e sim o crescimento humano da pessoa em sua totalidade.

Na fase de latência, período da evolução psicoafetiva que vai mais ou menos dos 6 anos à puberdade, a masturbação aumenta progressivamente sua freqüência. Do ponto de vista psicopedagógico, o fator decisivo para o julgamento e encaminhamento do caso continua sendo o acima mencionado, isto é, o educador deve se preocupar, antes de mais nada, é com o enriquecimento do mundo afe-

tivo da criança, abrindo-lhe possibilidades novas de relacionamento e de realização, propiciando-lhe situações que lhe permitam experiências pessoais de segurança e autoconfiança. A entrada na escola e o afastamento do lar em direção à rua, ao grupo de amigos, às influências ambíguas dos estímulos do consumo e do sexo, fará, provavelmente, com que a criança comece a sentir a atração psicológica de certas propostas e insinuações do meio ambiente, talvez opostas às que assumira e interiorizara em sua família, ao longo dos primeiros anos de vida. Podem resultar daí situações novas de conflitos do tipo atração-repulsão. A presença e a segurança oferecidas por adultos compreensivos e abertos tornam-se então imprescindíveis para que a criança aprenda a conviver com esta nova tensão. Tal aprendizagem deve seguir duas direções: a de um autoconhecimento mais objetivo e mais personalizado e a de uma capacidade maior de se defender ante um ambiente aliciador e perigoso. Ao lado deste acompanhamento que permite à criança dar mais um passo em direção à autonomia responsável, é preciso fornecer à criança informações a respeito da fisiologia e da higiene sexual, bem como discutir com ela todos os aspectos e perigos da vida da cidade. É necessário que a criança possa trazer ao adulto suas experiências, também as sexuais, em especial as que sustam e despertam sentimentos ambíguos. Também a respeito da masturbação, da poluição noturna, da menstruação e de todo o funcionamento genital a criança precisa estar bem informada. Não se trata apenas de fornecer conhecimentos. O que importa é permitir que a criança possa discutir o que ouve, sente, fala e vive nas ruas, na escola, com seus amigos. Quais são suas companhias? Que escritos e revistas passam de mão em mão? Com que sentimentos ela reage ante os estímulos e exemplos aos quais se acha exposta? O que se deve objetivar com tais conversas pessoais, e eventualmente também em grupos, é o reconhecimento pela criança daquilo que ela realmente sente, a aceitação tranqüila de seus impulsos, de sua curiosidade, de sua atração pelo prazer sexual, sem medos, de modo pessoal, mas com abertura ao social. Importa levar a criança à descoberta de normas e de valores que emergem e encontrem uma contraprova em sua experiência pessoal. A experiência da criança se enriquece na medida em que ela se sente em condições de cotejá-la, com liberdade, com a experiência de seus pais e educadores. Isto não se consegue através da mera delimitação do que é certo e errado. A imposição de normas, mesmo se a criança as aceitar e a elas se amoldar, não é sentida hoje como a melhor forma de preparar a criança para a sociedade permissiva pluralista que aí está. O que importa é, muito mais, a criação, desde a infância, de um centro autônomo e responsável de discernimento em cada pessoa. Com isto não se descarta nem se minimiza a necessidade de o educador apresentar à criança os valores nos quais ele acredita. A criança precisa sentir a convicção do educador a respeito do que vale e do que não vale. O que pretendemos enfatizar é que o cerne da formação moral deve ser deslocado do campo da moral dos atos e das proibições para o dos valores e das atitudes conscientemente assumidos. O educador mais do que ninguém deve saber que a integração ético-sexual tem um caminho, é um processo que se desdobra e que não se dá por passe de mágica. Por isto, o que mede a propriedade ética das atitudes do pedagogo no tocante à interiorização dos comportamentos e valores não pode ser o padrão derivado do "proibido" e do "permitido", e sim, "o empenho ou não empenho na busca do ideal que é homem sexualmente amadurecido e integrado" ¹¹.

3. *Adolescência: uma fase especial da evolução psicoafetiva*

Durante o tempo da puberdade, em que o jovem adolescente se encontra psicologicamente voltado para si mesmo, preocupado com sua imagem corpórea, lutando pela conquista de uma identidade menos dependente das identificações feitas nas idades anteriores e buscando inserção em “seu” grupo de coetâneos, “dever-se-á considerar o comportamento auto-erótico como estágio de desenvolvimento”, escreve o moralista alemão Grundel¹². O mesmo autor prossegue considerando como normal que o jovem não consiga, muitas vezes, “dominar ainda as forças impulsivas que irrompem dentro dele e tornam-se logo um objeto da libido”. As observações do teólogo parecem já ter assimilado as descobertas da moderna psicologia que vê na masturbação uma característica típica do estágio evolutivo da puberdade. Isto mesmo se o adolescente não lançar mão da masturbação propriamente dita! De fato, a constelação psíquica que leva à masturbação é a mesma. A masturbação tem nesta fase um significado evolutivo e funcional que não pode ser negligenciado. Ela, segundo Schwarz¹³, preenche o intervalo entre o auto-erotismo da criança e a heterossexualidade do indivíduo psiquicamente adulto. Há como três formas de masturbação nesta idade: a primeira consiste em um meio de aliviar um desejo sexual puramente físico. Encontramos esta manifestação também nas espécies animais superiores. Este desejo, como salientam, com razão, Hagmaier e Gleason¹⁴, no adolescente dado ao “vício” da masturbação pode adquirir uma dimensão compulsiva não necessariamente de tipo neurótico obsessivo. “O embate da masturbação contínua sobre o sistema nervoso cria um fluxo e refluxo de exigências e satisfações absolutamente independentes da escolha da vontade e do estímulo externo. Isto provoca um desejo ardente de satisfação, semelhante ao desejo de beber do alcoólico ou de ingerir drogas do viciado, o que exerce pressão tremenda sobre o organismo psicossomático”. Este circuito condicionado, de fundo psiconeurológico, talvez explique a persistência do hábito masturbatório na vida adulta e após o casamento, apesar dos esforços da pessoa para dele se liberar. Uma segunda forma de masturbação serve psicológica e fisiologicamente para aliviar toda forma de tensão, também a tensão não sexual, tão freqüente na vida ensimesmada do púbere, com seus entusiasmos fáceis e suas depressões, com seus sonhos (não só eróticos) quase sempre contraditados por uma realidade medíocre e rotineira. Creio se deva falar de um terceiro tipo de masturbação infanto-juvenil. Evidentemente ele não precisa necessariamente estar separado de outras eventuais formas, mas é importante distingui-lo mais especificamente. Em certo sentido, pode-se afirmar que a masturbação se torna propriamente sexual é com a puberdade. A masturbação, que no plano físico continua auto erótica e pode perseverar em alguns de seus objetivos tipicamente infantis, de fato começa a se fazer acompanhar de fantasias que tomam uma direção nova, de tipo heterossexual. O desejo físico, endogenamente suscitado pela pulsão biológica e hormonal, desperta imagens mentais de natureza sexual que tornam a masturbação uma espécie de ato sexual rudimentar. Autores mais modernos sem discordar de Freud, que afirma existirem fantasias sexuais já no estágio edipiano, o que parece ser correto, julgam importante frisar que os “fantasmas” mentais do adolescente são de outra natureza e exercem outra função psicológica, mediando a passagem à capacidade adulta de interagir afetiva e sexualmente com o outro sexo. Em princípio, esta observação vale para ambos os sexos, embora pareça

ser mais pertinente no caso do sexo masculino. Ora essas imagens da fantasia representam simplesmente mulheres, ora sugerem cenas de interação mais explícita em que o jovem pode ou não ter um papel. Aparece assim, no plano imaginativo, uma primeira menção do “partner” sexual, embora ainda frequentemente despersonalizado. Em certo sentido é a ausência dessas fantasias que deveria preocupar mais o educador de hoje. Com isto não se quer dizer que devamos incentivar o devaneio sexual puro e simples. Isto representaria um perigo não menor que a ausência de fantasia sexual. O que pretendemos dizer é que a masturbação no adolescente é um ato simbólico complexo, cujo significado (evolutivo o involutivo) pode ser colhido pela análise do jogo imaginativo que o acompanha. Portanto, essa manifestação sexual, a masturbação juvenil, deve ser considerada como uma etapa. Não convém tentar criar-lhe uma barreira pela força. Da repressão resultariam, com grande probabilidade, problemas sexuais ainda mais perturbadores.

Do ponto de vista psicodiagnóstico e pedagógico, sempre tendo em vista casos não patológicos, talvez seja oportuno enumerar telegraficamente alguns pontos básicos que surgiram aqui e ali, ao longo de nossas considerações. Eles poderão servir de orientação ao educador, seja para estabelecer em moldes mais adequados a sua visão de conjunto a respeito do problema, seja para exercer a sua tarefa de conselheiro:

- A masturbação não pode ser considerada em si e por si mesma. Pedagogicamente, o importante não é o ato ou hábito tomado em si; o ato é apenas um sintoma. O que importa para o adolescente e para o educador é compreender a atitude, a motivação que se escondem por trás da ação. Especialmente quando se trata de masturbadores “habituais” o que interessa é reorientar a personalidade e a vida como um todo.
- A masturbação deve ser sempre vista e interpretada como um fenômeno evolutivo (que pode, é claro, colaborar com fixações). A maioria dos casos são passageiros e devem ser encarados como tal. O próprio educando deve aprender a ver a masturbação como algo transitório, como um momento a ser tranqüilamente superado com vistas a novas atitudes e comportamentos mais gratificantes.
- Cada caso é um caso. Não há um tipo médio de masturbador. O acompanhamento deve por isto ser individualizado e cada comportamento, deve ser referido às peculiaridades de cada pessoa nas circunstâncias e conjunturas concretas de sua evolução pessoal.
- A superação da masturbação, especialmente quando se tornou um hábito, não se dá de uma hora para a outra. Exige tempo porque supõe maturação. Casos de “cura” repentina são suspeitos.
- Hoje é imprescindível um trabalho de desmistificação em relação à masturbação. Devem se retificar tanto os preconceitos e idéias erradas do passado (algumas sugeridas em nome da religião) quanto os falsos mitos que hoje se propalam (do tipo: “masturbe-se e você será feliz!”).

- O problema da culpa, freqüentemente associado ao sexo, merece especial consideração. O temor e o sentimento de culpabilidade são nocivos e indicam quase sempre uma indevida repressão do impulso sexual, de si necessário e sadio. Deixar a masturbação premedida pelo senso de culpa é a pior forma de tentar fugir ao problema que retornará de outra maneira. Uma adequada educação da consciência, com base nos valores religiosos e morais, é tarefa imprescindível do educador que busca uma plena maturação sexual do educando.
- A aceitação da corporeidade e do prazer como dados constituintes da natureza humana é algo de fundamental na superação da masturbação. O educando deve aceitar suas sensações, fantasias e desejos sexuais como parte de si próprio. Como algo de positivo a ser conquistado e direcionado. Algo que sofrerá ao longo da vida um jogo de fluxo e refluxo, mas que permanecerá, sempre, como uma riqueza. Fundamental é que a sexualidade em todos os seus componentes desague na capacidade de dar e receber amor. Aprender a amar significa também aprender a renunciar e a sacrificar-se. Nesta perspectiva a tarefa de dominar os impulsos, a fantasia e o desejo imediatista do prazer ganham uma dimensão nova. Voltam-se para o outro.
- Concentrar a atenção do educando sobre a masturbação é mais prejudicial do que construtivo. Em certas circunstâncias é justificável, até por uma necessidade interna do próprio masturbador, que o esforço se concentre diretamente na discussão do problema, mas a ação pedagógica deve ir mais no sentido de abrir os horizontes de compreensão, de vivência e de relacionamento do adolescente.
- Em casos mais difíceis sempre que o educador perceber que a masturbação se inscreve em um quadro mais complexo de personalidade é conveniente a ajuda do psicólogo ou do médico. Por vezes, na masturbação estão envolvidos difíceis problemas de natureza fisiológica e psíquica, que não são solúveis apenas mediante a intervenção pedagógica que, contudo, também, nesta hipótese, tem o seu lugar.
- No caso da masturbação de adultos ou de jovens adultos, os psicoterapeutas alemães cunharam uma expressão que pode ajudar na compreensão da masturbação do adolescente, hoje freqüentemente submetido a estimulações eróticas exageradas. Trata-se da "masturbação por necessidade" (Notonanie). É uma forma especial de compulsão, quase sempre originada da impossibilidade de um exercício ou expressão mais adequados da sexualidade. É o caso de quem está separado da esposa, dos operários submetidos a jornadas desumanas de trabalho, de pessoas enviuvadas, de prisioneiros ou dos que levaram para a vida certos determinismos neuropsicológicos de coação. O "onamismo por necessidade", dadas as condições da vida moderna, parece estar aumentando. A exacerbação da estimulação sexual típica de nossa sociedade erotomaníaca pode induzir no jovem de hoje uma espécie de "masturbação por necessidade". Também aqui a ajuda psicopedagógica tem seu lugar, mas a intervenção, para ter sucesso, precisa considerar as circunstâncias que dão origem a tal tipo de masturbação.

III — UM ROTEIRO PARA A CONVERSA PSICOPEDAGÓGICA

À guisa de conclusão reproduzimos para o leitor o excelente roteiro que Hagmaier e Gleason prepararam para o aconselhamento do educando que enfrenta e pretende superar no sentido positivo de sua evolução sexual o problema da masturbação. A mera leitura das indicações fornecidas pelos dois especialistas americanos já mostrará ao leitor a perspectiva extremamente rica e abrangente, desde a qual eles propõem que se faça a orientação do masturbador.

“Está o cliente resolvido a procurar regularmente o orientador?”

O cliente concentra sobretudo a sua atenção sobre o pecado e a culpa ou considera o hábito como um obstáculo ao crescimento emocional e o seu domínio como uma ajuda para a consecução da maturidade?

O cliente dá-se por satisfeito com progressos lentos e está preparado para as recaídas?

Qual é a atitude do cliente para com o sexo, o amor e o casamento em geral? É esta atitude positiva e esperançosa ou tímida, ansiosa e negativa?

São os pais muito estritos e exigentes, provocando constantes irritações e frustrações, perante as quais a masturbação pode ser um sintoma de revolta?

Há séria rivalidade entre os filhos da família?

Está o cliente razoavelmente satisfeito e consegue bons resultados nos seus estudos?

Dedica-se a um trabalho que gosta?

O cliente tem possibilidades de se recrear suficientemente? Dispõe de tempo suficiente para os desportos, para se dedicar às suas ocupações favoritas e a outras atividades que concorrem para um alívio da tensão?

O cliente vai-se desenvolvendo heterossexualmente? Leva vida social adequada? Quais são as suas relações com o sexo oposto?

Está o cliente a aprender a dominar a sua imaginativa, sobre a qual exerce fiscalização, sem se perturbar? É capaz de evitar as ocasiões óbvias de pecado que estimulam as solicitações para a masturbação? Serve-se da oração e dos sacramentos de forma positiva ou está à espera de que eles curem o seu problema automaticamente, como por uma espécie de magia?

Que procura o cliente com a masturbação? Que é que a masturbação significa para ele — amor, hostilidade, vingança, compaixão por si mesmo, ansiedade, depressão, curiosidade, virilidade? A resposta a estas perguntas pode fornecer o começo de uma solução.

Sente-se o cliente preocupado com alguns outros dos seus problemas morais (por exemplo, falta de caridade, domínio do seu gênio) como se sente com o problema da masturbação? Que fazer para desviar a sua atenção dos pecados sexuais e concentrá-la em outras faltas, muitas vezes mais deliberadas?

É o cliente capaz de capitalizar as qualidades e os talentos positivos de que quase todo o jovem dispõe? Ou sucede que o simples fator da masturbação assume tais proporções na sua vida que chega a ofuscar tudo o que ele faz e

anular todos os seus resultados e ambições até estes se parecerem com a cinza na sua boca?

Ao passo que vai ganhando discernimento, esperança e confiança, consegue o cliente aprender, com a ajuda da graça, a encarar as coisas difíceis, sem escolher o caminho mais fácil, como coisa natural? Vai abrindo caminho gradualmente, sem perder a alegria com as derrotas e sentindo-se orgulhoso e confiante na última vitória?"

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KINSEY, A. C. et al — Sexual Behavior in the Human Males, Philadelphia, Saunders, 1949 e KINSEY, A. C. et al., Sexual Behavior in the Human Female, ibd., 1953.
2. HITE, S. — O relatório Hite, Lisboa, Livraria Bertrand, 1979.
3. HITE, S. — The Hite Report on Male Sexuality, Boston, Alfred Knopf, 1981.
4. DIAS, E. O. — Educação, Família, Psicoterapia, em ALMEIDA, L. M. et al., Educação na América Latina, São Paulo, Almed e Escola do Brasil, p. 297, 1981.
5. CYTRYNOWICZ, D. — Psicoterapia: uma aproximação daseinanalítica, em Daseinanalyse, Revista da Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial, n.º 4, p. 45, Apud Dias E. O., id., ibd., 1979.
6. HAGMAIER, G. & GLEASON, R. W. — Novas orientações da psicologia pastoral, Lisboa, União Gráfica, p. 320, 1962.
7. VON GAGERN, F. — The Problems of Onanism, Westminster, Newman Press, p. 66, cit. por HAGMAIER, G. e GLEASON, R. W. op. cit. p. 104, 1955.
8. UNDEUTSCH, U. — Die Sexualitaet im Jugendalter, em Studium Generale, N.º 3, pp. 434 s., 1950.
9. DE LUCA, L. A. — O problema sexual da adolescente, São Paulo, Almed, p. 53, 1980.
10. VON GAGERN, F. — Id. ibd., p. 53.
11. MOSER, A. — Perspectivas teológicas sobre a sexualidade, Rio de Janeiro, CRB, p. 15 (mimeo), 1981.
12. GRUENDEL, J. — Temas atuais da teologia moral, Petrópolis, Vozes, p. 69, 1973.
13. SCHWARZ, O. — Psychologie sexuelle, Paris, PUF, 1952.
14. HAGMAIER, G. & GLEASON, R. W. — op. cit., p. 107.

A PATOLOGIA DA SEXUALIDADE

*Haim Grünspon **

Nas últimas duas décadas, é nos congressos que temos delineado o trabalho de prevenção para os problemas da educação e desenvolvimento da família, centralizado no nosso programa sobre os pais e, portanto, o tema patologia sexual pode fazer parte do programa deste Congresso.

Há 4 anos, começamos a publicar os livros sobre os congressos que correspondem aos pensamentos e conhecimentos atualizados, compondo uma bibliografia importante para a Escola de Pais.

No entanto, livros como “Educar para o Futuro”, “Educação e Massificação” e “Educação na América Latina” devem ser divulgados para um público maior e podem servir como fontes de orientação não só para casais e pais, mas para professores, educadores, pedagogos, psicólogos e muitos outros trabalhadores de saúde mental, como publicações que norteiam a visão e posicionamento para um programa profilático de saúde mental em geral e de prevenção para problemas e conflitos que a família inevitavelmente vive na nossa atualidade.

Precisamos ensinar a ler, aprender a ler, e compreender o que é lido, pois esta é uma forma de fundamentar o ser humano, ampliar o universo de pensar, treinar a reflexão e preparar o homem de forma adequada para atuar.

Sobre o tema sexualidade humana, já nos colocamos no Congresso do ano passado, publicado como artigo no livro agora lançado, Educação na América Latina, onde delineamos as propostas de nova atuação da família no que se refere à sexualidade na família onde não mostramos como desenvolver a sexualidade na adolescência, ou educar a criança em programas de “educação sexual” mas como preparar o ser humano para a sexualidade normal, a partir do 1.º dia de vida, antevendo o recém-nascido como um futuro ser humano sexuado, prevenindo a partir do nascimento as carências de relacionamento que bloqueiam a sexualidade futura, e mostrando a importância do “acalentamento” para o ser humano como realização satisfatória da sexualidade.

Há no momento uma apreensão geral nas famílias sobre tudo que se divulga nos meios de comunicação como imprensa, rádio, cinema, teatro e televisão, sobre sexualidade e que na realidade não trata da sexualidade enquanto normalidade do viver do ser humano, mas sexualidade como patologia, enquanto anormalidade é portanto algo que faz mal para o ser humano, por que é doença.

* Professor de Psiquiatria Infantil da PUC — São Paulo. Diretor da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo.

Esta repetição constante da patologia é que nos faz produzir este trabalho no Congresso, procurando desvendar e diagnosticar novas formas de doença da sexualidade humana e traçar algumas normas de prevenção.

Historicamente não foi propriamente Freud quem iniciou os estudos sobre a patologia sexual humana, mas sim o psiquiatra Kraft-Ehbing, seu contemporâneo, que descreveu todas as formas de desvio da sexualidade normal.

Nos trabalhos de Freud encontramos somente algumas explicações psicodinâmicas de patologia isolada, nomeada por Kraft-Ehbing e depois sistematizada por seus seguidores em cursos nos livros de psicologia e psiquiatria.

Classicamente podemos enumerar a patologia conhecida num quadro e abordar o que se considerou desde o século passado e primeira metade deste século, como distúrbios que mereciam intervenção de profissionais habilitados para tratar.

Diferente é nossa posição nesta segunda metade do século, especialmente nestes últimos anos do século, porque muito do que era considerado patológico, hoje nem é tratado e nem há preocupação.

PATOLOGIA SEXUAL CLÁSSICA

Vejamos o que sempre foi considerado como distúrbios, desvios, perversões e patologia da sexualidade.

1. Impotência Masculina
 - 1.1 — Distúrbios de erecção
 - 1.2 — Distúrbios de ejaculação
2. Frigidez Feminina
 - 2.1 — Alibidimia
 - 2.2 — Anestesia sexual
 - 2.3 — Anorgasmia
3. Hipersexualismo Feminino
 - 3.1 — Hipersexualismo como ato
 - 3.2 — Ninfomania
4. Desvios Sexuais
 - 4.1 — Sadismo
 - 4.2 — Masoquismo
 - 4.3 — Sadomasoquismo
 - 4.4 — Exibicionismo
 - 4.5 — Sodomia ou zoofilia
 - 4.6 — Fetichismo
 - 4.7 — Pedofilia (adulto com criança de outro sexo)
 - 4.8 — Pederastia (adulto com criança do mesmo sexo)
5. Homossexualidade
 - 5.1 — Por desenvolvimento
 - 5.2 — Por inibição
 - 5.3 — Genuína
 - 5.4 — Social

6. Lesbianismo
 - 6.1 — Compensatório
 - 6.2 — Genuíno
 - 6.3 — Social
7. Travestismo
8. Transexualismo
9. Prostituição
 - 9.1 — Infantil
 - 9.2 — Masculina
 - 9.3 — Feminina
10. Masturbação excessiva.

Como dissemos, muito poucas situações patológicas destas enumeradas podem ser consideradas na atualidade.

1. A impotência masculina, quer como distúrbios de ereção, quer como ejaculação precoce, continua sendo ainda a razão fundamental da queixa humana, tanto nos dois sexos, e continua sendo a patologia que mais procura os consultórios de especialistas, hoje chamados sexólogos, que não somente vituperam e aviltam a sexualidade humana com idéias esdrúxulas e tão patológicas como a própria patologia, mas também se arvoraram em tecnólogos da realização sexual, através de práticas que podem melhorar a potência masculina e com isto afirmar que melhora a performance e realização sexual para os dois sexos.
2. Da mesma forma há preocupação com a frigidez feminina, com a falta de apetite para a sexualidade até os problemas de orgasmo insatisfatório e a falta total de orgasmo. Nestes últimos 20 anos, o orgasmo feminino vem sendo o consumo da sexualidade mais difundido nos meios de comunicação. Tornou-se problema reconhecer e diagnosticar o orgasmo, multiplicar o número de orgasmos e outra vez os sexólogos propuseram teorias e técnicas muitas vezes mais aberrantes do que as diversas aberrações sexuais, para justificar a existência de “orgasmo”.
3. Nos distúrbios da sexualidade com a cultura machista que predomina, o hipersexualismo feminino era considerado como distúrbio severo, porque se tornava ameaça para a correspondência do homem, e a ninfomania — busca exagerada de sexo por não conseguir transmitir corretamente a experiência — era condenada e o termo se tornou pejorativo. Hoje em dia a hipersexualidade está até sendo recomendada como auto-determinação feminina e, portanto, não mais tratada como patologia.
4. Nos desvios sexuais propriamente ditos, o sadismo, o masoquismo e até a violência sexual difundida na atualidade não têm sido considerados como importantes doenças na sexualidade. Somente a pedofilia, a relação de adultos com crianças continua sendo condenada legalmente e nas publicações sobre psicopatologia.

Nos cursos clássicos, este assunto de desvios ou aberrações sexuais era profundamente estudado por ser considerado como ameaça para a sociedade. Veremos adiante como evolui o conceito de desvio e a crítica à nova terapia para estes distúrbios.

5. A homossexualidade, até os anos recentes, sempre foi considerada como patologia e sentida como ameaça para a sociedade, especialmente quando a procriação e número de filhos significava poder e riqueza para a família.

No código inglês era castigada com a pena de morte; até as primeiras décadas deste século esqueceram de abolir esta lei. No entanto, na mesma Inglaterra, tivemos as primeiras autorizações para que homossexuais fossem reconhecidos como pares matrimoniais, constituindo contrato de casamento.

Na homossexualidade do desenvolvimento eram estudados os casos que na puberdade, por curiosidade ou por oportunidade, faziam experiências com parceiros do mesmo sexo.

Sabemos que inúmeros casos de meninos e meninas passaram por esta fase, no entanto, não significou nunca que a evolução da experiência resultasse em homossexualidade para a vida. Muitos dos casos de homossexualidade de desenvolvimento podem apresentar posteriormente conflitos emocionais como conseqüência, mas estatisticamente é grande e significativa o número de casos que não apresentam problemas na vida por esta circunstância transitória. Considerava-se na literatura especializada que um terço dos adolescentes passavam por esta fase.

Na homossexualidade por inibição encontramos os indivíduos inibidos e psicologicamente imaturos e infantis que não conseguem, pela inibição, fazer a ligação com o sexo oposto e persistem no desenvolvimento psicosssexual em manter fontes de ligação no que lhes é conhecido portanto o mesmo sexo. São capazes na vida de fazer contatos, mas incapazes de relacionamentos profundos mesmo com os parceiros do mesmo sexo. São indivíduos que não possuem imagem corporal adequada e portanto inseguros e frágeis.

Alguns destes casos apresentam lesões cerebrais e sujeitos a reações de impulsividade, podem chegar à periculosidade por atos impulsivos. Outros são os homossexuais esquizofrênicos por perturbações graves na organização da personalidade, com regressões para fases precoces no desenvolvimento. São indivíduos profundamente traumatizados na infância por relacionamentos perturbados na família, ou mesmo outros conflitos e experiências agressoras fora da família. Alguns destes homossexuais podem apresentar o problema na idade madura, buscando crianças do mesmo sexo, caracterizando então a "pederastia" muitas vezes realizada com violência.

Na homossexualidade genuína, encontramos os fundamentos psicodinâmicos encontrados a partir dos estudos de Freud e caracterizados como resultado de relações perturbadas com uma das figuras parentais. São os indivíduos que apresentam a tendência por complexo de Édipo mal resolvido e que inevitavelmente terminam em homossexualidade.

A frequência desta homossexualidade nas publicações científicas é de 4% da população masculina.

A homossexualidade social é a mais importante a considerar na atualidade como veremos adiante. São as forças sociais com crises na cultura que determinam esta patologia.

6. O lesbianismo ou homossexualidade feminina tem paralelismo com a patologia masculina.

No compensatório são os casos de mulheres em solidão, por dificuldades da própria cultura encontrar parceiros, porque somente lhes era permitido no casamento ou na prostituição. Buscam então, no mesmo sexo, outras mulheres nas mesmas condições e desenvolvem a homossexualidade.

A frequência do lesbianismo nas publicações sempre apontou 1% de mulheres, apresentando a patologia em todas as formas.

7. O travestismo foi considerado como grave patologia até este século. A roupa caracterizando o sexo sempre pertenceu como dogma em todas as culturas. O exemplo de George Saud, usando calças como homem e trocando seu nome para o de homem, não foi copiado nem se tornou moda do século passado. A partir da segunda metade deste século não encontramos mais a mesma gravidade nesta patologia, e a partir do movimento "hippie" passou mesmo a não constituir distúrbios de sexualidade.
8. O transexualismo é o desejo e até a convicção de pertencer a outro sexo. Pode ser consequência da experiência homossexual contínua, mas pode surgir precocemente na vida, e o indivíduo sofre com seu sexo anatômico. Pode estar presente com alterações genéticas ainda não muito conhecidas e aberrações cromossômicas. Por causa da existência de aberrações dos cromossomos e o conhecimento sobre hemafroditismo, nestes últimos anos têm sido realizadas cirurgias plásticas para a mudança anatômica. Nos casos de hemafroditismo pode até haver a indicação da cirurgia, mas o que se difundiu foi a cirurgia no transexualismo psíquico.
9. A prostituição, conhecida desde os períodos pré-bíblicos, sempre se apresentou como problema econômico-social.

Sem dúvida que sua incidência nos países pobres continua com as mesmas causas. No entanto, sua difusão nos países desenvolvidos, especialmente nos centros com benefícios sociais como o seguro desemprego e invalidez reconhecida precocemente, vem sendo considerada como sexualidade da moda. A prostituição masculina quer na homossexualidade quer na heterossexualidade está deixando de ser considerada como patologia e aceita até como "status" nos países desenvolvidos.

Descrevi até agora os distúrbios da sexualidade humana tal como eu os apresentava para os alunos psicólogos e médicos nas faculdades.

No entanto, minha proposição aqui é alertar para o fato de que estamos ultrapassando esta patologia e gerando novas formas de patologia.

10. A masturbação passou por várias conotações como patologia. Desde a fase em que foi considerada como pecado até a aceitação da masturbação, tivemos oscilações extremas.

Durante muito tempo foi considerada como estigma de degeneração e considerada como peculiar ao homem. O encontro da literatura oriental veio esclarecer sobre a existência da masturbação na mulher.

As famílias sempre se preocuparam com a masturbação das crianças, impedindo-as a todo custo com medo das conseqüências. Como as crianças pequenas não escondiam o ato, o estigma era depositado sobre a fase infantil.

Com os conhecimentos psicológicos foi desvendada a incidência da masturbação em todas as idades até chegarmos ao conhecimento de que ela era de incidência universal pelas pesquisas dos relatórios, a partir da década de 50 como relatório Kinsey. Desde então se passou a outro extremo, aceitando o fato como próprio do ser humano, buscando-se somente tirar a culpa que por séculos foi associada ao ato masturbatório.

Chegamos a fases em que ela deixou de ser patologia sexual. No entanto em crianças pequenas, apesar de transitória, sempre foi considerada como patologia.

Aparece em 4 a 8% das crianças, de acordo com as diferentes publicações a respeito.

Na puberdade, adolescência e juventude só passou a ser considerada como patologia quando excessiva e foi considerada excessiva quando mais de uma vez por dia e todos os dias do ano.

CAUSAS DE NOVAS FORMAS DE PATOLOGIA

As novas formas de patologia a meu ver são ameaças para o futuro da sexualidade humana e até para a organização social do futuro.

Como estamos convivendo e aceitando a nova patologia, propomos seu conhecimento para planejar programas de prevenção se concluirmos todos juntos que justifica fazer profilaxia para as novas gerações dos seres humanos.

Minha proposição é que a nova patologia é decorrente de carências pelas quais o ser humano passou.

Carência, como já disse, é a falta de elementos importantes para a completa realização das fases de desenvolvimento do ser humano, e que não foram fornecidos no momento certo e necessário para o desenvolvimento. Não sendo fornecidos no tempo certo e na quantidade adequada, jamais poderão ser compensados em outra época, e o indivíduo então se tornará carenciado para a vida destes elementos.

Já nos referimos em outras publicações sobre várias carências reconhecidas no homem, como conseqüências irreversíveis.

Queremos aqui lembrar para o nosso tema a carência importante do acalentamento, tradução do termo inglês “holding” introduzido por Winnicott quando estuda as necessidades humanas de libido e desenvolvimento sexual propostas por Freud.

O acalentamento que é necessário para o ser humano desde o nascimento, pelos contatos corporais de ser agarrado e envolvido por outro ser humano que o coloca ao seio e lhe faz sentir calor, cheiro, aconchego e alimento. Acalentamento que deve continuar em todos os cuidados que o ser humano jovem necessita. Acalentamento que foi substituído pela tecnologia — mamadeira, chupa, bicos, chupetas, maternidade, “isolete”, ar condicionado, luz com emissão planejada, máquinas e profissionais com técnicas apuradas e sofisticadas.

Longe de mim não aceitar os benefícios que a tecnologia trouxe para o ser humano. Mas esta tecnologia nos cegou e ao mesmo tempo deixamos de valorizar outros elementos tão importantes para o desenvolvimento do ser humano.

Só agora é que passamos a dar importância para os primeiros momentos do nascimento para os primeiros dias do recém-nascido, para as necessidades básicas das primeiras mil horas de vida e com isto voltando à histórica quarentena do puerpério e da compreensão agora tecnológica das primeiras relações.

Se antes a humanidade não considerava muito as crianças maiores, provavelmente fornecia a estas crianças nos momentos certos o que necessitavam a partir do seio materno. Sabemos hoje, por experiências de sofisticados laboratórios, da importância dos sonhos para o equilíbrio psicológico do ser humano. Sabemos que o adulto precisa sonhar ao redor de 15% de seu período de sono. No entanto, o recém-nascido sonha muito mais do que o adulto. Prematuros chegam a sonhar 80% de seu período de sono. No entanto, o recém-nascido sonha com que? Não é com as sensações de bem-estar e de acalentamento? Ou deve sonhar com dores, sofrimentos e ameaças internas?

É a partir destes momentos que ele internaliza o mundo que o rodeia, a mãe que está próxima, o cheiro que dela exala, o calor do corpo, o gosto do leite. Esta internalização é que irá prepará-la para a sexualidade normal.

As gerações carenciadas e que chamamos de gerações mamadeira na publicação do ano passado, facilmente desenvolvem sexualidade patológica.

PATOLOGIA SEXUAL NA ATUALIDADE

A patologia atual da sexualidade é a prevalente em indivíduos carenciados. Podemos sintetizar esta patologia em quatro distúrbios fundamentais:

1. voyeurismo;
2. solidão sexual ou masturbação recomendada;
3. “gay” ou poder homossexual;
4. promiscuidade ou sexo em grupo.

1. O voyeurismo ou mixoscopia em português é a excitação sexual ao observar órgãos genitais, áreas ou zonas eróticas, atos sexuais completos ou incompletos dos outros, independentemente de qualquer atividade própria. O termo era classicamente usado em pessoas que se escondiam

para espionar os outros. Gradualmente foi aplicado o termo voyeurismo para a observação de fotografias, impressões em revistas e livros, cinema, depois "slides" e agora na televisão.

A partir da década de 60, com a industrialização da pornografia e da obscenidade, o ser humano foi levado a se tornar de forma universal voyeurista. A propaganda, a notícia e as comunicações foram se contaminando com a proposição de oferecer condições, para generalizar o voyeurismo.

Não foram feitas, ainda, pesquisas suficientes para avaliar o prejuízo que esta nova patologia pode estar causando para a humanidade.

Estar sempre em excitação sexual, sentida conscientemente e inconscientemente, pode transformar energia libidinosa em energia agressiva. Estamos seriamente preocupados com a possibilidade de estar patrocinando violência ao mesmo tempo em que estamos patrocinando voyeurismo.

Experiências recentes demonstram, por exemplo, que nos homens jovens, expostos a pornografia durante um tempo breve, não aparecem hormônios na urina, mas junto com ereção aparece somente fosfatase ácida. Sabemos em ciência a importância extrema dos fosfatos no metabolismo da energia, ou em termos bioquímicos da transformação do ATP. Não é pois somente energia psíquica que pode estar sendo desviada, mas energia bioquímica também.

Não significa que nestas suspeitas devemos censurar os elementos de voyeurismo, porque podem ser fonte de adequação erótica, mas precisamos saber reconhecer o que pode ser prejudicial em termos de oportunidade e quantidade. O que devemos prevenir, não é a produção de revistas, jornais, teatro e filmes com conteúdo erótico, mas sim transformar o ser humano em voyeurista. Não devemos permitir que o ser humano naufragado em voyeurismo não precise mais agir. O jovem já viu tanto que não tem mais a possibilidade de desenvolver seu erotismo, sua sensualidade e especialmente seu carinho e capacidade de carícias.

Em todos os motéis existem filmes e VT pornográficos, mas os jovens não mais se erotizam com eles para assim melhorar sua performance na sexualidade para o prazer e muito menos para o amor.

O voyeurismo de ver parte de nádegas, de seio ou mesmo de órgãos genitais não está sendo excitação para a sexualidade normal, é um desvio patológico da sexualidade. Desvia as ações humanas. No entanto repetimos, não é censurar, mas desligar, desconnectar da tomada quando não é útil, "desligar" a revista, o anúncio, o filme, a televisão. Só usar quando é satisfatório. A criança de 3 a 15 anos não precisa assistir anúncios de TV de casal rolando nus na cama, envoltos em lençóis coloridos.

Um jovem estudante de medicina quando folheia a revista médica da AMB, Revista da Associação Médica Brasileira, no volume 27 de julho de 1981 e pesquisa na pág. 3 o índice para encontrar assuntos sobre câncer como artigos originais, não precisa encontrar na página

seguinte anúncio sobre medicamentos com fotografias pornográficas, gerando voyeurismo.

Podemos atualmente intervir com hormônios antiandrógenos para mudar o comportamento de pessoas perseguidas por tais fantasias sexuais ilícitas e/ou cometerem crimes sexuais. Cria-se um novo problema na atualidade. Homens que cometem crimes sexuais ou correm alto risco de cometê-los podem ser controlados por hormônios. Estamos plenamente de acordo com o Dr. Seimour L. Halleck, professor de Psiquiatria da Universidade da Carolina do Norte — Estados Unidos, que no editorial do número de maio de 1981 da revista "The American Journal of Psychiatry", órgão oficial da Associação de Psiquiatria Americana e preocupados com o crescimento de crimes sexuais, especialmente pedofilia, mas ainda mais preocupados com o caminho para a terapia, que é tão ameaçador como a patologia. O editorial afirma.

"Os desvios destas pessoas não são definidos totalmente em termos de seu próprio sofrimento; eles são largamente definidos em termos dos problemas que essas pessoas criam para outras pessoas. Se os desajustados sexuais devem ser tratados racionalmente por intervenção biológica, o clínico deve basear-se em modelos de orientação de sistema mais do que em modelos reducionistas médicos. Não será bastante simplesmente prover a medicação e observar a mudança de comportamento. O clínico deve pesar os benefícios e os riscos potenciais do tratamento, já que eles influem tanto sobre a sociedade quanto sobre o indivíduo.

Os benefícios para a sociedade do tratamento biológico efetivo dos desajustados sexuais incluem a possibilidade de uma segurança pública maior a menor custo. Os riscos para sociedade são quando tais abordagens aparentemente utilitárias estão disponíveis, a definição do desajuste pode ser gradualmente ampliada de forma a colocar gente excêntrica e relativamente inofensiva à mercê de um poderoso controle social. A sociedade estará especialmente tentada a ampliar o uso dos antiandrógenos porque é concebível que a violência tanto quanto a sexualidade desviada está ligada à atividade dos andrôgenos. Mas se começarmos a tratar a violência com antiandrógenos as fronteiras do uso apolítico serão difíceis de traçar.

Para os indivíduos, os benefícios do tratamento biológico podem incluir libertação de sintomas dolorosos e uma melhor oportunidade de permanecerem cidadãos obedientes da lei. O tratamento pode ainda permitir que os indivíduos evitem a dor do confinamento. Para os indivíduos o risco está em que o tratamento pode causar-lhes excessivo dano sob a forma de incapacidade física ou sofrimento psicológico.

Historicamente, os médicos que usaram a intervenção biológica no tratamento de criminosos tenderam a exagerar quer o perigo do comportamento da pessoa desajustada, quer o benefício social advindo de sua erradicação. Ao mesmo tempo, freqüentemente eles subestimaram o dano que o tratamento impõe ao ofensor. Os criminologistas não médicos aprenderam a antecipar os usos repressivos dos novos tratamen-

tos biológicos. Embora seu ceticismo os leve freqüentemente a rejeitar, arbitrariamente, todas as abordagens biológicas, tal ceticismo não é de todo injustificado.

Os médicos interessados em explorar a utilidade do tratamento antiandrógeno devem prestar uma escrupulosa atenção a todas as considerações risco/benefícios. Eles deverão determinar quais as formas da sexualidade desviada que constituem problema sério bastante para a sociedade, de modo a que possam ser tratadas por uma castração temporária. Eles terão de fazer acompanhamentos a longo prazo dos indivíduos submetidos a este tratamento para certificarem-se de que os danos que resultem do tratamento não sejam substancialmente maiores do que se preveja agora. Eles terão de buscar meios objetivos para determinar se os indivíduos assim tratados serão realmente beneficiados a longo termo.

Finalmente, os médicos terão que lutar com o crítico tópico do consentimento voluntário. Um dos benefícios que o transgressor sexual pode receber por tomar antiandrógenos é a oportunidade de permanecer em liberdade ou de receber uma sentença menor em seu aprisionamento. Pode alguém diante do encarceramento ou da ameaça dele dar um consentimento voluntário bem informado e competente a um tratamento, que pode eventualmente incapacitá-lo? Pode-se confiar em relatos de benefícios resultantes destes tratamentos quando as pessoas que os relatam enfrentam alternativas dolorosas e coercitivas? Uma corte de justiça já decidiu que um preso não pode voluntariar-se à psicocirurgia. Não é inconcebível antecipar-se que semelhantes decisões judiciais venham a limitar o uso de antiandrógenos em pessoas, sob qualquer tipo de restrição legal.

A despeito dessas preocupações, é possível que nossa ciência já tenha progredido o suficiente para que o tratamento biológico de algumas formas de comportamento criminoso possa ser eficaz bastante e benigno bastante, a ponto de justificar sua ampla aplicação. A prática atual com antiandrógenos sugerirá a demanda pelo uso crescente do tratamento biológico por aqueles que desejam um maior controle social. Isto certamente provocará um poderoso grito de alarma entre os defensores das liberdades civis. De novo os psiquiatras estarão no centro da controvérsia, e esta é uma controvérsia demasiado importante para justificar que se tome uma postura passiva. Não podemos ficar de camarote, reagindo simplesmente às pressões do grupo que seja politicamente mais poderoso. Nem podemos tão pouco evitar os tópicos éticos abrigando-nos na racionalização simplista de que estamos apenas praticando a medicina. Precisamos criar diretrizes éticas para o uso de antiandrógenos agora mesmo”.

Vemos portanto que no início dos anos 80, a violência na sexualidade com tecnologia no voyeurismo está encontrando soluções para a nova patologia sexual com tecnologia sofisticada, mas também de extrema violência. Foram gerações carenciadas que produziram o voyeurismo, e novas gerações carenciadas as perfeitas consumidoras.

2. A solidão sexual com a busca no próprio corpo de prazeres carenciados é a patologia mais difundida deste século. A aceitação da masturbação e a masturbação recomendada nos relatórios sobre sexualidade humana e que centralizaram nossas idéias sobre o sexo, não significa que é uma situação de normalidade. Durante muitos anos, no início de minha profissão há três décadas, nas entrevistas com os jovens, o importante era analisar as fantasias que acompanhavam a masturbação. Todos os adolescentes e jovens que se masturbavam contavam as fantasias que acompanhavam a masturbação. Dizíamos que o adolescente se acostumava mais às fantasias do que ao próprio ato masturbatório — fugíamos do termo vício. Gradualmente nestes últimos anos não encontramos fantasias acompanhando a masturbação. O ato tem significado se é capaz de ter algum prazer. Na masturbação recomendada, especialmente na clitoriana feminina a busca na fantasia é única — se é capaz de chegar ao orgasmo.

A partir do Relatório Kinsey na década de 50, o achado de que era quase universal a masturbação, com a aceitação social do ato, a preocupação dos psicólogos que cuidavam da sexualidade — não eram ainda sexólogos — era observar se no ato sexual não se repetiam as situações masturbatórias do casal cada um do par sexual realizando somente um ato masturbatório. Aceitamos como correta a pesquisa do Relatório Kinsey, mas somente nos últimos anos, como já foi publicado em outro artigo nosso, passamos a suspeitar da amostragem. Achamos hoje, que Kinsey e os que o seguiram em relatórios famosos como Masters e Johnson e depois Hite sempre pesquisaram a população da geração mamadeira, as gerações que tiveram carências nos relacionamentos corporais com outros seres humanos adultos. Inicialmente carentes do corpo da mãe e depois de outros corpos.

São aqueles que não conseguiram internalizar o corpo humano na idade certa e que por isto ao chegar à idade em que precisam ter o prazer com outro corpo não o conseguem, mantendo-se atados ao seu próprio corpo, como fonte de prazer. São estas as gerações pesquisadas e são estas as gerações que consomem a masturbação recomendada. São solitários na sua sexualidade e quando se relacionam com outro corpo, só são capazes de observar como consequência da masturbação o que o outro corpo pode fornecer ou somar algo que precisam para completar o prazer masturbatório. Não são capazes de se tornarem doadores de prazer; cada um é um solitário sexual que quer somente receber.

Precisamos aprender a lidar com esta patologia, apesar de não estarmos instrumentados ainda, porque, com grande facilidade, estes masturbadores da era contemporânea criarão novas gerações carenciadas, incapazes que se tornam gradualmente de oferecer e doar carinho e carícias para outro ser humano.

3. O movimento “gay” ou melhor movimento de liberação “gay” iniciou-se muito recentemente. Foi a consequência da aceitação social da homossexualidade e da qual resultou por sua vez a difusão social da patologia. É nitidamente a resposta mais evidente que gerações carenciadas poderiam apresentar como patologia da sexualidade. Não é mais a homos-

sexualidade com a busca de substituição do objeto sexual normal — o heterossexual para um objeto do mesmo sexo. É a nova “transa” corporal, com órgãos genitais iguais, masculino com masculino e feminino com feminino onde se encontra muito mais masturbação do que sexualidade. A busca de parceiros do mesmo sexo facilita relacionamentos por conhecer o próprio corpo e ter inseguranças, socialmente reforçados frente ao corpo do outro sexo.

Os relacionamentos sexuais do movimento “gay” são intensionalmente propalados para troca contínua de parceiros. Diferente da homossexualidade genuína onde encontramos parceiros com fidelidade mútua. No movimento “gay”, mesmo quando convivem, há instigação social para a traição corporal. Não visam companheirismo, dedicação, fraternidade e muito menos fidelidade. Apesar de ainda constituírem minorias, o crescimento está sendo patente.

Mesmo quando o relatório Kinsey encontrou a existência entre 10 e 37% de experiências homossexuais, especialmente no sexo masculino, era o conjunto de experiências homossexuais considerando as transitórias na adolescência. As pesquisas posteriores confirmaram que 4% da população masculina mantinha a homossexualidade para a vida e 1% ou menos da população feminina. Nos últimos anos de crescimento é surpreendente. Nas pesquisas de 1980 nos E.U.A., a porcentagem masculina adulta que se declarou abertamente de homossexual foi de 12 a 14% e a feminina entre 7 e 8%.

Constitui atualmente um poder “gay”, que influi na cultura, nas artes, na ciência, na política e na economia. Vale lembrar a piada do inglês que mudou recentemente para o Brasil depois de estudar a situação aqui. Perguntaram porque mudou e ele respondeu: “Na Inglaterra quando eu era moço a homossexualidade era punida, depois se tornou somente vergonhosa, depois aceita, e agora se tornou tão difundida que eu mudei antes que se tornasse compulsória.”

O novo relatório Hite, sobre o comportamento sexual masculino, encontrando alta porcentagem de homossexualidade na vida pregressa dos entrevistados, não considera a variável de que na fase de curiosidade sexual, na nossa cultura, meninos convivem com meninas e mulheres com mulheres e portanto têm maior facilidade de exercer a curiosidade com o mesmo sexo, e declara que a homossexualidade é natural e não patológica e recomendada para o ser humano a realização sexual como “gay”.

A última classificação americana de doenças mentais DSMIII, que entrou em vigor em 1978, não classifica mais a homossexualidade como patologia psíquica.

A aceitação da homossexualidade em nossa sociedade segue os caminhos de aceitação da masturbação. Só porque ela é estatisticamente alta passa a ser normal? Não concordamos. Achamos que são os desvios típicos de gerações carenciadas. São dificuldades próprias da sexualidade de seres humanos criados somente na tecnologia, sem a

internalização do corpo humano na fase certa do desenvolvimento e portanto incapazes de doar carinho, carícias e amor.

Tudo que o movimento de liberação “gay” propaga é sem conteúdo afetivo e amoroso. Consideramos que é patologia contemporânea por mais alta que venha a se tornar sua incidência.

Se erramos na conceituação de patologia da homossexualidade fica mais fácil delinear o futuro da família, pergunta que ouvimos muitas vezes.

Em futuro não muito remoto, em algumas décadas, a sociedade estará dividida da seguinte forma: homens convivem com homens, transando e se masturbando mas produzindo muito para a sociedade de consumo; da mesma forma mulheres só com mulheres. Uma vez ou duas vezes por ano, o Estado providencia por drogas — difundidas na água que se bebe — o desencadeamento do “cio” igual aos animais. Daí haverá um tempo, alguns dias, festas especiais onde homens e mulheres realizarão o coito habitual para salvaguardar a conservação da espécie. Do produto destas relações, o Estado fará um programa tecnológico para desenvolvimento dos filhos e após um tempo separa estas crianças — homens com homens e mulheres com mulheres, bons produtores para a sociedade.

4. À medida que a prostituição foi desaparecendo nos países desenvolvidos onde a mulher se emancipou e adquiriu independência econômica, começou a surgir nova patologia social da sexualidade — a promiscuidade.

O homem não mais procura a prostituta, e insatisfeito e carente no relacionamento conjugal abandona a hipocrisia da infidelidade e propõe o convívio sexual na promiscuidade. Surge então o sexo em grupo, “swinging”, e troca de casais.

Não são os jovens que partem para esta patologia, mas casais maduros com filhos que não necessitam mais de cuidados contínuos dos pais.

O jovem mantém ainda um código de ética; pode manter relacionamentos sexuais com vários parceiros, mas só inicia um novo relacionamento quando o anterior está terminado. O mesmo código serve para os homens e mulheres jovens.

É após o casamento e a procriação que esta patologia se instala. Há perda de ética, perda de respeito corporal mútuo de um par sexual e ambos partem para a experiência patológica, em busca aflita para algo que complete suas carências. A insatisfação passa a ser a mesma da que havia no convívio conjugal, porque o que buscam, o que está carente, não irão encontrar na patologia.

A insuflação e a insinuação constante de que poderão encontrar algo na experiência vêm sendo cerscente e contínua na sociedade atual.

Mesmo publicações “científicas” e relatórios da moda, procuram demonstrar que o ser humano não é monogâmico, e reconstituem experiências de culturas onde um homem mantinha sexo com várias mu-

lheres ao mesmo tempo, e que agora a mulher deve manter contatos sexuais com vários homens ao mesmo tempo para desenvolver a "performance" orgástica.

No sexo em grupo há tentativas de realizar campeonatos para assistir quem tem orgasmo ou é capaz de causar orgasmo.

A busca é de indivíduos isolados no seu corpo, sem ligação terna e carinhosa para os outros, e a "realização sexual" é sempre no anonimato. Não vê e não ouve os outros. Procura somente sentir.

Para concluir queremos alertar que estas 4 novas patologias que descrevemos se iniciaram ao mesmo tempo. Voyeurismo, movimento "gay", masturbação recomendada e sexo em grupo significam o início de nova patologia não mais sexual e sim social.

Não temos terapias propostas para estas novas patologias. Compete a nós, que estamos fazendo programas de prevenção, reconhecer e estudar a nova patologia para assim conseguir construir programas preventivos para as novas gerações.

Precisamos preparar as novas gerações para que elas não venham a criar seres humanos carentes facilmente desviados para estas patologias e outras que virão a surgir no futuro.

CULTURA E SEXUALIDADE CONTEMPORÂNEA

*Ernesto Lima Gonçalves **

Quando se fala de cultura e sexualidade contemporânea, fala-se evidentemente de duas vertentes de um mesmo problema; em ambos os casos estamos tratando com termos até certo ponto equívocos e que precisam ser melhor esclarecidos. Que seria cultura? Deixando de lado toda uma visão representada por confusões de natureza lingüística inevitáveis na abordagem deste tema, quando se consultam sobretudo autores italianos, franceses e alemães, gostaria de começar um pouco mais para diante, analisando, na verdade, o que compreenderia este conceito de cultura.

Esta elaboração nos conduz, sem dúvida nenhuma, ao raciocínio de que, ao longo dos tempos, indiscutivelmente o homem foi capaz de desenvolver um esforço muito grande de vida intelectual, um certo pensamento crítico, um pensamento reflexivo dele próprio, que se transferia a toda uma época histórica e a todo um país; a partir daí ou em seguida a isso, a esse trabalho de reflexão, de vivência intelectual, surgia naturalmente toda uma série de concepções, de teorias, de conhecimentos, de reflexões muito profundas e que se encontram presentes ao longo dos séculos, em todas as manifestações do ser humano e, mais do que isso, da inteligência do ser humano, nas religiões, nas ciências, nas artes, nas técnicas e assim por diante. Mas, ao lado disso, surgia indiscutivelmente toda uma série de projeções concretas ou de realizações daquelas concepções, daquelas teorias e daquelas reflexões, tudo isso que se poderia resumir como sendo o contexto econômico e social daquela vivência intelectual e que se pode definir com o nome de civilização.

De um lado, o que é importante salientar é que tínhamos no campo que estaríamos chamando de cultura o espírito humano criticando suas próprias atividades, seus métodos, suas aquisições, seus progressos, tentando identificar tudo quanto dentro dele mesmo era capaz de contribuir para seu crescimento pessoal autêntico e completo. Mas de outro lado surgia o espírito humano criticando também estas próprias realizações externas, em busca, agora da identificação de tudo quanto do exterior pudesse na verdade opor-se à sua condição humana. Entre essas duas situações desenvolveu-se ao longo do tempo, em todas as épocas, uma relação que se diria uma relação dialética, porque uma interfere sobre a outra, ambas se interpenetram, uma dá colorido à outra, no sentido de que, para poder libertar-se integralmente, a caminho daquele crescimento pessoal, o

* Médico-Cirurgião. Professor Livre-Docente de Cirurgia da Faculdade de Medicina da USP. Membro do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil.

homem indiscutivelmente transforma o universo, ou seja, o ambiente externo num grande mundo de civilização e cultura que de novo convida o homem a libertar-se. Neste sentido é da essência da cultura — é isto que é importante — ser adquirida e ser comunicada; embora herdada de uma geração para outra, esta cultura que temos dentro de nós, na verdade, é produto de uma herança social e não de uma herança biológica. Mas pelo fato de não ser biológica não é menos herança, nem é menos herança pela circunstância de ser social.

Esta cultura é na verdade toda uma tradição de aprendizagem, o verdadeiro capital acumulado de conhecimentos que existem, que permanecem dentro de nós todos; por isto é que a partir daquele conceito simplesmente pedagógico de que se falava — da distinção entre civilização e cultura — chegamos a uma outra elaboração que é uma verdadeira visão sociológica de cultura, assumindo-se como tal todo um conjunto de estilos, de métodos, de valores materiais e de valores morais de um povo numa determinada época da história.

De qualquer maneira todos somos capazes de identificar que o núcleo desse processo é o homem e é por isto mesmo que rapidamente se passa para aquilo que é o verdadeiro conceito de cultura, que é o conceito antropológico. Falamos do espírito humano criticando todas as suas realizações intelectuais e de outro lado criticando todas as projeções concretas e materiais dessas mesmas realizações. Na verdade o homem acumula ao longo do tempo uma série de experiências, ele distingue entre estas experiências, fixando aquelas que são positivas e tentando rejeitar aquelas que são negativas, aquelas que se opõem ao seu crescimento e ao desenvolvimento de sua condição humana.

Dentro de todo esse conjunto, ao longo do tempo é este homem que cria, à custa de toda essa elaboração, uma série de elementos materiais, através daquilo que poderia denominar-se ato de cultura, e que representa todo o grande patrimônio de um povo, de uma época histórica, traduzida nos seus objetos de arte, traduzido nos seus objetos de pesquisa científica, distinguindo os dois grandes campos de aplicação concreta e objetiva da atividade intelectual do homem, a saber, a arte e a ciência. Essa cultura por isso mesmo tem que ser assumida como um existencial, pois, representa, na verdade, um atributo distintivo muito claro da essência do ser que a cria, concretizada essa essência na existência de todo dia deste ser que cria a cultura.

Dentro desse sentido é que podemos acompanhar todo o progresso material e espiritual da civilização, o qual envolve dois grandes compromissos: na medida em que o homem é aquele que critica a si próprio, critica as suas criações, deparamo-nos com uma dupla responsabilidade, de um lado a necessidade do predomínio da razão humana sobre tudo quanto significa a natureza material e do outro lado o predomínio da razão humana sobre tudo quanto significa a natureza humana. Domínio da razão sobre a natureza material envolve o compromisso de que as nações e os povos não serão capazes de utilizar as forças de que a natureza as dotou na destruição dos outros; domínio da razão sobre a natureza humana, capaz de fazer com que cada homem seja capaz, a cada momento, de sacrificar o seu próprio interesse na procura do bem-estar dos outros, no sentido de abrir-se para a coletividade, para a comunidade.

Por esse caminho percebe-se que, se de um lado, cultura é alguma coisa íntima a mim mesmo, por outro lado é alguma coisa que se projeta para fora

de mim; é por isto que o conceito antropológico de cultura indiscutivelmente se resume numa palavra — é uma visão de mundo, é uma visão de pessoa humana. Na medida em que temos esta visão de mundo, esta capacidade do homem interferir sobre tudo quanto existe na natureza, de ser na verdade agente da história e não objeto da história, é que encontramos uma das pontas do nosso grande dilema: o homem é o criador da cultura. É este homem na verdade que indiscutivelmente transmite a todos os aspectos da cultura de uma época, tudo aquilo quanto ele é; essa é a razão pela qual a cultura não se limita de jeito nenhum a um simples processo físico, é por isto que cultura não significa apenas elaboração de idéias. Como produto do homem, ela é o retrato do homem e como este é essencialmente uma unidade somatopsíquica, cultura é na verdade o reflexo desses dois ângulos da existência do homem.

Partindo do fato de que o homem é responsável pela criação da cultura e que ele é capaz de conferir a esta cultura suas próprias marcas características existenciais, é que temos que entender entre tantos aspectos que poderíamos abordar pelo menos dois elementos. No mundo de hoje a cultura é indiscutivelmente o grande instrumento de libertação do homem, e é por isso que nossa grande responsabilidade é, na verdade, abrir para todos esta grande porta de libertação. Do outro lado, talvez como providencial instrumento dessa libertação, desse trabalho de fazer com que todo mundo seja capaz de se libertar da condição de massa que oprime a tantos de nós, a tantos que vivem à nossa volta, está o fato de que, graças aos meios de comunicação, hoje vivemos pela primeira vez a realidade de que a aldeia global já se transformou num simples lugar comum; vivemos hoje a era da planetarização. Basta ver como todos nós fomos marcados por espetáculos fundamentais que atingiram o cerne da humanidade; apenas nos últimos tempos, tivemos, por exemplo, o espetáculo inesquecível das Olimpíadas de Moscou, o espetáculo extremamente marcante do atentado ao presidente Reagan e ao Papa João Paulo II. Foram momentos de existência planetária do homem neste fim de século XX, e é por isso que este homem do fim do século XX tem sobre si uma extraordinária responsabilidade, qual seja a de criar uma cultura que signifique instrumento de liberação para todos os seus irmãos.

Essa cultura não pode ser monopólio da considerada classe culta, que se fecha muitas vezes dentro de si mesma na criação dos atos de cultura. Basta ver, por exemplo, todo o acervo cultural indiscutível representado pelos Museus de Arte Moderna, exemplo de hermetismo na comunicação entre as pessoas. De outro lado vale a pena examinar a maneira como tratamos as manifestações culturais do homem que não tem acesso à instrução. Na verdade são consideradas como elementos dignos de curiosidade, simplesmente como arte folclórica, produto de artesanato, esquecidos de que o homem que os produziu vale tanto quanto nós.

Neste passo é muito importante considerar que, se o homem é capaz de criar a cultura, ele sofre os reflexos desta própria criação e se ele cria uma cultura à sua imagem e semelhança, na medida em que ele é uma unidade somatopsíquica, indiscutivelmente passa a sofrer a influência dessa cultura. Não é por um jogo de palavras que, depois de ter dito que o homem é o criador da cultura, diríamos que a cultura é criadora do homem. É por isto que toda a cultura contemporânea é capaz de condicionar aquilo que o homem contemporâneo é,

mas sobretudo e principalmente aquilo que vai ser a geração futura. E é em nome desta geração futura que estamos aqui reunidos, neste Congresso da Escola de Pais, é por causa dos nossos filhos e dos nossos netos que estamos aqui nos encontrando e é para isso que nós precisamos ter muito clara a visão e o conceito de que a cultura que nós estamos ajudando a criar vai ser na verdade instrumento de criação das gerações futuras.

É a toda esta situação indiscutível de colaboração do homem na criação da cultura que se prende o conteúdo fundamental daquilo que significa a outra vertente do tema que estamos analisando, que é o da Sexualidade Contemporânea. Na verdade, se o homem cria uma cultura à sua imagem e semelhança, como unidade somatopsíquica que é essa cultura contém por conseguinte elementos materiais e elementos intelectuais; todo este conjunto interfere, por sua vez, sobre o homem que os criou, como um verdadeiro "boomerang" que volta sobre a sua cabeça depois de ter sido atirado ao ar. Temos, pois, que considerar que todos os elementos integrantes da pessoa, daquela unidade somatopsíquica, hão de condicionar indiscutivelmente aquilo que significa esse instrumento de criação e ao mesmo tempo de condicionamento do processo de desenvolvimento do ser humano. O homem é um ser vivo como tantos outros, com uma única distinção: ele é indiscutivelmente o único ser que, além de viver, se interroga e se sente interrogado.

Em conseqüência, tudo isso faz com que claramente se possa apreciar que esse homem emergiu de um processo evolutivo muito claro e que se cristalizou através de uma expressão somática no momento em que se atingiu um nível apreciavelmente alto de desenvolvimento do seu sistema nervoso central, sobretudo do seu cérebro. É por causa disto, a partir deste momento muito especial, que o homem foi capaz de assumir a circunstância de que, diante de todo o resto do mundo, ele é o único ser que pode orientar por si mesmo o seu comportamento, inclusive no campo da sexualidade. Na medida em que perdemos de vista estaremos perdendo muito daquilo que significam os pontos de referência e de balizamento que o Padre Aquino referiu em sua palestra; na medida em que perdemos de vista que o homem é capaz de orientar o seu comportamento, estaremos indiscutivelmente reduzindo-o, de uma unidade somatopsíquica a uma simples situação de um conjunto de células, comandadas por produtos de outras células, que são os hormônios.

A sexualidade humana é que precisa então ser avaliada. Se estamos em busca daquilo que é produto da criação do homem, mas que é ao mesmo tempo instrumento de criação do homem, que é a cultura, através da sexualidade o homem contemporâneo marca de uma marca indelével aquilo que significa sua própria cultura. Um grande erro desenvolveu-se ao longo de séculos quando, na busca de examinar o comportamento do homem, muitos compartimentalizaram sua estrutura, subdividindo aquilo que era uma unidade numa tentativa de identificar divisões estanques, cada qual trabalhando seu próprio campo. Foi por aí que se caminhou na linha do maniqueísmo de um falso moralismo, na medida em que se identificavam dois princípios que fundamentavam o ser: um primeiro, princípio do espírito, que era fonte de todo o bem, e o segundo, que era o princípio da matéria, fonte de todo o mal; ora como o corpo humano incluindo a sua mais dinâmica expressão vital que é a sexualidade, pertence à ordem da matéria, cumpria evitar-se seu exercício, a fim de se fugir ao mal que era indis-

soluvelmente ligado a essa condição. Gravíssimo equívoco que conduziu a um impasse o processo educacional durante séculos, impasse que a nossa geração sofreu, que a nossa geração viveu e que é preciso que sejamos capazes de desfazer, a fim de que essa situação não se transmita às gerações futuras.

Enorme contribuição trouxe, sem dúvida nenhuma, toda a psicologia de profundidade ao testemunhar a importantíssima participação que a sexualidade tem sobre todas as atividades mentais do homem. A espécie que se originou num determinado momento da evolução histórica dos seres vivos, a partir do momento em que o desenvolvimento do seu cérebro era capaz de comportar a condição, a exigência de assumir a direção do seu comportamento, encontra-se hoje diante da necessidade de render-se àquilo que é agora verdade indiscutível. Porque se trata de uma verdade que era entrevista já há muitos anos, vale a pena analisá-la em sua evolução. A Escola de Pais costuma recomendar em todos os seus círculos a leitura das obras de um autor marcado por uma genialidade profunda, que é o Professor P. Chauchard, da Universidade de Paris; foi ele capaz pela primeira vez — ainda sem ter à sua disposição todo o aparelhamento de que nós hoje nos dispomos para avaliar aquilo que significa a autêntica função do sistema nervoso central humano — foi ele capaz de entrevistar a situação e afirmar que cabe ao cérebro humano a condição de instrumento somático de apoio a toda uma elaboração mental, de associar a esse cérebro humano o próprio controle da sexualidade humana. Tais afirmações feitas por volta de 1965 significavam uma verdadeira antecipação de conhecimentos que não existiam, e é preciso, na verdade, ter uma centelha de gênio para antecipar fatos que a ciência no futuro veio confirmar.

Hoje é fácil e tranqüilo Tordmann dizer que no homem adulto o comportamento sexual depende inteiramente dos centros nervosos superiores — o cérebro é que se torna o nosso principal órgão sexual — ao contrário dos animais; é isto que permite que Tordmann afirme que o homem submete-se às suas vontades e não às suas necessidades. É em termos de superioridade do seu cérebro que o homem deve aprender a reconhecer suas necessidades e satisfazê-las voluntariamente e corretamente, donde o grave risco de se enganar, ou de, pelo menos, tentar enganar-se a si próprio. Porque, na medida em que ele tentar fugir daquilo que significa seu verdadeiro crescimento pessoal, na medida em que negar pelo seu comportamento aquilo que significa a sua plena condição humana, nesse momento ele estará caindo abaixo dos outros seres da escala animal.

Ao lado de tudo isso que diz respeito à autêntica sexualidade humana existe um último componente: é que a sexualidade humana é essencialmente de natureza social. Ela não se manifesta, ela não se exerce apenas como um ato que traduz exclusivamente algum compromisso, alguma responsabilidade de natureza privada e individual. O sexo não é jamais simplesmente uma questão privada, diz Harvey Cox.

Dentro dessas duas linhas de conceituação da sexualidade humana — sua direção pelo cérebro do homem, graças ao seu desenvolvimento e aquilo que significa a verdadeira sexualidade humana no seu contexto social — é que completaremos a abordagem da outra vertente do tema, ou seja, da sexualidade contemporânea.

Apenas recordando todo o conteúdo das exposições anteriores, importa aqui salientar que a sexualidade contemporânea é sobretudo descerebralizada e porque

é descerebralizada ela é instintiva, ela é irracional, ela é indomada, ela é desnor-teada, ela é desestruturada e ela é sobretudo destruidora. Fica muito fácil a partir daí entender as manifestações, os testemunhos e as definições de obras contemporâneas como o relatório Hite, onde se afirma que vivemos no mundo de hoje a “olimpíada do orgasmo” ou Cesbron, o grande romancista francês contemporâneo, autor de tantas obras consagradas, que nos fala que — “em termos de sexualidade contemporânea vivemos a época de uma falocracia reforçada”.

Acima de tudo estão as traduções concretas, materiais, objetivas daquilo que se diz ato de cultura — porque é conseqüência da produção da atividade intelectual do homem moderno — que são manifestações que no seu próprio título traduzem claramente seu conteúdo: quando se fala, por exemplo, na projeção de um filme que se denomina “Império dos Sentidos”, paremos e nos interroguemos para saber se na verdade não estamos falando da total perda de liberdade e perda da racionalidade do comportamento diante da sexualidade. Essa sexualidade tem que ser aprendida no que ela tem de exato e de verdadeiro. Há poucos dias foi publicado num dos grandes jornais de São Paulo um artigo muito interessante de uma pessoa que trabalha no campo da educação sexual no Brasil: dizia a autora, em poucas palavras, que cabe aos educadores transmitir toda a verdade no campo da sexualidade, e cabe à Igreja e à família transmitir aquilo que é certo ou errado, ou seja, os aspectos éticos e morais da sexualidade humana. Por aí seria possível identificar a total ambigüidade da posição defendida pela autora. De que verdade estamos falando no campo da sexualidade? Qual é a verdade que está sendo transmitida aos jovens no campo da educação sexual? Será a visão de uma sexualidade humana autêntica ou será a redução dessa sexualidade humana ao simples erotismo ou a muito mais do que isso, ou a muito menos, se quisermos, apenas a uma relação, a um contato entre epidermes?

Na medida em que se conseguisse transmitir aos jovens, ao longo do processo de educação sexual, todo o conteúdo de uma sexualidade humana autêntica, estaríamos perfeitamente de acordo com a tese exposta; mas não é isto o que se faz. O que se propõe, na verdade, é transmitir apenas uma informação sexual, uma informação que nem mesmo do ponto de vista biológico é exata, uma informação que omite todas as conquistas da ciência médica contemporânea. Então, não é contra a sexualidade que nós nos voltamos, mas é contra o culto de uma sexualidade que não tem características de humanidade.

E por isto, meus amigos, que me parece indiscutivelmente necessário que trabalheemos o futuro, que nós, que nos reunimos em nome de nossos filhos e das gerações futuras, sejamos capazes de assumir um projeto essencial, que na minha opinião têm três componentes básicos: primeiro, que sejamos capazes de assumir a gravíssima responsabilidade daquilo em torno do qual desde o Congresso do ano passado se falava, em torno do acalentamento, daquilo que começa no dia seguinte ao nascimento do filho, que talvez deva começar antes do nascimento do filho e que não pode jamais parar de existir — essa disponibilidade nossa para acalantar o nosso filho — para que ele não venha a ser um carenciado do ponto de vista sexual. Em segundo lugar, sejamos capazes de assumir alguns princípios básicos essenciais da aceitação do sexo humano, em todo o contexto somatopsíquico da nossa unidade, daquilo que nós somos, de assumir que precisamos desenvolver nesse campo uma educação da verdadeira

liberdade, que envolve certamente o domínio de nós mesmos em todos os sentidos e de aceitar que deva existir uma informação da sexualidade adequada a cada nível de idade. Mas existe um terceiro elemento: partindo do fato de que a cultura é produto do homem, mas de que a cultura é capaz de condicionar a própria criação do homem, torna-se indispensável lembrar que o homem é uma unidade somatopsíquica, na qual o componente somático condiciona gravemente tudo quanto significa o seu comportamento. Ora, se neste componente somático inclui-se necessariamente a sexualidade, pode-se facilmente deduzir até que ponto a afirmação e a transmissão dos conceitos básicos a respeito da verdadeira sexualidade humana podem condicionar a construção das futuras gerações. É indispensável lembrar neste momento que a convicção em torno da sexualidade humana autêntica feita hoje, a partir de agora, é que vai fazer com que as futuras gerações sejam produto, sejam fruto daquilo que nós hoje estamos preparando para elas. A melhor solução será recordar aqui que toda civilização comporta indiscutivelmente a exigência de um verdadeiro rito fundamental — que pode ter significação religiosa, mágica, social, o tipo de significação que quiserem lhe atribuir — mas que é uma expressão da comunidade humana em cada época histórica; trata-se daquilo que poderíamos chamar “casamento institucional” que traduz o reconhecimento pelo contexto social de uma relação estável entre um homem e uma mulher. Esta estabilidade significa condição essencial para o exercício da plena e autêntica sexualidade humana e representa, por conseguinte, a possibilidade de assumirmos nosso projeto para o futuro, de colaborarmos na busca da construção de uma cultura nova, calcada sobre uma sexualidade esclarecida, a fim de contribuir para a felicidade que nós queremos para os nossos filhos.

PORNOGRAFIA E EDUCAÇÃO SEXUAL

*Antonio Aquino **

O tema proposto para o XVIII Congresso da Escola de Pais foi dividido em muitos subtemas pela simples razão de ser a sexualidade, porque humana, tão abrangente como a vida.

De uma forma mais restritiva foi proposta uma reflexão sobre a educação sexual no contexto e desafio apresentados pela pornografia. Esta cria uma situação e desenvolve um processo que não podem ser desconhecidos.

O pressuposto mesmo de uma consideração explícita sobre esta temática, é de que se trata de um fenômeno suficientemente vasto e presente na nossa sociedade exercendo um papel não irrelevante na educação, ou melhor, se diria na deseducação e desvios da sexualidade humana. Assim a pornografia não pode ser simplesmente ignorada nem subestimada.

Há além do mais em nossa sociedade uma sensibilidade grande para tudo o que possa vir coarctar a sua liberdade de expressão e ação. Daí também que dificilmente virá admitir como “pornográficos” escritos, ou apresentações que o mais elementar bom senso classifica de pornográficos.

A mais leve suspeita de serem rotulados de moralistas ou moralizantes inibe não poucos educadores ou responsáveis pela coisa pública de dar um julgamento objetivo sobre uma realidade que ninguém nega, muitos lamentam, mas poucos se atrevem coibir.

Aparentemente somos todos invulneráveis, tudo é puro, e sobretudo pouco ou nada pode ser impedido, mesmo quando as vítimas se amontoam pelas estradas da vida. Assim mesmo, julgou a Escola de Pais que não podia, responsavelmente, deixar de parte este assunto que tão de perto atinge nossos jovens, adolescentes e até mesmo crianças.

I — O QUE SIGNIFICA?

Necessitamos de uma conceituação, que mesmo não sofisticada, seja operacionalmente válida para poder falar e refletir sobre esta realidade.

Originariamente o termo PORNOGRAFIA se referia pela própria etimologia da expressão àqueles escritos que giravam em torno do prostíbulo, descrevendo

* Padre. Filósofo. Reitor do Colégio São Luís, São Paulo. Membro do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil.

ambientes, vivenciando sentimentos, reconstituindo com todos os pormenores situações da condição humana ou sub-humana. Tais escritos despertam em uns afetos, estimulam em outros sensações, exacerbando a imaginação, alimentando a fantasia e levando o leitor a viver dentro de si, na sua criatividade interior e seus sentidos, situações e ambientes, talvez até desconhecidos, ou porque sua consciência veta entrar em contato direto com tais realidades ou porque a convivência social impõe barreiras não facilmente transponíveis. São Escritos pornográficos pelas intenções do leitor e pela formulação do escritor.

Outra é a forma literária e a apresentação dos trabalhos do psicólogo, do sociólogo, do assistente social ou do médico, onde eles devem descrever mais do que vivenciar as situações, acumulando dados essenciais mas sem envolvimento do leitor o que é prerrogativa do literato com seus instrumentos, artifícios, formas, estilo, etc.

A pornografia passa das letras para a pintura, para a escultura, mais facilmente para a fotografia, em grande escala na movimentação dos cenários dos filmes, e atualmente para as novelas radiofônicas e peças para a televisão que prolongam por meses sem conta todas as noites as mesmas cenas e situações, sugerindo ou explicitando, retratando ou simbolizando. E assim, o que era dirigido a um público restrito se torna matéria de consumo das grandes massas, dentro do lar, que coerentemente deveria rejeitar mas que de fato absorve estas imagens, que espelhando a situação de poucos se transformam em modelo para todos.

Nós vivemos em um contexto tecnológico, em que a pornografia não pode mais estar limitada pela palavra escrita e muito mais se faz presente pela imagem visual estática ou em movimento. Então os artifícios e a disponibilidade de meios são tantos e tais que realmente o público pode viver permanentemente em ambientes muito próximos do prostíbulo, sem a natural rejeição que este causa.

Estatisticamente não é difícil julgar o que para um determinado ambiente, sobretudo se de um grupo homogêneo, pela sua história, cultura, e tradições, estimula o apetite, o instinto, o desejo ou a paixão sexual, ou mesmo a exacerba até o paroxismo.

E à arte nunca foi estranha esta temática, em diferentes culturas a encontramos. Mas o crítico e observador objetivo pode identificar em relação aos indivíduos concretos o que é erótico, em vários níveis, e aquilo que não é erótico. Mais importante ainda é distinguir o que é erótico, simplesmente erótico daquilo que é pornográfico. Assim como é possível distinguir o sexo de suas aberrações, por mais que se tente confundir as fronteiras, e eliminar qualquer definição, é sempre possível distinguir os desvios do amor humano daquilo que é a subversão total de qualquer valor humano.

Uma consideração objetiva do pornográfico não raro se torna ainda mais difícil quando entramos no capítulo da censura, quer ela se refira aos livros e outros escritos, quer ela trate dos espetáculos. Então é possível racionalizar sem limites quando os conceitos são imprecisos ou o crítico parte de filosofias ou pressupostos dificilmente defensáveis, argumentando, e que cairiam no mesmo momento em que fossem explicitados.

Neste ponto a discussão se torna ainda mais séria quando interesses outros estão em jogo, quando se defende uma liberdade sem peias, que o mais rudimentar bom senso chamaria de licenciosidade. Então sobretudo as motivações reais não são confessadas e talvez nem mesmo perfeitamente percebidas. Não é segredo para ninguém que o pornográfico por algum tempo paga altos dividendos até que sature e porisso mesmo tenda a ser deixado, para mais tarde voltar com a mesma ou maior intensidade. É um fenômeno cíclico, mas gerações sofreram seu impacto mais forte e ficaram, não poucos, definitivamente prejudicados. O mundo vai para frente, a natureza reage às aberrações morais, como os homens de hoje contestam a poluição ecológica criada pelos próprios pais. Mas a história dos povos, das regiões e das cidades nos dizem como é difícil reconstruir sobre ruínas.

A pornografia hoje invade todos os ambientes sem distinção de pessoas, de condição social, de idade, de convicções ou mesmo fé religiosa. Ligados os aparelhos, os programas se sucedem em um ritmo vertiginoso, rompem qualquer barreira de privacidade, transmitindo a todo mundo seus padrões, suas imagens, seus valores ou antivalores, suas mensagens conscientes ou subliminares. As formas variam, o estilo é plurivalente, vinculados a promoção do consumo de massa, podem ser expressão da verve do poeta, ou provocar as gargalhadas do cômico. Ninguém escapa ao seu contato.

Todos estes elementos estão ligados ao próprio meio de comunicação e devem ser hoje avaliados tanto quanto a mensagem por ele transmitida.

II — QUE PENSAR DA PORNOGRAFIA?

Em um segundo momento nos interessa tentar um julgamento quanto possível objetivo da pornografia e que nos permita uma ação eficaz no âmbito da família e da sociedade.

Difícilmente se pode supor hoje que alguém qualifique de pornográfica qualquer exposição em público de assuntos relacionados com o sexo. Seria uma ofensa a cultura e inteligência do interlocutor. Por outra parte seria uma grosseira ingenuidade pensar que tudo o que se apresenta como arte ou que se defende em nome da liberdade de expressão estejam imunes de serem qualificados simplesmente como pornográficos. Seria erro primário, também, confundir e qualificar de pornográfico o que é simplesmente erótico na sua conceituação clássica. Na expressão vulgar o erótico se manifesta em muitos níveis e seu impacto varia de pessoa a pessoa, de cultura a cultura, de meio ambiente a meio ambiente, e de uma fase a outra na vida de uma mesma pessoa. Varia ainda com as intenções e predisposições dos que se expõem às suas influências. Na prática e fora das discussões acadêmicas, o erótico com freqüência, de fato, se confunde com a expressão puramente sensual, freqüentemente com o genital ou mesmo com o pornográfico puro e simples, e neste sentido é explorado pela propaganda. Objetivamente pretendem tais escritos, imagens ou espetáculos despertar, estimular ou simplesmente aproveitar o apetite sexual dos leitores ou dos assistentes, mesmo que isto não seja mais do que um artifício ou meio em vista de outros fins, pela simples correlação ou justaposição de imagens, por exemplo, na propaganda dirigida às massas inermes e acríticas. Ressalve-se porém que

no seu sentido clássico o erótico envolve a pessoa integralmente como expressão do amor humano, reforçando a sua atuação em todos os planos, e será justo e humano, simplesmente honesto na mesma proporção em que este amor e atuação é honesta, humana portanto moralmente válida. Se pelo contrário esta condição não se realiza, o erótico já cai no domínio do pornográfico, se não de fato pelo menos na intenção de quem o provoca ou quem o absorve e vive.

É preciso estabelecer como ponto de partida que o sexo no ser humano é humano, ou deve ser humano. Seu exercício ou atuação somente ficam no domínio humano dentro de certas premissas. Fora destas condições pessoais de comportamento responsável, a atuação sexual em seus vários níveis deixa de ser humana e realizadora, deixa de ser simplesmente honesta. Portanto, estimular o apetite fora destas premissas é simplesmente ser desonesto. E isto é muito importante. Assim como não existe uma ação econômica aética, ou uma posição política aética, não pode existir uma literatura ou uma comunicação aética. Assim também é com razão maior não pode existir uma ação sexual aética. A ação se atribui a pessoa considerada na sua integralidade e é esta que se faz responsável. Não estamos qualificando abstratamente as ações possíveis, mas tentamos caracterizar os atos nas pessoas que agem e que livremente assumem aquilo que fazem ou deixam de fazer. Concretamente não existem atos indiferentes, pois qualquer ato humano é bom ou é mal, honesto ou desonesto na medida em que depende de uma liberdade responsável. O agir humano, isto é, em vista de um fim, na consideração ética, é necessariamente bom ou mal.

Em suas manifestações, a pornografia desvincula a sexualidade do amor humano quando não reduz a sexualidade, a sua dimensão puramente genital ou até mesmo às perversões do sexo. Então a função biológica e as tendências lúbricas da animalidade, o gozo, o prazer epidérmico são excitados até o esgotamento mórbido. Na pornografia a expressão carnal do ser humano termina em si mesma e nunca é manifestação de uma realidade maior, espiritual, pessoal e que transcende os sentidos.

Então as exigências do ser humano não têm vez. As pessoas envolvidas são tratadas como robôs dos determinismos biológicos ou psicológicos, desaparece a realidade humana integral, do ser homem ou ser mulher. Trata-se de fazer amor sem amar, fazer amor sem alegria e sem paz. É um gesto sem alma, um gesto vazio, a que se segue a frustração ou o desespero.

Não raro o sexo apresentado na pornografia é patológico, freqüentemente desvirtuado, sempre desumanizado, reduzido a um jogo egoísta de personalidades imaturas que não conseguem viver acima dos estímulos e reações mais primitivas do instinto.

Perdida a sensibilidade, tudo vale, o ambiente rapidamente se degrada e os antivalores têm livre trânsito, nem é possível argumentar contra as evidências de um testemunho já dado. O preço que, sobretudo, os jovens pagam não tem preço. Desde o momento em que se desumanizou o sexo e este deixou de ser uma expressão da pessoa em sua liberdade e opções responsáveis, tudo se pode esperar. É então que não raro os jovens contraem as mais pesadas dívidas da vida. Não me refiro às enfermidades, embora também estas não devam ser excluídas do horizonte das expectativas. Refiro-me às dívidas contraídas a longo prazo por uma visão basicamente falseada do relacionamento humano que cai

ao nível da exploração da mulher pelo homem e do homem pela mulher; trata-se de uma visão inteiramente distorcida do “casamento” e dos compromissos que nele deveriam ser assumidos. Sexo sem compromisso facilmente precede o casamento sem compromisso. E onde não há compromisso não pode haver amor, nem um lar, nem uma realização plena da pessoa humana. As experiências prolongadas dos jovens talvez sejam pagas somente depois de 5 ou 10 anos, quem sabe bem antes disto. O fracasso de tantos casamentos talvez nos alerte que algo de muito sério está acontecendo.

Se educar é transmitir vitalmente valores, incutir valores mais do que veicular dados e informações, é fácil entender como a pornografia deseduca. Em todas as suas acepções o que a caracteriza é o desvirtuamento do sexo, sobretudo quando implicitamente o enquadra nos estritos limites dos determinismos biológicos ou psicológicos ou quando tenta retratar e transmitir vivências em um contexto já moralmente patológico, ou finalmente quando reproduz situações que jamais poderão ser compreendidas fora das vivências profundas dos cônjuges, onde o sexo é sempre precedido e acompanhado pelo compromisso da vida e assumida integralmente a responsabilidade dos filhos que vierem a gerar.

A literatura ou espetáculo pornográficos jamais poderão retratar as conotações profundas do sexo humano, será, isto sim, um sucedâneo barato, uma contrafação sem nenhum sentido educativo.

A pornografia, no entanto, não é o único e talvez nem mesmo o principal elemento negativo desta deseducação sexual. O silêncio, os preconceitos, as falsas idéias, o maniqueísmo ou o falso moralismo também deseducam, mas deles não é possível tratar. Apenas menciono para que não se dê a pornografia um papel maior do que aquele por ela realmente exercido. Ela sintetiza, sob o ponto de vista da educação sexual, no seu sentido mais amplo e no plano dos conhecimentos, todos os fatores da deseducação, da desinformação e antivalores presentes no processo educativo e evolutivo do adolescente, do jovem ou do adulto imaturo. Ela supõe uma desinformação, um aconselhamento invertido, falsas vivências da imaginação, da fantasia e do mundo truncado que esta cria.

III — QUE DEVEMOS FAZER?

A pergunta que todos se põem é esta: Que devemos fazer?

As presentes reflexões não se dirigem primariamente a legisladores que devem estabelecer normas para toda uma comunidade, variada e multiforme; nem servem exatamente de parâmetro para juízes togados que devam aplicar leis; nem mesmo para censores de espetáculos que se dirigem ao grande público. Todos estes foram, são ou serão pais, ou pelo menos educadores, ou responsáveis pelo exemplo no âmbito mais restrito de uma família ou de uma comunidade. Apenas ousaria lembrar que os livros, as revistas ou os espetáculos não foram feitos para as estrelas do firmamento, nem foram produzidos para não serem lidos ou assistidos. Fôssemos nós, da Escola de Pais, legisladores, juízes ou censores e outros seriam o discurso, as reflexões e ponderações mais esclarecedoras e pertinentes. Trata-se simplesmente de mães e pais de família, ou de dirigentes e educadores de escolas que procuram pontos de referência suficiente-

mente amplos para servir senão a todos os pais e mães de família do mundo, pelo menos aqueles que vivem em tempos, circunstâncias e ambientes nossos.

O pai ou a mãe diante de sua criança, adolescente ou jovem não pode se refugiar no relativismo fácil de uma sociedade amplamente pluralista. Diante de um ambiente manipuladamente permissivo não pode cruzar os braços e abandonar seus filhos na esperança ou na ilusão de que poderão se salvar com as próprias forças. Em ambientes altamente poluídos e ecologicamente degradados é uma ingenuidade quando não uma irresponsabilidade pensar que um indivíduo adolescente ou jovem se salve simplesmente com as forças e os recursos com que a natureza originariamente o dotou. Quando esta própria natureza está comprometida, se não for orientada ou auxiliada, não tem nenhuma probabilidade de sobreviver sadiamente.

É melhor apelar para o bom senso e a experiência de pais e mães, mesmo que esta seja precária e inicial. É melhor apelar para a sinceridade profunda do coração que sabe perfeitamente o que convém e o que não convém, o que faz bem e o que faz mal, o que deturpa e o que eleva, o que desvirtua e o que fortalece, o que destrói as forças íntimas do espírito e aquilo que mina as energias profundas do sexo. Bem cedo os indivíduos ainda não contaminados descobrem o que serve, afirma e plenifica.

Trata-se de criar em casa um ambiente sadio, protegido mas não artificial. A pornografia entra no lar não raro pela omissão e convivência dos adultos e, por vezes, o que é ainda mais triste, pelas mãos dos próprios pais mal orientados. É certo que estes não podem tudo evitar, nem seria praticamente possível impedir o comércio clandestino desta literatura, destes filminhos a baixo preço, e, atualmente, podemos prever dos vídeo-teipes que tudo podem retratar em cores vivas.

Tudo isto é muito conhecido, mas ajuda tomar consciência da situação, desenvolvendo a criatividade para conseguir neutralizar os efeitos principais de um mal endêmico. Todos sabemos que há pais omissos, descuidados, desligados, descomprometidos, alienados e então não espanta que tudo isto aconteça. Se em uma festinha de 15 anos, em casa de família, como me referiam, se reserva um canto da mansão para passar filmes de pesada pornochanchada, é claro que o efeito nos jovens é bem pior do que se o mesmo acontece nos ambientes da permissividade, longe do lar, na clandestinidade claramente reconhecida como tal, ou em redor da banca do jornaleiro da esquina. O que se passa entre as paredes domésticas tem de alguma forma o aval da família, sobretudo dos pais.

Em se falando de pornografia, volta repetidamente a palavra "valor", e esta talvez seja a maior dificuldade para identificar em um mundo pluralista o que é e o que não é um valor positivo a ser transmitido. Nossa sociedade é largamente permissiva, e onde tudo se permite, tudo se admite e tudo se tolera, nada tem propriamente um "valor". Fica assim sempre mais difícil identificar o que é para a comunidade moralmente válido daquilo que nada vale moralmente. A própria definição de pornográfico em uma sociedade sem padrões éticos, pelo menos neste campo, se tornaria não raro impraticável.

Cumpre no entanto recordar de que se trata aqui de pais e mães de família, e a família, a sua família, a minha família não pode ser considerada pluralista pelo menos no estágio da educação dos filhos. Ninguém pode ser educado tendo

como pontos de referência padrões que se opõem entre si. E ninguém pode ser educado sem nenhum ponto de referência. Os pais têm que ter valores, têm que ter convicções morais, se querem transmitir, ainda que um pouco, aquilo que receberam. Não existe outra alternativa. As teorias se multiplicam, mas o educando é um só. Dentro de uma cultura permeada dos valores judaico-cristãos que nos foram legados pela tradição de nossos povos é mais fácil o discernimento. Admito que estes mesmos valores se encontram socialmente comprometidos e não raro sepultados pela avalanche de filosofias e ideologias, pelo consumismo mais extravagante, pelos interesses imediatistas de tantos que comercializam o sexo como traficam com a droga, que impingem o cigarro como se beneficiam do terrorismo, capitalizam nas armas ou jogam com o desespero das massas.

CONCLUSÃO

Finalizando e resumindo: 1. A educação sexual deve levar em conta todos os valores negativos que desinformam, deseducam, pervertem as mentes e os corações e se encontram presentes em nossa sociedade pluralista.

Na sua acepção ampla a pornografia resume e sintetiza estes fatores.

2. Se é difícil em muitos casos definir o que é pornográfico, é relativamente fácil, para um casal, diante de um filho adolescente ou de um jovem, saber o que é conveniente ou não o que eleva e o que deturpa.

3. Estabelecido o padrão de um amor humano sadio e integral, onde o sexo é expressão carnal de uma realidade espiritual e humana, será fácil detectar o que a ele conduz e o que dele afasta a fantasia, a mente, a afetividade, o coração e a vontade dos seus jovens filhos e filhas.

SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA, EDUCAÇÃO

Paul-Eugène Charbonneau

INTRODUÇÃO

Um questionamento interminável domina o coração dos pais desde o des-pontar da infância até os primórdios da juventude. Diante do recém-nascido, com legítima inquietação, depois na adolescência, com insegurança também legítima, eles se perguntam o que será desse filho que tiveram a audácia de pôr no mundo. E na esperança de que suas preocupações sejam superadas, eles se empenham, durante aqueles longos e difíceis anos, em definir os caminhos que lhes parecem ser os da conquista da felicidade. Todos os sacrifícios são aceitos, as abnegações assumidas, na esperança de que a educação que darão à criança, e mais tarde ao adolescente, seja adequada.

Nessa trajetória que eles acompanham incansavelmente, custe o que custar, surgem períodos variados, exigindo cada um uma forma particular de atenção e de assistência. A primeira infância é o momento do mistério, porque é a fase do silêncio invencível em que a palavra não é ainda o instrumento de comunicação, o que dificulta bastante; e a segunda é a fase das múltiplas questões que prenunciam o acesso à inteligência, e que registram acontecimentos que nunca mais serão esquecidos. Depois vem a puberdade que é a hora do rompimento afetivo, a hora de assumir a responsabilidade do próprio eu, a hora tão esperada e ao mesmo tempo tão temida da ruptura inicial. A criança se torna adolescente; ela bate as asas, escapa aos limites do lar, mergulha no mundo que se apresenta a ela aberto, implacável, perigoso, porém inevitável e necessário. É nesse momento crucial que surgem dentro dela as forças biológicas, o dinamismo somático, e que irrompe, numa balbúrdia agressiva, a *sexualidade*. A criança entra conscientemente no universo sexual e assume esse encargo em busca de sua identificação profunda. Uma nova dimensão se abre e, em alguns anos, apenas três ou quatro, ela será aquele alguém que assim permanecerá no decurso de toda a sua vida.

É então que a educação se revela bem decisiva. Quando atinge realmente a puberdade, ela ultrapassa a vivência material como apoio garantido apenas por sua presença, tornando-se então um socorro decisivo, delicado, insubstituível que se oferece ao adolescente em formação que constrói seu primeiro esquema de vivência por caminhos sem retorno, nos quais ele vai empenhar sua liberdade, preparar sua maturidade, elaborar seus projetos em busca da felicidade.

Nessa fase, ele se questiona, se liberta, sente necessidade de integrar-se. Está de certa forma em confronto consigo mesmo, confronto de importância

primordial do qual emanará um *eu* sólido e bem cristalizado ou frágil, de uma fragilidade imensurável. Quando soa a hora da definição, convém que as batidas do relógio sejam claras e firmes porque esta hora, como as outras, é única e só bate uma vez. Toda adolescência é fatalmente um desafio para quem a vive, tateando no início, depois de um modo cada vez mais definido, até que seu *eu* esteja selado num envelope de existência com destino à felicidade, como a flecha em direção ao alvo.

Onde, porém, a cristalização é possível, é possível também uma flutuação imprecisa; onde se pode operar uma agregação, pode também ocorrer uma desagregação; onde se pode ter uma definição, pode também nascer uma indefinição. E a auto-afirmação, a auto-identificação, a força do próprio *eu* que se preparou, não se conseguem no isolamento, numa espécie de auto-suficiência hermética, numa solidão cultivada, entretida, reforçada. Se a necessidade de conhecer seu próprio *eu* e de fazê-lo existir se impõe ao adolescente com tal premência, é precisamente porque ele se distancia e transpõe a tranqüila proteção do lar (como deixou outrora o útero materno para tornar-se biologicamente autônomo) para entrar num mundo que é forçosamente constituído pela reunião de *outros*. Qualquer identificação não é apenas a percepção de si diante dos outros? Também a adolescência é o momento da definição diante do outro, diante de todos os outros que constituem o mundo. Ela é pois uma imersão repentina no universo humano que é seu fundamento e, ao mesmo tempo, uma solicitação: fundamento, porque bem claramente definido, a ponto de mudar de geração em geração e de oferecer um novo quadro de existência, uma escala de valores variável e de ser, por si mesmo, um motivo de idiossincrasias precisas; *solicitação* também o é porque pavimenta a estrada da adolescência de maneira bem determinada, porque sugere comportamentos cujas dimensões são sociais, porque impõe pressões que se transformam facilmente em ameaças, porque oferece um quadro no qual o novo *eu* deverá integrar-se sob pena de cair no ostracismo.

Assim a puberdade será vivida não mais na gratuidade do indefinido; ela o será num mundo cujos contornos são claramente traçados e que, de certa forma, multiplica as proposições diante das quais o adolescente deverá definir-se. Em se tratando pois da adolescência, o momento do *vir-a-ser-sexual* por excelência, é necessário entender bem a maneira pela qual o mundo concebe, vive e propõe a sexualidade.

I — A ONDA DE SEXUALIDADE

O mínimo que se pode dizer (mesmo ignorando qualquer exigência moral para limitar-se apenas à psicologia) é que nossa época é a época da *sexualidade confusa*. Parece que todos os parâmetros se perderam. Uma espécie de convivência universal projeta os homens numa sexualidade tão turbulenta, tão equívoca, que esta se torna uma ameaça ao equilíbrio, um obstáculo ao amor, um entrave à felicidade. Quando nos interrogamos sobre a sexualidade tal como é ou deveria ser vivida, não podemos jamais esquecer sua dimensão propriamente humana. Ora, o que confere ao homem sua especificação é a razão e a liberdade. Eis porque é de evidência cristalina que sua sexualidade só será propriamente humana se investida de razão e liberdade. Em nome desta última, ele terá que

vencer os determinismos e fazer com que a sexualidade não se torne a presa de potências cegas, de forças incontroláveis ou melhor, incontroladas; terá ainda que procurar manter seu caráter racional de tal modo que ela esteja sempre a serviço do projeto humano e que impregne a busca de felicidade.

Falar de sexualidade humana é pois evocar mais que a pura vitalidade, parte genérica que se aplica de forma diferente mesmo ao nível vegetal e animal; é apelar para uma noção *analógica* que contém e define a demarcação essencialmente diferente do ser humano.

É aqui que reina a mais completa, mais inverossímil e mais primária confusão. Se esvaziarmos o homem de sua razão e de sua liberdade, que restará dele senão um animal que nem mesmo pode contar com a pureza e a proteção do instinto? Ele se torna descontrolado, sem projetos e portanto sem esperança, abandonado a pressões cegas que o reduzem a condicionamentos e o lançam a abismos de perversão, que a *psicologia das profundezas* apenas começa a revelar-nos. Um dinamismo irracional e determinante nele se manifesta e, penetrando na camada de sua hereditariedade animal, ele renuncia à sua humanidade. Em tal contexto, o que deveria ser *antropossexualidade* converte-se em *zoossexualidade*. Aplicada assim de maneira *unívoca* ao homem e ao animal, a sexualidade se torna o ponto de um *equivoco* sem apelação. Ela reconduz o homem a suas origens animais, encerra-o numa irracionalidade que é a negação de si mesmo fazendo-o penetrar na invencível selva dos determinismos sufocantes.

Na medida em que nosso mundo mantém esse equivoco, a confusão (no sentido lógico da palavra) reina e faz o homem retroceder a uma sexualidade embrutecida, na qual o encerra para seu maior dano. A sexualidade deixa de ser humana para ser apenas tensão animal. Onde deveria existir uma *antropossexualidade*, reina uma *zoossexualidade* desenfreada.

1. *Um hedonismo aplicado*

Esta infeliz confusão nasce e é mantida por um hedonismo prático. Por menos que conheçamos a história da filosofia, não poderemos negar que houve sempre uma teoria do hedonismo. A supremacia do prazer, seu valor de absoluto, seu caráter essencial eram já defendidos pelos antigos filósofos gregos. Aristides, Aristipo de Curène, entre outros, ensinavam já na sua época que é preciso aproveitar-se do prazer cada vez que se nos oferece. E a concepção que punham em primeiro lugar (e que muitos de nossos contemporâneos, promotores de um modernismo suspeito, retomaram com insistência) é que um prazer perdido não se encontra mais, de modo que só existe uma regra: *a do prazer imediato*. Renascendo constantemente de suas cinzas o hedonismo se reafirmou no início do século XX não mais como pura concepção mas como prática efetiva. No vigor da solicitação sexual, encontrou ele um terreno apropriado. A supremacia do prazer se reafirmava assim na sexualidade que se abandonava aos imperativos de uma libido desregrada. Gérard Bonnot que analisou com perspicácia os deslizes de nossa civilização nos diz em poucas palavras a que mudanças nos submetemos: “Sonhava-se com o amor, escreve ele, e celebra-se o prazer”. Esta onda hedonista envolve a puberdade tal como é vivida atualmente.

2. *Desintegração da pessoa*

É fácil compreender-se que, em tal contexto, as estruturas da pessoa sejam postas em xeque-mate. Quando *um* se torna *tudo*, jamais poderá voltar a ser *um*. Balançados por essas ondas que confundem prazer com felicidade, que transformam pessoas em coisas, que sacodem toda a armadura racional, que fecham todos os portos interditando-os à liberdade, nossos contemporâneos se desagregam irremediavelmente. A patologia psicossomática não pára de apresentar o balanço dos abalos profundos, das existências fracassadas, das sexualidades aberrantes, das personalidades desagregadas. O fato é tão conhecido que não se torna necessário prová-lo. Ele se apresenta a todos os observadores que conservam ainda a medida da objetividade.

É nessa desagregação coletiva que o adolescente deve encontrar sua própria imagem e elaborar sua estrutura interior. Neuróticos e psicopatas o assediarão. Sem tê-los procurado, ele os encontrará naquela imensurável promiscuidade que o mundo lhe oferece. Na hora de organizar sua própria *psyché*, de construir seu universo interior, de adquirir suas dimensões profundas, ele terá que enfrentar uma sociedade onde reina uma desintegração que se tornou epidêmica. Chegou-se quase ao ponto em que os indivíduos equilibrados são considerados como exceção. E o adolescente, que está à procura de seu equilíbrio e deve ter de pronto sua primeira experiência, vê-se cercado de desequilibrados ativos e passivos que, de seus desregramentos, fazem a regra. Ele é literalmente assaltado por hordas que uma sociedade saturada de psicopatas vomita. Nesse clima de desintegração geral, deve ele integrar, contra tudo e contra todos, sua existência e sua vida, seu modo de ser e de agir.

Observamos bem que não é a sexualidade a culpada desse colapso universal. A sexualidade enquanto presente e ordenada é *sadia*: ela representa a eclosão do homem. Mas quando se torna invasora e desordenada, converte-se em fonte de profundas perturbações, muitas vezes de males incuráveis. Ela deixa de ser eclosão para ser regressão. É o que acontece em nosso meio, com dupla função: primeiro ela se torna usurpadora, quer ser soberana e absoluta quando na verdade é apenas um dos caminhos que asseguram a realização integral. Ela invade a pessoa, absorve-lhe todas as energias, bloqueia todos os seus projetos, fecha-se sobre si mesma. Ela quer ser o centro de interesse, primeiro, primordial e exclusivo. Em vez de viver de *acordo* com a sexualidade, o homem começa a viver *para* sua sexualidade, que se torna o primeiro e último fim. Ela impõe seu monopólio à existência de tal modo que cada um quer ser um oligomaniaco que impõe sua libido, seu desejo qualquer que seja, sua vontade de prazer. Segundo a expressão chocante mas bem justa de Williams Bourroughs, no momento de imergir no mundo, o adolescente contemporâneo enfrenta um "ritmo de fornicação universal". Mas além dessa primeira função de regressão, a sexualidade tem outra: entre nós, em vez de ser, como deveria sê-lo, forma de encontro, elemento de união, solicitação de convergência, ela é, ao contrário, vivida como competição. O instinto de morte parece ceder ao instinto de vida e cada um se torna agressor do outro que procura escravizar. Ela deveria ser caminho de encontro por excelência, encruzilhada de dois seres que, porque se amam, se dão e se *conjugam* (no sentido tão rico de *conjugal*) para atingirem um com o outro o auge do prazer. Tornou-se porém apenas exploração egocêntrica, antropofagia

dissimulada, competição implacável em busca de um prazer muito exasperado para ser belo, muito sedento de proveito para ser harmonioso. É uma corrida *contra* os outros que ela quer subjugar rumo à depressão que é uma recaída sobre si mesmo. Uma testemunha tão pouco suspeita de opinião moralizante preconcebida como Shere Hite conclui, no final de uma longa pesquisa, que o sexo, tal como é praticado entre nós, tornou-se uma “corrida para o orgasmo”. Nessa corrida tão desabalada que se torna sufocante, o homem perde a alegria que o *viver-sexual* humano lhe poderia garantir. Comercializado e banalizado, o sexo se apresenta sufocado sob o peso social das imagens. Ele não é mais uma trilha particular. Para cada um se obscurece, se despersonaliza e perde toda sua dimensão profunda. É no entanto, nesse quadro, que o adolescente deverá descobrir a sexualidade e concebê-la como uma grande aventura pessoal.

3. *Sexualidade invasora*

Nossa civilização, à qual Bergson se referia no início do século como hermafrodita, vê no prazer sexual (seria melhor chamá-lo genital) o valor por excelência. A ele subordina toda a existência que se torna apenas uma corrida exacerbada em busca de momentos passageiros de satisfação, desprovidos de arrebatamento e que fenecem tão depressa. Embora minada pelo tempo, perdida num monocentrismo que é a própria negação de si mesma, a sexualidade nos é oferecida como o arquétipo e o protótipo dos valores. Nada acima dela! Ela é absoluta! Nada com ela; ela se basta no seu isolamento. Nada ao lado dela; ela ocupa todo o espaço. Ela exclui o coração, ignora a razão; o amor não passa de um pretexto, a liberdade nada mais é que jogo alternativo, consecutivo, esgotante.

Vê-se nela assim considerada, a finalidade suprema da existência. Esta só tem sentido se dirigida para o mundo dos prazeres, se seu único horizonte é a satisfação rápida de momentos efêmeros nos quais nos comprazemos em ver uma impossível e falsa eternidade. A sociedade toda propala a busca da supremacia sexual de tal maneira que aquilo que deveria estar submisso à infinita complexidade do projeto existencial monopoliza toda a energia interior. O que pretendia ser um valor supremo tornou-se demanda obsessiva; tornamo-nos escravos daquilo que pretendíamos ser senhores. E a existência se enterra no submundo de onde o equilíbrio humano se afasta sem remissão. O que deveria ser via respiratória torna-se fossa pestilenta na qual os pobres homens que apenas conservam vestígios de humanidade desesperadamente em busca da felicidade que parece impossível. Nessa inversão de valores, o adolescente deve encontrar os pólos de sua vida, voltando a dar à sexualidade que vai descobrindo suas verdadeiras dimensões; sob pena de ser tragado por uma sociedade que o reduziria apenas a um atormentado perdido entre outros atormentados e de entrar, desde a puberdade, num desequilíbrio sempre mais agudo e inesgotável, é preciso que ele defina seus próprios caminhos, embora sejam eles opostos às correntes sociais. Numa sociedade doentia, resta-lhe descobrir como permanecer sadio. E ele o conseguirá restituindo seu exato valor à sexualidade, que deve ser chama reconfortante, dinamismo sereno, em vez de fogo que devora e força que consome.

4. *Sexualidade explosiva*

O adolescente deve tomar consciência de que entra numa sociedade em que a sexualidade se tornou explosiva a ponto de tudo destruir, a começar pela pessoa. Descobrirá então que, sob o impacto de sua potência desordenada, ela vai demolir consecutivamente o amor, a família, a felicidade, a vida. O amor é a primeira vítima sem defesa da orgia sexual. Antigamente, dava-lhe a prioridade para se passar, através dele, à união que ele almejava e da qual era a derradeira e mais profunda expressão. Os seres que se descobriam ligados um ao outro por um movimento fascinante do coração sofriam a atração de uma maré, cujas vagas se iam arrebentar levando-os um em direção ao outro. Por que se amavam, se uniam. Entre o amor e o encontro sexual havia uma ligação de causa e efeito.

Esta conjunção foi rompida em nossos dias. O sexo absorve tão bem o amor que nasce de novo um daqueles equívocos do qual a linguagem é a expressão trivial. A confusão é total. Costuma-se dizer "fazer amor" para expressar a realização de troca de uma sexualidade que foi colocada em primeiro plano. O somático substitui o cordial, uma libido desprovida de sentido substitui a tensão amorosa. Assim não é de espantar-se que tenhamos ficado céticos diante do amor. Este parece apenas um acidente de multiplicação da espécie. A constância depende do desejo; uma substitui o outro e impede qualquer constância. O homem perdeu sua alma afogada no mar sem fim dos desejos irrealizáveis. Em tal contexto, não se vive mais o amor como o desejo que enriquece a sexualidade; vai-se ao encontro dele, mas teme-se ser por ele apanhado a ponto de se fugir dele sob o domínio do medo de perder sua intimidade, transformando a posse do outro em dom de si.

Na lógica mais rigorosa não é de espantar-se que, confundido com o amor, o exercício de uma sexualidade, que pretende ser apenas o gozo do momento, destrua a família. Esta é, por essência, estrutura estável; ela quer ultrapassar o tempo e não aceita a transição, o esquecimento, o recuo, a volta atrás. A família, que deve nascer do amor, só viverá por amor. De duas existências que se uniram e transformaram essa encarnação numa vida nova, nasce um imperativo de permanência. Surge uma entidade nova, ponto de convergência de seres humanos irrevogavelmente ligados. E a que profundidade! Um casal que se ama, se multiplica porque se ama. Cria-se um laço que liga as vidas em evoluções de amor, de ternura, de afeição, de dependência. Uma realidade que está intrinsecamente ligada ao amor não é possível quando se expulsa o amor. A negação de um é a negação do outro. Na mesma medida em que a exacerbação sexual prejudica o amor, como acabamos de lembrar, ela traz também prejuízos à família. E é assim que aqueles que deveriam viver uma afeição que é fonte e condição de equilíbrio, se acham todos, pais, mães e filhos, condenados a um vazio no qual estão conscientemente ou não perdidos.

E, então, para eles lá se foi a felicidade, pois não há outro caminho para atingi-la que não seja o amor e a convergência dos seres que dele vivem. Destruído o amor, a família se destrói. Esta destruição se concretiza na recusa do projeto que é essencial a qualquer felicidade. Mesmo vivida no presente, a felicidade traz consigo uma esperança inata. Ela só é possível, se atravessar o presente na certeza de um futuro. A felicidade é sempre um anseio que

ultrapassa o presente antecipando o futuro. É nesse sentido que qualquer felicidade é, por essência, um projeto. De certa maneira, ele transpõe o tempo e mergulha numa eternidade que o envolve e o impregna completamente. Quando há uma recusa do projeto, há também uma recusa de amor, recusa de união que é sua expressão mais viva e, por consequência, impossibilidade de felicidade. Quando “os amores” se sucedem, quando as imagens mantidas por uma sexualidade fechada para o futuro se esfumam na noite, quando o coração é negligenciado e o corpo o substitui indevidamente, quando os amanhãs ignoram o passado e são desprezados pelo presente, nenhuma felicidade é possível. Assim, tornou-se ela uma mercadoria das mais raras no nosso mundo incapaz de projeto porque se fechou ao amor, abalado por uma sexualidade tão forte que acaba por consumir tudo.

E se chega assim à derradeira e global explosão, àquela que só deixa atrás de si amargos escombros. Quando tudo escapa: amor, família, felicidade, que resta como projeto de vida? Ao adolescente que busca razões para viver, que poderá oferecer nosso mundo dominado diabolicamente por uma sexualidade desumana? Nele cada um quer possuir o outro; é o reino do homem transformado em coisa. A união que deveria construir, destrói; a convergência somática que deveria ser consecutiva à convergência cordial torna-se divergência fatal. Entre os casais, a união se torna impossível, bloqueada por um egocentrismo doentio, por um egoísmo regressivo, por um desejo de dominação que quer subjugar o outro. A sexualidade se torna um jogo infernal, castigo daqueles que se abandonam a ela, considerando-a exclusivamente zoológica. Nela, o humano é reduzido aos limites animais ditados por uma zoossexualidade, que faz do coito sua principal expressão. Assim se compreende a constatação amarga de Julien Green: “O erotismo é triste como o inferno”.

5. A total confusão

Tal confusão é além disso tão imperceptível que a ela nos entregamos sem perceber, sendo assim levados à ambivalência totalmente equívoca que caracteriza nossa civilização irracional. Quando a sexualidade se torna zoológica, em vez de noológica como deveria sê-lo, ocorre uma substituição violenta que define bem a situação. Com efeito, na sexualidade tal como é vivida pelos animais só existem machos e fêmeas. Assim não poderá surpreender-nos em nossos dias que, em consequência da redução da sexualidade a uma pura força biológica, nos encontramos inevitável e logicamente num contexto de machismo. Se a união é o domínio do mais forte, o macho leva vantagem. Ele se impõe, subjuga a mulher, faz dela um instrumento, condenando-a a satisfazer seu prazer. Ela se apaga diante da brutalidade masculina; ela se desvanece na noite dos desejos que a pseudovirilidade criou.

Tendo sido o machismo por tanto tempo o caminho da escravidão imposta à mulher, não é de se admirar que ela se revolte. Toda escravidão termina por gerar uma reação e por protestar sob a influência de movimentos incoercíveis de libertação. Nossa civilização conhece uma dessas fases de revolução, de queda do poder, de contestação radical. Esta contestação é perfeitamente legítima e ela se impõe para que a mulher retomasse sua dignidade de ser humano inde-

pendente. Eis porém que a primazia que se confere à sexualidade vem deturpar esta legítima revolução. A ambivalência está criada. Em vez de exigir que o *macho* se torne um homem (no sentido latino da palavra: virilidade), preferiu-se transformar a mulher em *fêmea*. Ao machismo sucede então o *femeísmo*. O nivelamento se faz por baixo. Não é a liberação que ocorre. Cria-se simplesmente uma nova escravidão que, por ser uma reação à primeira, nada ganha em dignidade. Antes, apenas a mulher era objeto; hoje também o homem é objeto do desprezo com que tratava a mulher. É assim que se vai firmando um certo feminismo que reivindica, por sua vez, domínio, servidão, exploração, e que pretende exercer o monopólio do capital sexual. Em tais condições, não é para surpreender-nos que vivamos, como o afirmou Grundel, em “plena ideologia do orgasmo”.

6. *Uma sexualidade exagerada*

A soma de tais confusões que se acumulam nos conduz a uma sexologia minada por um triplice desvio: ela é pretensiosa, ignorante, comercializada. *Pretensiosa*, em primeiro lugar, na medida mesma em que se considera soberana. Ela pretende (eis porque é pretensiosa) ser a expressão por excelência da felicidade. Como tal, ela usa uma linguagem que nada mais é que um canto de sereia, porque se mostra ao mesmo tempo sedutora e ilusória, propondo o prazer sexual como único caminho para a felicidade e considerando-o como o único recurso para a realização de si mesmo. Ora, dizer que esta última está ligada à vitalidade sexual é uma verdade incontestável, porém, condicioná-la apenas à prática sexual é uma pretensão inverossímil. As dimensões do ser humano são muito complexas para que se possa reduzi-las às proposições simplistas de uma sexologia irrefletida. Querer dizer tudo sobre o homem prendendo-se exclusivamente à sexualidade, é ignorar o essencial do ser humano e reduzi-lo apenas a um conjunto desordenado de desejos castradores. Se negar a sexualidade seria o mesmo que castrar o homem, conferir-lhe a primazia nada mais é que castração da razão. Tanto num caso como no outro, ele perde sua integridade. Eis o que provoca a linguagem sexológica quando se considera a mais importante, para não dizer exclusiva.

Pretensiosa como se nos apresenta, a sexologia é ainda *ignorante*. Ela desconhece, com efeito, a premissa fundamental que é a qualidade racional da sexologia humana. Enquanto esta, segundo o que estabelecem os mais recentes achados científicos, é vivida na dependência direta da vida cerebral, a sexologia comum a considera apenas como pura força somática. Ela propõe uma ruptura entre *psyché* e *soma*, o que desumaniza o sexo. Este se torna então apenas uma genitalização do homem em detrimento da cerebralização que é o centro da noogênese. Esvaziando-se a sexualidade de sua qualidade racional específica, a sexologia não chega a conhecer sua verdadeira natureza. E é com base nessa ignorância, a mais perniciosa de todas que ela constrói suas proposições. Vale dizer que estas nada têm a ver com a sexualidade do homem, cuja riqueza é sacrificada ao simplismo de uma sexologia ignorante de todos os fundamentos essenciais do impulso sexual propriamente humano.

É ainda ignorante a sexologia que invadiu nossa civilização na medida em que se apóia em estatísticas e encerra a sexualidade numa visão puramente numérica. Sabe-se muito bem como as estatísticas são maleáveis e suscetíveis de interpretações diversas, quando não contraditórias. É sempre possível manipular

as estatísticas tanto na formulação do questionário que as prepara quanto ao nível de sua interpretação. Elas são de certo modo a forma contemporânea do sofisma. Apoiando-se nos dados suspeitos que elas oferecem, pode-se provar simultaneamente uma coisa e seu oposto. Que a estatística possa ter um valor indicativo, é fora de dúvida, pois apresenta um levantamento de dados. Conferir-lhe porém um valor normativo é extrapolar de forma flagrante. O senso crítico mais elementar é suficiente para compreendê-lo. O recurso estatístico é pois uma forma dissimulada de ignorância atrás da qual se abriga a moderna sexologia. Eis o que a torna suspeita.

Além disso ela é ainda o campo por excelência da *comercialização*. O prazer sexual converteu-se em objeto de manipulação no mercado que rege a lei da oferta e da procura. A invasão sexual de natureza patológica que podemos facilmente constatar em todos os níveis de comunicação confirma este fato. Nosso universo é assaltado por apelos que fazem do prazer sexual seu objeto de predileção. A palavra e a imagem nada mais são que solicitações eróticas. Conferem à nossa época um aspecto muito particular infiltrando nela, sob todos os aspectos, os desejos mais inverossímeis. Vivemos um momento de civilização que poderíamos caracterizar como o reino de sexualidade. A tal ponto que um dos primeiros e mais profundos analistas da comunicação global chegou a afirmar: “A arte da publicidade corresponde maravilhosamente à velha definição de antropologia: *Ciência do homem que possui a mulher*”. Assim dizendo, Marshall McLuhan apenas constatou a amplitude do flagelo que nos ameaça. Nada de espantar que vivamos assim um momento de regressão fulminante. Pois, por um paradoxo facilmente explicável se retornarmos à sua raiz, a comercialização do sexo prepara sua rejeição. Pelo menos, pode chegar a isso na mesma medida em que se pode chegar à negação do consumo. Assistimos pois a uma curiosa mudança que a sexologia, que se quer impor, estimula. O que levou Bourbon-Busset a afirmar: “A sexologia comercial e uma psicanálise de algibeira desprezam a linguagem sobre a sexualidade e conduzem a um novo recalque”. Quando se imaginava terminar com o recalque neurótico, vê-se renascer um neo-recalcamento que não é menos neurótico.

7. *A loucura sexual*

Assim se apresenta nossa civilização: civilização da loucura sexual. O princípio freudiano da realidade foi esquecido, ficando apenas as fantasias que são a expressão do princípio único, o princípio do prazer. Como Freud demonstrou de maneira magistral — e que foi hoje esquecido por ignorância ou má fé — a realidade impõe uma sublimação que é proteção contra todas as aberrações. Uma sexualidade que se pretende viver sem referência à necessidade de sublimação torna-se rapidamente perversão. Ela se perde nos caminhos do irracional e acaba por criar uma espécie de repressão que, por ser nova, não deixa porém de ser violenta. Ainda mais que é sutil e que se infiltra sob o pretexto falaz de libertação. Eis o que levou Michel Foucault, que retrata com mão de mestre a *História da sexualidade*, a falar de uma estranha “dessublimação regressiva” que se vive em nossa época.

Tendo perdido os limites que lhe impõe a racionalidade para que se exercite no sentido da normalidade, a sexualidade não é mais *compensatória*. Se os séculos

que nos precederam foram vividos no *nada* sexual, o nosso se balança no extremo oposto exasperando-se no *tudo* sexual. Há, por assim dizer, uma supercompensação, como se a humanidade desvairada tentasse recolher em uma única hora, em um único momento, todas as frustrações acumuladas pela ignorância anterior, e viver, num instante de prazer, toda a volúpia que lhe foi recusada. Um triplice ponto de apoio se oferece então a ela, e a descrição verbal daquele revela por si mesmo seu conteúdo desastroso, o que levou um perspicaz observador da confusão em que está imersa nossa civilização a evocar "...o regime de *poder-saber-prazer* que mantém entre nós a linguagem sobre a sexualidade humana".

Tal linguagem se revela excessiva e obsessiva revestindo-se de feição verborrágica. Tudo se torna pretexto para se falar de sexo. Da linguagem contemporânea poder-se-ia, sem exagero, afirmar que ela se identifica com a carga de sexualidade que a monopoliza. As ligações pessoais são formalmente ou de maneira subjacente, tradução dessa fixação; mais ainda sem sombra de exceção, resultado da convocação sócio-comercial. Tudo o que se diz se refere direta ou indiretamente ao sexo. Nossa linguagem está dominada pela sexualidade a tal ponto que, qualquer que seja sua forma, não consegue fugir a ela. Diria eu, para definir melhor esta característica, que vivemos na época da *sexo-logo-mania*. Esta expressão me parece condensar o clima em que vivemos. Pois, como afirma ainda Michel Foucault: "Além de todos os seus emblemas, nossa civilização apresenta ainda o do sexo que fala".

8. *Uma sexualidade selvagem*

Eis a conseqüência da concepção *selvagem* da sexualidade que penetra na desordem do irracional. A razão, que é o apanágio do homem, está na origem da cultura. Nada de selvagem, propriamente falando, é humano. E desde os primórdios da humanidade, tem havido um progresso racional que é a expressão do ser essencial do homem. Na medida em que avançava em humanidade, o homem regredia no sentido do racional aperfeiçoando aquele neocórtex que lhe era exclusivo e que ele herdara do "cérebro antigo", cujas incidências reptilárias e mamíferas haviam sido superadas. Investido de racionalidade, assumiu ele uma complexidade cerebral incrível e passou a se programar, no sentido mais rigoroso que se atribui hoje em dia a esse verbo, a tal ponto que um dos antropólogos mais famosos descreveu recentemente o homem como aquele que pode dizer: "computo, ergo sum". A vida humana não está pois abandonada ao acaso. E, enquanto humana, precisamente, e na medida exata em que brota do cérebro, ela mesma se programa tanto sob o ponto de vista psicológico como biológico. A autoprogramação é a própria conseqüência da cultura, bem ao contrário do comportamento selvagem. A sexualidade não escapa a essa regra. Ela não é uma força cega e desordenada, mas um dinamismo que inclui o domínio de si, de que só o homem é capaz. A dinâmica sexual profunda que costumamos designar por uma palavra que se tornou pejorativa: *libido*, recebe então o batismo da racionalidade. Ela não se exerce acidentalmente e segundo as circunstâncias mas é a expressão de um programa existencial dos mais extensos. Fazer dela uma força selvagem é retirar-lhe a qualidade humana. É concebê-la como uma força aleatória, como um jogo aproximativo, como um dinamismo não estruturado. Ora, o homem é um vertebrado psíquico: é dotado de estruturas

bem definidas nas quais se acham imersos todos os apelos somáticos. Além disso, o sentido próprio da maturidade é a elaboração gradual daquelas estruturas fundamentais sobre as quais a *psique* se afirmará. Vale dizer ao mesmo tempo que uma sexualidade verdadeiramente humana não pode existir como tal, a não ser que esteja solidariamente estruturada. O vento dos desejos não deve fazê-la balançar-se de todos os lados? As pulsões repentinas não devem lançá-la à deriva; os apetites provocados não têm a mesma qualidade que a esperança de realização. A sexualidade no homem é solidamente constituída. Ela se exprime através de movimentos coordenados e se apóia numa estrutura sólida, complexa, unificada. As perturbações sexuais motoras são apenas o sinal de uma patologia flagrante ao nível da vida sexual.

Programada e estruturada, daí se conclui que a sexualidade é teleonômica, isto é, tem inscrito em si um fim determinado que está na origem de sua coesão. Em resumo, ela é ordenada. Há, pois, uma ordem própria no exercício sexual; tirar a força sexual daquela ordem é condená-la a ser desordenada. É o que se faz quando se preconiza, como é o hábito em nossos dias, uma sexualidade que se limita a deleitar-se de acordo com os acontecimentos e os encontros ocasionais. Descentralizar a vida sexual de seu fim é esmigalhar, fragmentar um dinamismo que perde sua profundidade, sua qualidade, seu vigor. A desordem está sempre na origem de uma desagregação em qualquer plano que ocorra. Uma sexualidade desordenada descentrada, despolarizada, é pois uma desagregação sexual. Nosso mundo, tal como se apresenta, desagrega a sexualidade de nossos contemporâneos e grande número deles só consegue reorganizar-se com a ajuda dos divans psicanalíticos.

Pode-se em poucas palavras resumir a situação afirmando-se que, enquanto selvagem, irracional e de certa forma não cerebral, a sexualidade nada mais é que regressão impulsiva. Enquanto humana, como acabamos de explicar, ela deveria ser cultivada, programada, estruturada, organizada; deveria ser no sentido forte da palavra, *pro-pulsão*, isto é, pulsão, impulso em direção a outrem; extática, numa só palavra. Na hipótese de recusar-lhe essa dimensão para fazer dela apenas uma sede vulgar de satisfações desprovidas de projeto, ela se torna *im-pulsão* pura e simples. Qualquer que seja a forma pela qual se exerça, não passará de um auto-erotismo que conduz o indivíduo a voltar-se para si mesmo no momento em que pretende viver (ter) uma relação. Prisioneiro de seus impulsos, ele se fecha em si mesmo, praticando uma vida sexual que o afasta de qualquer pessoa. A auto-sexualidade substitui a *allo*-sexualidade e se produz então uma espécie de abalo interior ao qual se poderia dar o nome de *im-plosão*. As fontes do dinamismo vital se esgotam e o homem estoura dolorosamente nas profundezas do seu ser. Assim se compreende que se possa afirmar que nossa sociedade “é uma sociedade de perversão agitante e agitada”. A expressão deve ser tomada ao pé da letra.

9. A incomunicabilidade sexual

O sinal incontestável dessa implosão é a incomunicabilidade invencível, que é o quinhão daqueles que renunciaram a traduzir, através da linguagem sexual, sua riqueza interior. Quando o desejo substitui o amor, restam apenas dois cor-

pos que se unem numa promiscuidade epidérmica desprovida de qualquer sentido. A sexualidade que deveria ser eloquência e tradução do inexprimível torna-se muda. Numa autofixação paralela, triunfa o mutismo. Em vez de ser um momento de encontro por excelência, a prática sexual se converte no mais doloroso desencontro. Quando da comunhão só resta a união, o desabrochar sexual se torna impossível. Chega então o momento impregnado de obscenidade, segundo Simone de Bouvoir, pois que não admite a menor ternura.

Sob pretexto de disfarçar o erotismo, nosso mundo restabeleceu um novo mito. Do *Eros* antigo, manteve apenas o que nele havia de *erotomania*. A obsessão e o delírio se apoderaram da sexualidade e a conduziram a inúmeras aberrações (o termo é freudiano e subentende uma negação da normalidade), que são descaradamente colocadas à nossa frente. Como afirmaram recentemente alguns estudiosos que fizeram uma pesquisa junto à geração jovem ... “todo o sexual é permitido, porque a sexualidade, mesmo em alguns de seus aspectos maus, é considerada boa em si”. Isso quer dizer que é a própria idéia de proibição que é proibida. Nesse clima de pan-sexualismo onde o abuso é total, a sexualidade se torna onipresente, não mais a título de dinamismo natural mas como medida neurotizante que provoca o que Gründel chama a saturação e a inflação do sexo. E assistimos à promoção das formas mais flagrantes de negação do desabrochar sexual que é substituído por falsificações. Assim, não nos surpreendemos mais quando o *sadismo* e o *masoquismo*, apresentando-se em praça pública, oferecem-nos seu monstruoso espetáculo. O *voyeurismo* por seu lado se tornou coletivo; é o recurso visual de uma sexualidade seriamente doentia. E, sobre a nossa época, os historiadores do futuro poderão sem dúvida repetir a perturbadora constatação de Günter Grass: “Nada mais havia para provocar a ereção, que o fruto proibido”. Ao mesmo tempo que o *voyeurismo* coletivo que se prolonga na pornografia (na realidade anti-sexual, segundo a expressão de Harvey), desenvolve-se também uma outra enfermidade coletiva que os observadores mais avisados se apressaram em examinar e denunciar. Eis o que afirma Eliane Amado-Levy-Valensi: “Notamos muitas vezes ao nível do concreto que assim chamada emancipação sexual resultava de fato numa *dessexualização*”. A título de prova, se necessário fosse, poderíamos mencionar a *promiscuidade* (que é desumana na medida em que estabelece um relacionamento sexual despersonalizado), a *homossexualidade* triunfante (que se tornou quase um título de glória entre nós), o *fetichismo* mascarado (que é a fixação doentia num objeto qualquer ou numa parte do corpo) e tantas outras formas de aberrações transformadas em práticas correntes.

A análise que acabamos de fazer e que poderá parecer exagerada a algumas pessoas que conseguem manter uma ingenuidade injustificada e renunciar a todo e qualquer senso crítico, corresponde porém à mais estrita realidade. Traça o perfil do mundo conturbado, aberrante, hipererotizado e hipossexualizado, no qual se deve inserir a geração jovem. É nesse contexto que se vive hoje a puberdade. É preciso que nos apercebamos disso se quisermos desenvolver uma educação adequada e oferecer ao adolescente um apoio sólido e inteligente, do qual tem ele tanta necessidade. Toda a adolescência é vivida na vulnerabilidade. Num mundo que o assedia propondo-lhe viver a sexualidade nas perspectivas perturbadoras que acabamos de reconhecer nesse momento de civilização que atravessam a humanidade, o adolescente poderá ferir-se de maneira incurável. Toda a sua vida não será mais que a história de uma longa degradação vivida numa

infelicidade sem fim. Sem dúvida, visto por esse prisma, nosso mundo é esmagador. E é com ele entretanto que o adolescente se confronta.

II — A ADOLESCÊNCIA

É nesse mundo que o adolescente deverá sair em busca de seu ser, naquele momento de vir-a-ser que define a adolescência na sua essência. O adulto é um ser que, ao continuar seu percurso cronológico que é um constante avançar no tempo, é contudo um ser acabado. Ele é identificado, definido, estruturado, decidido, amadurecido. Sua evolução é apenas uma progressão no tempo sem ter que pôr constantemente em jogo o que o tornou assim. O adulto é, de certa forma, forçado à irreversibilidade. Ele vive a partir das escolhas que fez e que viu, reforçadas pouco a pouco no desenvolver do cotidiano.

1. O momento do vir-a-ser pleno

A adolescência é, ao contrário, de extrema mobilidade: nada tem de engajamento consumado, mas tudo de engajamento começado. Parece-me que nada poderia defini-la melhor que o momento do *pleno vir-a-ser*. Pittinger fala de "...personality in the making" (personalidade que se constrói). O adolescente está em elaboração de si mesmo. Ele desenvolve seu ser ao mesmo tempo, em todos os níveis, que são os níveis do homem. Primeiro ele se afirma como ser humano. Isto significa que, a partir da célula inicial que estava confinada no útero, adquiriu seu sistema cerebral que lhe permitirá escapar das coações da animalidade. Eis por que é *pessoa* e não apenas *indivíduo* como o restante dos seres existentes. Ele retoma em si toda a pré-história da espécie. É o que afirma Freud quando nos explica que "o inconsciente psíquico é a herança arcaica de toda a espécie humana". Não se poderia definir melhor. O homem representa o que se poderia designar como uma cerebralização das energias somáticas: uma noogênese que é a seqüência natural da biogênese. Eis porque é muito justo evocar-se, à moda freudiana, uma economia da sexualidade. Haverá no momento do vir-a-ser humano uma transformação da simples *biossexualidade* em uma verdadeira *noo-sexualidade*. Esta porém não suprimirá a herança animal. É o que afirma Debray-Ritzen quando nos fala, com uma desfaçatez que a realidade contudo justifica, do "macaco em ereção que todo homem tem em si". A adolescência é o momento em que o macaco se faz homem; é a hora da ultrapassagem, a hora em que o cérebro, produzindo o pensamento, restabelece a dimensão da sexualidade.

Há nisso uma mutação qualitativa que faz da adolescência um pleno *vir-a-ser* psicológico. A razão está então em plena eclosão. Sem dúvida, existia em forma embrionária mas já efetiva na criança. Na adolescência, porém, ela atinge seu limite essencial que é a liberdade. É porque se tornou livre que o homem se colocou como essencialmente diferente de qualquer ser vivo. O fenômeno continua a reproduzir-se, não mais na escala da espécie, mas na escala da pessoa. O adolescente *se afirma* e ele o faz exigindo liberdade. O jovem personagem de um romance contemporâneo o dizia sem equívoco e em plena consciência: "Estou em vias de me tornar um ser humano livre"...

Para ser autêntica, é preciso que esta auto-afirmação se transforme em verdadeiro domínio de si. Os determinismos arcaicos herdados da espécie deverão ser suplantados na hora do pleno vir-a-ser humano que é a adolescência, pelo domínio de si, que é a primeira expressão da liberdade. Ninguém é livre se dominado. Livre somente o é aquele que se liberta. É fácil verificar o que isso significa no momento da puberdade. A escolha é clara e inevitável: ou o adolescente se abandonará aos determinismos somáticos de toda espécie ou assumirá os da liberdade. No primeiro caso, a sexualidade será para ele um peso esmagador; no segundo, um *elan* (impulso) irresistível. E garantindo o domínio do instinto, ele preparará o amor de amanhã que será vivido na ternura, no dom de si, na mais indizível felicidade.

Tal caminhada, porém, só será feita se o pleno vir-a-ser biológico que se soma ao pleno vir-a-ser psicológico for completado pelo pleno *vir-a-ser moral*, pois toda liberdade exige uma definição existencial em função de valores definidos. A adolescência será pois a época em que os valores serão discernidos. Ora, o mundo se nos apresenta em total alteração de valores, ou melhor, inversão. A ruptura metafísica que se operou no decorrer dos dois últimos séculos deixou o homem moderno sem absoluto. Ele está então à procura de um ponto de apoio. Todas as suas referências estão diluídas, e ele se vê encerrado num mundo de relativos que ele absolutiza num esforço desesperado para assegurar a coerência e a unidade de sua existência. Nós já o constatamos: entre os substitutivos inventados por ele, encontra-se a sexualidade, uma sexualidade aliás truncada em sua dimensão profunda, esvaziada de seu conteúdo humano e confundido com o desejo desenfreado de prazer. Sobre nossa civilização, reina a sedução sexual; no cume dos valores em que ela repousa, vemos entronizada a exasperação sexual. A libido é o deus supremo.

Mas é preciso mais que isso para que a liberdade se exerça até o ponto em que possa engajar uma vida inteira. É-lhe necessária uma referência que não seja accidental, mas representativa de um valor que ordene a confusão imensa dos atos livres que todo homem é chamado a assumir. A importância da presença de um absoluto é pois de primeira grandeza. As forças diversas que movem o homem estabelecerão seu ritmo a partir do homem. Ele será simultaneamente o ponto de partida, de chegada e de convergência de todos os atos que tecem uma vida.

As portas da liberdade, o adolescente está pois em pleno vir-a-ser moral. Ele decide sobre seus valores e já os põem em ação. Se, por sua natureza adolescente, sua existência é sempre projeto, ela se torna doravante uma trilha iniciada na liberdade engajada. É chegado o momento das grandes definições. Optar não é apenas *escolher-entre* mas *escolher-em-vista de*. Todo empreendimento ontológico gira em torno de um ponto preciso, de um valor que lidera todos os outros e confere aos atos múltiplos uma unidade decisiva. Que em tais perspectivas a sexualidade esteja presente, é mais que óbvia. Esta presença entretanto deve traduzir-se nos limites da existência humana que integra o prazer, mas o ultrapassa infinitamente. O dinamismo sexual é uma força entre outras; merece o respeito e a atenção tanto mais profundos quanto mais poderosas as forças que o constituem. Mas ele será sempre relativo de sorte que, conferir-lhe valor de absoluto, outorgar-lhe a supremacia, aceitá-lo como senhor, seria falseá-lo e conduzi-lo por caminhos em que se perderá. Se de valor relativo ele passa a

valor absoluto, a existência humana se torna apenas uma sede banal de prazer. O coração e a mente permanecem vazios e este vazio será por si só a origem de insucessos sexuais cumulativos. Por ter procurado gozar muito, o homem ficará impotente para viver.

2. *A busca da identidade*

A adolescência vive pois o momento de seu pleno *vir-a-ser* em nível tríplice: o biológico, uma vez que ela recebe uma hereditariedade; o psicológico, pois seu *ser-livre* tem início; o moral, quando faz suas opções essenciais e se posiciona para o Bem na existência. Mas é sempre em redor do *eu* que esses momentos são vividos no decorrer do tempo que se faz consciente. Sabemos que a adolescência é a fase em que o jovem ser humano, que se torna ele-próprio, parte em busca de sua identidade. Falando da vida e de sua cristalização, Edgard Morin evoca “aquele pequeno pronome sobre o qual refletimos tão pouco: *EU*”. O adolescente, vivendo sua primeira inquietude existencial se propõe a questão fundamental: *Quem sou eu?*

Ora, como a primeira evidência que percebe é a que faz dele um corpo, ele identifica seu *Eu* na dimensão sexual que lhe é própria. Ele não é um corpo indefinido, um hermafrodita nebuloso, um sexo aproximado. Ele é *Eu*: um corpo bem moldado, um sexo cujo projeto somático é claro e destacado e sente em si uma força estranha que ele conhece pouco, mas que parece transformá-lo. As pulsões se tornam perturbadoras, as impulsões cada vez mais frequentes e imperiosas; forças que parecem cegas brotam do âmago de seu ser somático e o sollicitam com temível insistência. O adolescente que se torna púbere, descobre que é um *Eu sexual*. É então que se apresenta a ele o angustiante problema da significação sexual. Encontrar a sua identidade é perceber seu corpo, é tomar consciência de que ele é o ponto em que se move uma força misteriosa e tão profunda que ultrapassa o consciente.

E ao mesmo tempo, compreende ele que o *Eu* se reveste de uma dimensão que consiste em abertura para o outro. Ela se conhece e reconhece que não pode viver na solidão. Um *Eu* sozinho não tem sentido algum; só pode haver *Eu* diante de um Nós. Uma dimensão interpessoal que é de importância crucial na elaboração de uma personalidade se revela a ele; esta revelação o surpreende e o obriga a rever sua própria imagem. O narcisismo inicial perde o sentido. O Nós absorve o *Eu* sem entretanto destruí-lo, ao contrário, dando-lhe toda a consistência. Segundo a palavra de Hegel, de grande acuidade, o adolescente escapa de si mesmo e descobre um “*eu* que é um *nós* e um *Nós* que é um *Eu*”. Com todo o seu ser, ele procura o outro que lhe fornece um ponto de referência essencial na sua busca de identidade. E como seu ser vivenciou uma primeira demanda de caráter sexual dado o componente somático da personalidade, ele se situa rapidamente em uma rede de relações interpessoais. Ele é pessoa diante de outras pessoas; ele é pessoa entre outras pessoas; ele só é pessoa porque outras pessoas se revelam a ele como tais.

Mas o Nós não poderia ser um puro elemento anônimo no qual ele é lançado pelas circunstâncias. Ele também tem corpo, tem nome, tem rosto. O Nós diluía as pessoas. Eis que agora ele se transforma e dá a cada uma sua identi-

dade exclusiva. Eis porque o *Eu-diante-de-um-Nós* se torna rapidamente um *Eu-diante-de-um-Eu*. A relação se torna individual e singular: ela se torna encontro pessoal. Eis porque a puberdade é a idade dos primeiros amores. O adolescente só pode tornar-se *Eu* quando percebe que o outro o reconhece: o amigo primeiro, o amado (ou amada) depois. E a interrogação surge nele, exprimindo a inquietação vital dessa idade, tal como Simone de Beauvoir a formulou: “Quem saberá me amar?” E, de acordo com a resposta afirmativa ou negativa, ele sentirá felicidade ou angústia.

A complementação surge aqui: complementação que faz de cada pessoa parte de uma outra, que estabelece sua natureza sexual. São dois *Eu* sexuados que se encontram de modo que o adolescente se vê acuado inevitavelmente a uma definição. Se ele começar na normalidade, se lhe apresentará, então, a questão do viver sexual a dois. O sexual, com toda sua potência, irromperá na sua identidade. E será então a hora de se definir sobre vida sexual, sobre escolha de comportamentos. Devem entrar no jogo o *Eu* viril e o *Eu* feminino.

É então que se forma o *casal*. Encontro de duas pessoas sexuadas, ele será simultaneamente a afirmação de dois *Eu* envolvidos de sexualidade. A atração não é somente psicológica, ela é também somática. As forças da alma solicitam as forças do corpo, as despertam e as estimulam. O casal faz com que os *Eu* se ultrapassem. Uma expressão de Günter Grass nos oferece um resumo surpreendente daquilo que o adolescente vive: “Ao meu lado: *eu*; fora de mim, *eu*; superposto a mim *eu* sobre outros *eu*”. Com efeito, tal é o curso natural das coisas: apenas no casal pode-se afirmar uma identidade. Eis porque Erikson tem toda razão ao considerar este momento da puberdade em que o casal cresce como a fase “pivot” do desenvolvimento do *eu*.

3. *Um estado de insegurança*

Nenhuma outra fase, entretanto, experimenta uma vulnerabilidade mais profunda, pois o adolescente deve definir-se antes mesmo de ter estabelecido suas referências essenciais. Poder-se-ia dizer que ele está preso de uma flutuação existencial. Há tão pouca vivência atrás de si que ele não pode medir as consequências de seus atos como o faz um adulto com longo passado. Ele se interroga sobre o Bem, alimenta dúvidas sobre o Mal. Oscila entre poder e dever; é expremido entre o ego e o superego. Por causa dessas múltiplas incertezas, torna-se facilmente a presa das forças que o pressionam. A proposição que nosso mundo lhe oferece em matéria de sexualidade e que o impele ao abandono, pode tornar-se facilmente uma solicitação perniciosa. Aceitando isso, ele prepara sua própria sepultura e provoca feridas que nunca cicatrizarão.

Isso se reveste ainda de maior importância por ser a adolescência ao mesmo tempo uma época de profunda vulnerabilidade e de total disponibilidade. Precisamente por ser indefinido, o adolescente dá ouvidos a todas as proposições. Poder-se-ia dizer que ele está aberto a todas as correntes. O filtro crítico não existe. É um terreno virgem no qual se planta de tudo. É somente na hora da colheita que se poderá avaliar a natureza da semente que nele se plantou. E nesse momento, já será tarde. Durante toda a sua vida, ele vai suportar o peso do que nele colocamos. Por exemplo, se o fazemos depositário de obsessões sexuais,

desejos desordenados, apetites insaciáveis, ele colherá prazeres, sem dúvida; mas a felicidade ficará distante. Se nele semearmos o desequilíbrio, ele colherá desequilíbrio; se o pressionarmos para vias de narcisismo, ele se fixará em si mesmo abolindo toda capacidade de viver com o outro em atitude de encontro; se o precipitarmos na auto-satisfação, ele estará destinado ao insucesso sexual pois que a sexualidade só pode atingir sua plenitude na relação altruísta.

Para entender bem a importância da puberdade e os perigos que a ameaçam, basta acrescentar à vulnerabilidade e à disponibilidade que a caracterizam, o fato de que o adolescente vive ao mesmo tempo num *estado de assimilação* muito sensível. Ele absorve o mundo que gira em volta dele, ele se impregna, sem mesmo tomar consciência dos valores que lhe são apresentados, das sugestões que lhe são impostas, das proposições que lhe são feitas. Quer venham elas de pessoas que o cercam no transcorrer do dia a dia, quer de uma sociedade que é onipresente e na qual está forçosamente imersa, sugestões e proposições que supõem valores estabelecidos, são espontaneamente assimiladas e determinarão os caminhos que a liberdade seguirá. Nada define melhor o adolescente que esta porosidade psicológica que o torna apto a absorver aquilo em que está envolto.

Sobretudo, desenvolve-se nele um fenômeno de osmose social que o fará depositário de concepções que lhe são extrínsecas, de valores que o circundam, de sedimentos que um clima alheio a ele provocará. Se o envolvermos num clima sexual patológico, ele caminhará para um comportamento pessoal psicopatológico. Se o encerrarmos numa concepção pansexualista da existência, ele fará da sexualidade o objeto de todas as suas preocupações. Se o colocarmos numa sociedade permissiva a ponto de não saber mais como drenar seus desejos e transformá-los em energia sexual, ele desenvolverá também o culto de uma permissividade que terminará por arrebatar-lhe toda potência verdadeira. Como o afirmou Victor Frankl, falando dos adolescentes, é compreensível que, nessas condições, “aceitem ser balanceados pela onda do sexo sem perceber que estão sendo *manipulados*”. Na sua vulnerabilidade, disponibilidade e porosidade, eles não têm consciência de que lhes é imposto ser aquilo que não deveriam ser, se quiserem desenvolver, como é o caso, sua aptidão para a felicidade.

4. *A instância de felicidade*

Quem poderia duvidar de que a adolescência cultue a felicidade? Se considerarmos que toda a existência nada mais é que uma interminável aspiração a ela, como poderia o adolescente, no limiar dessa existência, deixar de ser um aspirante obstinado e esperançoso de felicidade? Um perigo, entretanto, que caracteriza a busca inicial da felicidade, o espreita nesse momento: é a tentação que, sob a influência de um mundo transviado, o faria confundir *Felicidade* e *Prazer*. Nesta confusão, que nossa civilização favorece e estimula fazendo do prazer seu centro e, por conseguinte, da fonte mais forte de prazer — a satisfação sexual —, o objeto de sua principal preocupação, o adolescente se perde de forma tal que pode tornar-se irremediável. Sedento de felicidade, não pode ele mergulhar nas profundezas sem fim dos prazeres. Desfazer a confusão é para ele de suprema importância. Para que a felicidade seja acessível, é preciso saber

viver o prazer, renunciando a ele se necessário, e praticando aquela sadia sublimação cujo sentido superior Freud não deixa de salientar. Quando a puberdade se manifesta, mas sobretudo quando está no auge de seu vigor, o jovem deve aprender, sob pena de comprometer seu futuro inteiro e de tornar impossível sua maturidade necessária, que a adolescência, como afirmou admiravelmente Moëller, não é o tempo dos prazeres; não é o período do qual se diz: é preciso aproveitar a juventude; ela é a primavera da "graça". Embora tenha que abdicar de alguns prazeres, deve purificar seu desejo de felicidade e empenhar-se em buscá-la, libertando-se de toda servidão.

Ele realizará essa proeza necessária, se conseguir escapar à fascinação do momento presente. Excesso de presente consome às vezes o futuro. E para garantir este último, impõe-se-nos muitas vezes renunciar ao primeiro. Lembrando Freud, falávamos há pouco de sublimação. Esta não é uma negação: é simplesmente um "até amanhã". É a promessa que coroa o presente na felicidade que só é possível se preparada com abnegação, esforço, controle, transposição, espera. Uma espera que não é um simples tempo de parada, uma paralisação qualquer, um vazio angustiante, mas uma espera vivida como um projeto. Ela se nos afigura então como um advento e se insere no tempo que revelará a história pessoal de cada um. Um projeto que... se realizará, será pleno, será um viver cheio de riqueza. Toda realização depende de um projeto; assim acontece também com a realização sexual que nada tem a ver com arroubos impetuosos, porém desordenados. A sexualidade deve ser vivida como um projeto de amor; quando chegar a hora em que o amanhã será hoje, em que a promessa se cumprirá, em que o projeto será obra, o adolescente, transformado em homem ou mulher em plena maturidade, conhecerá a realização profunda que conduz à plenitude. A sexualidade será então para ele uma riqueza que se instalará no cerne da felicidade. Os prazeres antecipados se convertem em pobreza; a felicidade esperada, preparada, projetada, só é acessível àqueles que souberam garantir seu futuro num presente de abnegação.

Na elaboração de tal projeto, o adolescente é fortalecido pela intuição que tem da necessidade do amor. Ele sabe por instinto que a felicidade só é possível no amor. Está pois pronto a aceitar, sem cair em frustrações doentias, as renúncias que a esperança de amor lhe impõe. É do interior de si mesmo que surgirão os limites a ser impostos. E o célebre superego responsável por todos os fracassos, não será mais uma prisão construída do *exterior*. Ele só será prisioneiro de si mesmo, de sua esperança de amor, isto é, dos limites que ele se imporá de dentro, do superego que ele construirá em vista da realização de seu *eu*, tornando-se sobremaneira livre. Sua abnegação se transformará em serenidade, porque ele a viverá como um prelúdio de amor, chave-mestra de sua felicidade. Ele estará então às portas do equilíbrio.

5. *Um clima de exigência*

Tais são pois os diversos componentes da adolescência. Falta completar, acrescentando que eles só se desenvolverão em *clima de exigência*. O adolescente pode, com efeito, permitir-se o luxo de uma intransigência radical. Ele não arrasta atrás de si as hipotecas perturbadoras de um passado irreversível;

o passado lhe é quase estranho de tal forma que ele só vive o tempo como um futuro, escapando assim à inamovibilidade de atos sem remissão. A exigência é pois nele uma constante.

Aparece sob forma dupla: em primeiro lugar ela atinge a racionalidade. O *porquê* da criança era apenas uma pesquisa superficial em relação aos fenômenos. O *porquê* do adolescente é vontade de conhecer a razão de ser das coisas, o fundamento das atitudes que lhe são apresentadas ou impostas, a justificação objetiva das exigências que lhe são apresentadas como um dever. “*É preciso*” ou “*não é permitido*” só lhe interessa se ele souber *por que é preciso ou não é permitido*. Ele aceita o Bem mas com a condição de saber porque o é. A gratuidade dos imperativos, a subjetividade das proibições lhe repugnam. Há nele o que Luc Estang denominou “uma embriaguez lógica”. Ao nível de comportamentos, ele só adere a proposições lógicas e fundamentadas.

Quando for chamado a definir-se em termos de comportamento sexual, não poderemos contentar-nos em jogar-lhe aprovações ou afirmações sem mais, com base na fé que recebemos como herança moral e que se tornou muitas vezes moralizante. Será então necessário que estejamos dispostos e capazes de explicar-lhe o sentido e o *porquê* das normas que lhe recomendamos. Se elas são ou lhe parecem ser puramente convencionais a expressões de uma particularidade social, ele as recusará como não válidas. Toda sua legitimidade virá do fato que elas se justificam a seus olhos como evidentes e objetivas, independentes de um momento acidental da civilização. Como tais elas seriam apenas imperativos efêmeros como as sociedades que pretendem considerá-las padrões definitivos. Ele tem fé na razão; procura a racionalidade das coisas. Ele curvará sua sexualidade de um modo ou de outro conforme lhe parecer submissão a exigências racionais ou injustificadas. Assim como ultrapassa a curiosidade infantil para abrir-se ao conhecimento, assim também sente necessidade de uma lógica no comportamento. É por não terem percebido esta exigência própria da idade que tantos educadores fracassaram. Porque acomodam com facilidade às proibições mais ou menos gratuitas, mais ou menos justificáveis, vêem eles os adolescentes se rebelarem ou apresentarem opinião contrária ou tomarem rumos que lhe parecem mais claramente indicados. É apoiando-se na razão que se deve traçar a rota que os adolescentes devem seguir. Neste sentido, os educadores e os pais são chamados a uma constante reformulação, a uma agilidade mental, a uma mobilidade lógica que constitui sua força, e poderá levar os jovens a convicções sólidas e eficazes.

Além da racionalidade, o adolescente confere à sua exigência uma segunda característica: ele pede *coerência*. Nisso se revela sua sede intransigente de autenticidade. Ele não aceita ser enganado por palavras a que os atos não correspondem, por mestres que se isolam para não mostrar suas fraquezas, por verdades que pertencem ao mero discurso, quando se vive na mentira. Quem não percebe o que isso significa, particularmente ao nível dos pais que querem exigir comportamentos difíceis em matéria de sexualidade? Quem não compreende que, em tais condições, toda educação é antes de tudo uma vivência que, ao comunicar-se, poderá ser reconhecida? Os moralistas imorais perdem cedo sua autoridade; o mesmo acontece com os hedonistas que se proclamam arautos da ascese. Os jovens recusam aos transviados o direito de lhes ditar regras de vida. Eles fazem ouvido de mercador quando suspeitam de mentira existencial que

lhes repugna e pela qual demonstram apenas desdém. Quem é desorientado não pode orientá-los, pensam eles; quem tornou o amor impossível não está apto a ensinar-lhes o amor; quem se entregou a desequilíbrios notórios não tem autoridade para transmitir-lhes a linguagem do equilíbrio. O adolescente intransigente impõe a todos os educadores uma coerência existencial sem mácula. Só será ouvida a palavra daquele que vive de acordo com o que ensina. Em matéria de sexualidade, mais talvez que em qualquer outro domínio, pois a falta de autenticidade se torna aqui agressão.

Esta dupla exigência: de racionalidade e de coerência prepara uma recusa em um outro nível quando não são respeitados. Sabemos como a adolescência, em certo estágio como outrora a infância, é vivida na negação. Há um *espírito-do-contra* que é evidente e que não passa de contrapartida à busca de identidade. Eis porque toda puberdade se desenvolve em um certo anticonformismo. Este, após ter atingido sua medida, acaba por reabsorver-se naturalmente quando o consentimento se impõe diante de imperativos justificados, diante de uma presença coerente. Porém ele se prolonga indevidamente numa contestação sem fim — e prolonga muitas vezes uma adolescência que deveria estar consumada — quando o adolescente se prende a exigências irracionais (ou que lhe parecem tais) e a uma vivência enganadora. Em ambos os casos, ele se sente açoitado e se obstina numa recusa que ele considera vital. Também, muitas vezes, diante da recusa do adolescente e diante da resistência que ele oferece, devemos inquietar-nos menos com ele que com a imagem que apresentamos a seu olhar penetrante. O único recurso para deter a recusa é pois colocar-se existencialmente de acordo com as proposições de vida que lhe fazemos de um lado, e de outro, desenvolver sólidos fundamentos racionais que possam responder às intermináveis, aos perturbadores, aos implacáveis *porquês daqueles* que estão em busca de si mesmos na hora do despertar pubertário.

III — OS CAMINHOS DO EQUILÍBRIO

Tal é pois o contexto que se oferece no momento de se considerar a educação sexual. Há uma dupla confrontação: de um lado, o mundo definido que está à beira do caos, que vive no maior marasmo, que cultiva toda a patologia acumulada no complexo dinamismo sexual; do outro, um adolescente inseguro vulnerável, disponível prorrumpendo em desejos imperiosos de uma puberdade que é sempre angustiante pelas próprias forças que libera. É necessário pois promover uma educação sexual que, vivendo a tensão dupla que define a situação dos jovens, lhes permita firmar-se, identificar-se, libertar-se, equilibrar-se. Quais serão pois os caminhos que deveremos traçar diante do adolescente para que, engajando-se neles, consiga chegar à maturidade, ao equilíbrio, à saúde psíquica?

Seria pretensioso e inconveniente dar aqui regras precisas e universais que se aplicassem indistintamente a todos os adolescentes. Quando se sabe que qualquer quer educação sexual é antes de tudo *pessoal* e de que importância se reveste esse princípio, deve-se escapar à tentação de formular receitas, de desenvolver uma culinária de educação sexual, de oferecer padrões pré-fabricados. Por ser ela o que de mais pessoal existe, a educação sexual deve ser constantemente

reformulada. Não se poderia falar de aritmética do comportamento sexual, de geometria do equilíbrio humano. Diante de um adolescente determinado, que vive num contexto social e familiar definido, que procura estabelecer sua própria dinâmica sexual de acordo com a situação em que se encontra, é sempre necessário proceder à educação sob forma de presença constante, num face-a-face que nada poderia substituir. Quando uma pessoa, sobretudo jovem, vive sua crise de personalidade em função de tornar-se ela própria, só seria admissível tratar-se com ela de pessoa para pessoa.

Isto assim posto, e definitivamente reconhecido o caráter propriamente pessoal da educação sexual através da qual se pretende ajudar o adolescente, um certo número de dados nos parece fundamental. É em torno deles que se deverá organizar a linguagem que permitirá ao adolescente tornar-se um ser sexualmente realizado.

Parece que podemos juntar esses componentes fundamentais de toda educação sexual, agrupando-os em oito afirmações essenciais:

1. *Realidade e dignidade do corpo*

Em primeiro lugar, devemos insistir sobre a *realidade e dignidade* do corpo. Sobre a *realidade* do corpo e a amplitude do dinamismo sexual, a fim de corrigir o desvio capital que os puritanos dos séculos XVIII e XIX nos legaram como herança. Tornou-se lugar comum evocar o maniqueísmo que estabelecia uma inverossímil dicotomia entre o corpo e a alma. Um angelismo doentio, alimentado de recalques, de rejeições, de temores, de castrações psíquicas reinou tanto tempo entre nós que sofremos ainda as pressões dessas negações acumuladas ao longo dos séculos. Fazendo da Alma o reino do Bem e opondo-lhe o Corpo como sede do Mal, era inevitável que se rejeitasse este último. De certa maneira poder-se-ia dizer que ensinando o homem a sofrer o seu corpo, sugeria-se, sem mais, a evasão, convidando-o a confinar-se ao espírito. Assim aconteceu até a primeira metade do século XX. Sem glorificar o corpo além da medida e sem se fixar apenas nele, é importante reconhecer nele uma realidade à qual é impossível escapar. E na medida em que o corpo é uma realidade inegável, o dinamismo sexual o percorre da infância à velhice, concentrando-se naturalmente no momento em que explode na puberdade que é o acesso à potência. Há então no corpo um formigamento de forças desconhecidas mas profundamente sentidas que não devem perturbar o adolescente. É preciso ensinar-lhe que é natural, normal, sadio, que seja assim. Agindo dessa forma, o incitaremos a ter consciência de si próprio, o que será de certo modo uma primeira e profunda libertação. Ele se descobrirá como espírito encarnado e, quando sentir se moverem nele as correntes misteriosas da sexualidade, evitará sentir medo de uma culpabilidade inexistente. Nessa mesma descoberta da realidade do corpo, conhecerá ele sua dignidade de maneira que se recusará lógica e espontaneamente a reduzi-lo a situação de coisa e a fazer dele um brinquedo entre tantos outros. Saberá distinguir entre jogos sexuais (que nascem da ignorância e do desprezo do corpo) e a vida sexual que é expressão de nobre densidade somática. Ao mesmo tempo se lhe tornará evidente que não poderá jamais fazer de seu corpo ou do corpo de outrem instrumento de jogo e de gozo.

2. *Integração do dinamismo do misto ontológico*

A partir desta tomada de consciência da realidade e dignidade de seu corpo, ele será capaz de integrar ao dinamismo sexual ao seu próprio ser. Percebendo-se como misto ontológico, ele descobre que a realidade sexual não é apenas somática mas que atinge ao mesmo tempo, num movimento único, sua *psyché* (seu corpo e sua alma), de tal modo que seu comportamento dependerá da conjunção essencial do corpo e da alma. Isso será de grande importância tanto mais que o mundo em que vive é o do confinamento somático e que se restabeleceu a antiga dicotomia tão prejudicial, desta vez porém expulsando-se a alma. O resultado desta duplicidade é a escravidão somática que prepara todas as formas de aberrações e de perversões que cercam o adolescente. Voltando a reunir o corpo e a alma e mantendo firme sua unidade ontológica, sentindo que em seu corpo vive sua alma e que um e outro se movem reciprocamente, ele caminhará para o domínio de si, para a submissão dos instintos que não têm em si mesmos consistência alguma e se desenvolverá numa preciosa libertação. Com efeito, é através desta que ele se preparará para uma vida sexual que seja verdadeiramente uma vida de *relação* construída sobre a doação que substituirá a posse. É fácil e triste poder apenas possuir; é difícil mas belo poder doar-se. Isso, porém, só é possível se o corpo aprender a tornar-se expressão de amor e o lugar onde o casal vive o que há de inexprimível na sua relação.

A puberdade deve encaminhar-se para aquela grandeza que transforma a vida sexual, assegurando-lhe seu conteúdo humano mais denso. Esta perspectiva é um pressuposto em toda educação sexual que é dirigida ao adolescente. Este é de uma grandeza particularmente viva quando colocado diante de tal proposição, e se mostra então de uma extraordinária receptividade. Emergindo de seus conflitos, ele é feliz de empreender uma luta que ele reconhece revestida de tal sentido. Será então para ele uma revelação decisiva que ele receberá como uma liberação. E neste mundo impregnado de uma sede sexual inextinguível e nunca saciada, saberá ele escapar do peso insuportável de uma sexualidade sufocante. Viverá sua sexualidade como uma respiração tonificante e se sentirá livre entre escravos, dono de si entre alienados.

3. *O ser-mais e o ser-menos sexuais*

A educação sexual não aparecerá mais aos seus olhos como uma proposição obsessiva, seja ela negativa ou permissiva. Ela lhe oferecerá simplesmente a escolha crucial entre o *ser-mais* e o *ser-menos* sexual. Ele compreenderá que escolha alguma em matéria sexual é indiferente: ou é fonte de crescimento ou de desagregação. O ser sexual por ser justamente a expressão de uma vida, não é estático. Ele é incompatível com uma pausa vital. Nele o indivíduo avança ou recua, progride ou regride, cresce ou diminui, afirma-se ou renega-se. É preciso levá-lo a compreender que a puberdade é o momento por excelência, o instante decisivo em que ele assegurará seu *ser-mais* ou seu *ser-menos* sexual. E que no decorrer de sua existência, o ritmo então adotado se imporá a ele. Da mesma maneira que não existe um homem qualquer, não pode haver um adolescente qualquer. E o "laissez-faire" (permissividade) sexual de uma puberdade perturbada e fechada em si mesmo é sempre a origem de um esmagamento.

mento consecutivo, de uma exploração do outro que é revoltante e se torna efetivamente revolta por parte dele. O *ser-mais* pubertário é condição, mais ainda, a causa do acesso à maturidade sem o qual o amor é impossível, e impossível também a felicidade que nele se baseia.

A vida sexual pubertária medíocre é o prelúdio de uma maturidade cronológica que será também medíocre. Como tal, ela só oferecerá prazeres, nunca alegria; ela permitirá o coito, nunca a relação, ela se desempenhará através de truques (muitas vezes mórbidos), nunca na ternura. A sexualidade do adulto não deve ser intempestiva nem transformar-se numa espécie de coação. Isto seria a negação da união que só pode ser livre se o for ao mesmo tempo no corpo e na alma.

Preparar esta liberdade é o trabalho específico do adolescente em vista de conservá-la na sua vida adulta consecutiva. Se, como deveria sê-lo, a educação sexual fosse antes de tudo revelação, esta seria então a mensagem essencial que deveria traduzir. Impregnando-se dela (absorvendo-a, assimilando-a), o adolescente entrará no caminho do equilíbrio indispensável.

4. Sem *Sub* e sem *Super*

Isso é mais importante ainda porque sua posição em matéria de sexualidade é extremamente difícil. Ele está, com efeito, acuado entre dois obstáculos: o do contexto rígido em que seus pais foram educados e o mundo que o convida a uma permissividade total não só tolerada mas sugerida com uma pujança, cuja força é duplicada pelos recursos dos meios de comunicação. Colocado entre duas vias diametralmente opostas e incompatíveis, o adolescente deve fazer sua opção e realizar (operar) sua síntese pessoal.

Se ele ceder à primeira pressão, sua situação se torna altamente conflitante. Ele é então forçado por aqueles que ama em primeiro lugar, seus pais, a operar uma redução que o fará defrontar-se constantemente com um universo sedutor onde o sexo é apresentado como única realidade que abre o caminho da felicidade. É então pressionado a renúncias constantes, a negações reiteradas, a frustrações sucessivas. Vive sua puberdade num clima de repressão que ele não compreende muito bem e que não consegue interpretar e que o conduz à beira do desequilíbrio.

Se ele ceder à segunda pressão, será lançado num turbilhão onde poderá afogar-se. Correntes eróticas desprovidas de qualquer conteúdo humano o arrastam a abismos onde se vê cercado por perversões, aberrações, patologias de toda espécie. O sexo, perdendo sua dimensão de linguagem, torna-se monólogo em que cada um se fecha; uma fixação cujo objeto único é o prazer imediato dá origem a um auto-erotismo que corrompe a relação em si mesma. Os indivíduos são jogados uns contra os outros, preocupados com *possuir* (em vez de amar), coisificantes e coisificados ao mesmo tempo. É o universo da exploração sexual que troca o apaziguamento pela exacerbação, a alegria tranqüila, capaz de um constante renascimento, pelo prazer efêmero e epidérmico.

É preciso que, entre estas duas sendas, ambas profundamente nocivas, o adolescente trace sua própria trajetória sem engajar-se em direção a uma saída

que seria sua infelicidade. Freud já afirmava com perspicácia e realismo, que o caminho do equilíbrio e da saúde mental não é o que se confina a uma *subsexualidade* nem o que está minado por perigos da *supersexualidade*. Entre a primeira (que cria condições de neuroses as mais variadas, oriundas de recalques irracionais) e a segunda (que prepara uma sexualidade carregada de patologia e portanto destrutiva), deve ele determinar seu próprio traçado e construir seu equilíbrio, chave de sua felicidade futura. Este será o papel do educador: ajudá-lo a ver claro naquela confusão e a não ceder nem à *sub*, nem à *super-sexualidade*.

5. *Uma sexualidade exercida na liberdade*

Em vista desse difícil passo, convém insistir sobre o cultivo da liberdade (que não se deve confundir com as liberdades equívocas nem com o liberalismo permissivo que não passa de acomodação). Sabemos que a adolescência é uma insistente busca de liberdade. Há um desejo de libertação que nasce no início da puberdade. Eis porque a linguagem que promove a liberdade, a orientação que se propõe favorecê-la é aquela à qual o adolescente é mais sensível. Ele escuta sempre que lhe falam de liberdade e tem o firme propósito de garanti-la.

Analisando-se a situação em que o mundo hipersexuado o coloca, é fácil fazê-lo compreender que sua liberdade está ameaçada e isso em dois níveis: no dos determinismos psicossomáticos e no dos condicionamentos sociais.

No nível dos *determinismos psicossomáticos* em primeiro lugar. Porque a sexualidade não é um dote mas uma conquista. No plano sexual, mais que em qualquer outro, é-se o que se é, o que se conseguiu ser. A sexualidade se desenvolve com efeito num entrelaçamento em que o corpo se reveste de uma importância particular, decisiva mesmo. É mais que evidente, com efeito, que o impulso sexual está diretamente ligado a ele e que só tem razão de ser na condição carnal do composto humano. Ora, acontece que o determinismo é a expressão necessária da dinâmica somática. Vivemos cercados de determinismos que são a linguagem própria do corpo. A evolução sexual se expressará por conseguinte através de determinismos adquiridos e pela loquacidade das oscilações ou dos hábitos criados. Ora, é tão profunda a liberdade do homem que, se de um lado, não conseguir ele escapar aos determinismos, poderá, de outro, optar por eles. A adolescência é o momento de tal opção em matéria de sexualidade. Escolher seus determinismos, como o afirma Chauchard, é uma opção inevitável. O adolescente deve compreender que se ele se abandonar aos imperativos de pulsões que nada mais são que pressões biológicas, ele renunciará a si mesmo, anulando a parte de liberdade que poderia e deveria ser sua. E compreenderá então que, na medida em que, sem desprezá-lo, o espírito e a liberdade que são suas mais perfeitas expressões dominam o corpo, a sexualidade encontra sua dignidade humana. E lhe parecerá bem claro que ele só será *ele-próprio* se conseguir aceder a esta liberdade. A educação sexual não se revestirá de recalque algum, mas será plena de renúncias que preparam a plenitude de uma sexualidade superior.

O segundo campo de redução da liberdade é o dos *condicionamentos sociais*. O ser social impõe ao indivíduo condições que determinam seu agir e solicitam sua liberdade em sentido bem definido. Eis porque demos tanta importância à

primeira parte desta exposição e procuramos traçar um perfil de nosso mundo, no qual a sexualidade se reveste de singular importância.

Depois de Bergson, conforme lembramos, falou-se de uma civilização afrodisíaca e salientou-se como a cultura contemporânea se havia tornado erotomaniaca. A esse título, nossa sociedade formula sugestões, propõe comportamentos, cria valores claramente orientados no sentido de maior permissividade. A tal ponto, que os jovens estão mergulhados num clima obsessivo e neurotizante que, sob pretexto de liberar a sexualidade, lhe confere uma feição desumana. As pressões são esmagadoras: linguagem unívoca, visualização pornográfica, literatura provocante, subarte (cinematográfica) se aliam para criar um novo absoluto: o da sexualidade e do prazer pervertidos. O fato se apresenta com uma particular gravidade, considerando-se a soma esmagadora de apelos lançados por esta sociedade que vive indubitavelmente um momento de desagregação sexual tão aguda que se tornou mórbida.

Ora, as pressões sociais quando adquirem uma certa dimensão, comprometem o movimento livre da pessoa. Elas tornam o homem prisioneiro criando condicionamentos sutis, e fortes por sua própria sutileza. Sem que se tome consciência, o espírito é escravizado porque encerrado num mundo sem outra saída a não ser a que a moda impõe. Tão bem o é, que se o indivíduo não se aliena a si mesmo para obedecer às forças sociais desencadeadas experimenta uma penosa sensação de marginalização. Se não quiser agir como todo o mundo é, porque *não é como todo mundo*. Isto vale dizer que ele se coloca à margem de uma sociedade que é implacável e que não o perdoa. Uma sensação de anormalidade brota nele e o conduz muitas vezes a aceitar, sem outra forma de crítica, os modelos que lhe são propostos.

É aqui que irrompe de novo a liberdade do adolescente. Ele deve aprender a defendê-la das investidas sociais que lhe impõem, ser o que não quer. A liberdade é, por essência, pessoal. Se ela se exerce inevitavelmente num quadro social, não deve por isso abandonar-se às pressões insistentes que a sociedade exerce *contra ela*. É preciso querer ser livre numa sociedade que tende a escravizar. Propor ao jovem um comportamento sexual que corresponda ao melhor de seu ser, é pois propor-lhe salvar sua liberdade. A recusa em naufragar num comportamento sexual caótico impõe-se doravante e ele, em vista de preservar sua qualidade de pessoa livre. Numa sociedade eminentemente condicionante, ele se esforçará por resistir aos múltiplos condicionamentos. E na sua evolução sexual, ele cuidará de salvaguardar o melhor de sua liberdade.

6. O verdadeiro sentido da libido

Descobrir o verdadeiro sentido da libido lhe será pois indispensável, e a educação deverá dedicar-se em provocar esse despertar da consciência. Há no homem uma força subterrânea de raro poder. Ela move o ser humano completo, engajando simultânea e indistintamente seu corpo e sua alma. Desde o início de nosso século freudiano, deu-se a esta força desconhecida em seu recondito, mas muito ativa nas suas manifestações mais cativantes, o nome de *libido*. É ela a expressão do desejo mais imperioso porque tem raízes no próprio instinto de vida. Mas, segundo os diferentes tipos de vida, ela se reveste de modalidades especí-

ficas. Como exercida no ser irracional, é apenas cobiça. Os animais se procuram sem mais; quando estão na época do cio, eles se cruzam para apaziguar seu desejo cego num coito desprovido de sentido porque sem significação.

O homem também conhece a libido. Ela não é apenas sedução cega, apelo irresistível. Ela é iluminada pela inteligência e se impõe, sem dúvida, mas a título de necessidade e de busca de uma relação interpessoal. A libido humana portanto não é cega; ela não se exprime pela única esperança da satisfação obtida do encontro circunstancial de dois corpos que se polarizam. Ao contrário, tem ela outra qualidade. E, se inclui sempre o *desejo* de apaziguamento somático, ela não se satisfaz apenas com o *coito*. Ela pretende uma *relação* no sentido mais rico da palavra. Isto significa que o desejo vai em busca de uma relação interpessoal e só encontra sua satisfação num ato em que a alma tem a mesma participação que o corpo. Da libido que se diz ser apenas um desejo, o homem conserva mais que a vontade de gozar sem depender do outro. Ele a projeta no sentido de um encontro interpessoal e é somente nesse contexto que ele encontra sua realização plena na sexualidade, que é verdadeiramente engajamento de dois destinos.

7. *A dimensão do amor*

É por causa dessa dimensão específica da libido humana que o adolescente deverá abrir-se ao amor. A educação sexual autêntica e verdadeira não se limitará pois a informações sexológicas no sentido que nossa época dá a esta expressão. Se quiser situar o adolescente no centro da sexualidade, será antes de tudo uma educação para o amor. Não consistirá pois uma iniciação fragmentada na qual serão lançados a esmo os recursos contra as doenças venéreas, os métodos anticoncepcionais, os "truques do ofício". Só haverá educação sexual na medida em que o jovem que vive sua puberdade for solicitado a abrir-se para o amor. Deverá então compreender que, ao contrário de tudo aquilo que afirma uma sexologia que não passa de mistificação, a felicidade sexual só pode existir quando reina o amor. Em caso contrário, poderá haver sem dúvida vibrações de corpos mas não haverá certamente uma realização sexual. Se a sexualidade for confinada ao universo restrito dos prazeres, ela nunca será completamente satisfeita. O donjuanismo, esta aberração tão comum na nossa sociedade machista, é a melhor prova disso, como bem o explicou Freud. Quando falta a dimensão do amor à sexualidade, ela jamais atinge a sua dimensão propriamente humana, e o homem não chega a conhecer aquela tão preciosa paz do corpo conseguida através da alma.

Educar um adolescente é preparar nele um adulto e ajudá-lo a atingir aquele grau de maturidade em que tudo nele estará perfeitamente integrado em feliz equilíbrio. Se nos colocamos numa perspectiva de educação sexual, devemos manter esta visão integrante que vai preparar a maturidade característica do adulto. É preciso pois colocar-se no âmago do problema e atingir o essencial da caminhada sexual humana. Proporemos pois ao adolescente que se debate em plena puberdade que não se entregue a um comodismo que, afinal, acaba por ser desastroso, mas que se sujeite a uma organização de suas forças instintivas em vista de um futuro em que elas deverão estar a serviço do amor.

Só haverá pois educação sexual quando, longe de castrar o adolescente com proibições desprovidas de razão, o encaminharmos para aquela integridade sexual que operará a síntese de seus ímpetos somáticos e suas esperanças psíquicas. Isto quer dizer que, longe de negar a sexualidade, e sua presença tão perturbadora quando poderosa, o educador provocará no adolescente uma abertura para o amor que preparará sua plenitude, seu equilíbrio, sua maturidade. E é esta a orientação que o jovem espera, deseja, almeja no fundo de sua inquietude; ele é perfeitamente capaz de assimilá-la, de compreendê-la e de vivê-la como um desafio do qual precisa sair vencedor.

8. *O projeto de felicidade*

Ela saberá então reconhecer aí o caminho da Felicidade. Ora, é com ela que ele sonha continuamente, é a ela que sempre antecipa, é em torno dela que gravita toda sua existência em qualquer ponto que esteja. A criança vivia feliz sem se interrogar. A felicidade era para ela, no sentido duplo da palavra, um presente. Era-lhe acessível na hora certa sem que tivesse que planejar antes. O adolescente, porém, em apenas alguns meses em que é arrancado de uma tranqüila pré-puberdade, descobre o tempo. E toma consciência de estar sujeito a ele. O presente perde seu peso próprio para tornar-se vir-a-ser, sua felicidade é também um vir-a-ser. A felicidade não está mais contida na tela única do presente; ela se torna um encaminhamento que faz dela um compromisso constante em relação ao futuro. Assim, como Adler explicou com insistência, ela é vivida como um projeto.

Incluir nesse projeto a realização sexual é evidentemente de suma importância. Em primeiro lugar porque, se não houver realização sexual, haverá na existência daquele que, ao tornar-se homem vive em seu corpo, um vazio que nada poderá preencher, um abismo que ficará sempre aberto, uma ferida que nunca cicatrizará. Em seguida, porque ele é capaz de julgar os fracassos que se acumulam à sua volta, tão numerosos que o conduzem às vezes à tentação do cinismo; tão sérios que aquelas que os sofrem não se recuperam mais; de tal envergadura, que comprometem definitivamente a existência. Um observador atento não tem a menor dúvida: nosso mundo está tão hipersexualizado que a felicidade nele é rara. Vive-se mergulhado em prazeres sem conta mas o que existe é insatisfação e a felicidade sempre foge.

O adolescente está pelas próprias circunstâncias em que se encontra, na encruzilhada do tempo; nos adultos ele vê misturados o passado e o futuro que prepararam; ele está em condições de perceber seus fracassos, de sentir sua infelicidade, de acompanhar sua incapacidade diante da felicidade. Ao mesmo tempo que este espetáculo que não deixa de ser deprimente se repete, ele deseja que isso não aconteça com ele. E continua, apesar de tudo e de todos, a alimentar seu projeto de felicidade. Para consegui-lo, está pronto a pagar qualquer preço, a fazer hoje todos os sacrifícios que se lhe impõem, a renunciar à felicidade que se revela tão brutalmente como origem da infelicidade. Não de infelicidades justapostas e suscetíveis de serem vencidas uma a uma, mas fonte daquela *infelicidade global* que envolve uma existência inteira de maneira irremediável pois que nada resta. Assim se unem no adolescente a integridade da

existência e da felicidade; a integridade da globalidade humana: *soma-espiritual*; a integridade do amor e da sexualidade que, por ser a expressão daquele, não pode dele ser separada. É desenvolvendo pouco a pouco os elementos que permitirão esta felicidade integral à qual aspira de todo o coração que ele caminhará para a plenitude de si. Ele aprenderá então que a serenidade do sexo permite a profundidade do amor e que só este tem garantia de felicidade.

IV — CONCLUSÃO

Na hora de nos perguntarmos o que significa a educação sexual do adolescente em nossos dias, parece-nos indispensável defini-la naquelas perspectivas talvez complexas mas das quais não se pode fugir sob pena de abandonar o jovem a si mesmo e aos outros. É preciso ter uma visão precisa da maneira pela qual o mundo em que vivem os adolescentes encara e propõe a sexualidade. É preciso ainda desenvolver uma consciência firme da puberdade e de seu sentido estratégico. E diante da situação que nasce do confronto entre o mundo contemporâneo e o adolescente de hoje, separar as linhas mestras que sustentam o Equilíbrio que reconhecemos como indispensáveis a qualquer conduta, cujo objeto é a felicidade.

Posto isto, estando os elementos bem destacados, é preciso recusar a omissão que é a tentação de tantos pais e educadores afundados em confusão tal que não conseguem achar o fio da meada. E será necessário então, para realizar a educação sexual, retomar todo o processo de comunicação. Toda educação supõe, com efeito, uma linguagem que é seu instrumento, não exclusivo mas indispensável, sem dúvida. Redefinir a educação sexual tal como se exige nesse momento de nossa civilização, nessa cultura onde nós nos movemos sem ser possível dela escapar, na nossa sociedade que levanta tantos problemas e desenvolve tantas ameaças, consistirá então em *reformular a linguagem sobre a sexualidade*. Nesta, nada há de novo. Ela será sempre aquela onda profunda e forte inerente à própria natureza humana. Porém novos são os problemas que ela apresenta em nossos dias e que certamente se revestem de uma amplitude ignorada em outros tempos. A linguagem necessária à educação sexual deve então ser reformulada com base em sete características que a qualificarão:

1.º — É preciso uma *linguagem nova*. Não se põe um vinho novo em odres velhos. O conselho não poderia ter melhor aplicação. O adolescente de hoje enfrenta situações novas. O presente não é certamente simples reedição do passado. O que serviu para nós não serve para ele. As razões que bastavam para nós não o convencem mais. Os princípios que presidiam nossa evolução já não são válidos, quer porque ele não os aceita, quer porque não os compreende. É preciso pois redescobrir a linguagem necessária à transmissão da secular sabedoria humana. Devem ser criadas palavras novas que ele compreenda sem sorrir e que expressem sua maneira de ver as coisas. Sem uma linguagem nova, não haverá comunicação possível e portanto não haverá educação.

2.º — É preciso uma *linguagem clara*. As palavras novas devem basear-se, é lógico, em conceitos claros e em julgamentos evidentes. A confusão de que falávamos acima como característica de nossa civilização não é apanágio dos

jovens. Ela atinge também numerosos adultos “que não sabem mais o que pensar” e que, por conseguinte, não saberão mais “o que dizer”. Desde a época longínqua da literatura clássica, dizia Boileau que “o que se entende bem se enuncia claramente”. Tem sido sempre assim e é esta uma regra de ouro que se aplica perfeitamente à educação sexual. Se nossos conceitos estão embaralhados, nossa linguagem será confusa. É a clareza do conceito que confere à palavra seu valor e o transmite. É assim evidente que para que nossa linguagem seja clara a ponto de tornar a educação sexual acessível, é preciso que nossos conceitos sobre a sexualidade sejam os mais claros possíveis. Se há confusão por parte dos educadores, maior ainda será a confusão dos adolescentes que ficarão afogados em proposições (sempre no sentido lógico) equívocas. A clareza da linguagem que traduz a clareza dos conceitos é fundamental.

3.º — Esta linguagem nova e clara deverá ser coordenada num *discurso adequado*. É muito antigo o princípio que explica que “tudo o que se recebe é recebido de acordo com aquele que recebe”. Lembramos aqui como educar é comunicar. Ora, toda comunicação se faz ao nível de transmissão que vai da emissão à recepção. Somente um emissor adequado é suscetível de ser compreendido pelo receptor. Se o comprimento das ondas não é o mesmo, a transmissão é prejudicada: o emissor fala no vazio, e o receptor não pode corresponder porque está também no vazio. Em matéria de educação sexual é preciso pois adaptar nossa linguagem de modo que seja audível e possa ser recebida. Haverá portanto emissão efetiva do educador ao adolescente, e este estará disposto a compreender o que se tenta transmitir-lhe.

4.º — Esta linguagem que deve ser *realista*. Quase sempre se ficava perdido no idealismo quando se abordava a questão sexual. Os princípios eram colocados de tal maneira que era impossível confrontá-los com a realidade. O *dever* e o *poder* quase nunca se encontravam, tão grande era o hiato entre o ideal e o real. Ora, as gerações contemporâneas estão habituadas ao realismo. A ele cabe a prioridade a tal ponto que muitas vezes se inverte a ordem antiga e se raciocina do *poder* ao *dever*. Não é hora de se discutir esta questão. Basta constatar o fato que os jovens trazem em si, ao lado da educação geral e pragmática que receberam, uma exigência de realidade. Assim será sempre a partir de fatos que se poderá conduzi-los a compreender os princípios. Uma vez percebida a ligação entre fatos e princípios, eles estarão dispostos a submeter-se aos últimos, cuja validade se baseará na constatação dos primeiros. Só esta linguagem realista terá validade aos seus olhos.

5.º — A linguagem deverá ser igualmente *exigente*. Os adultos têm muitas vezes na hora atual, seja por serem solicitados de todos os lados, seja porque a sexologia de vulgarização se tornou atordoadora, a impressão de que os adolescentes se satisfazem com pouco. Não se ousa apresentar-lhes exigência alguma sob pretexto de que os jovens não se submetem mais a formulação alguma que não tenha origem no seu próprio valor. Entretanto não é assim. Se conseguirmos fazê-lo compreender que o desenvolvimento sexual é condição para uma maturidade necessária, se pudermos levá-los a ver que não há evolução para uma sexualidade sadia se não nos impusermos regras de crescimento, se lhes ensinarmos que a exigência não provém de uma coação gratuita, mas que é imposta pelo vir-a-ser sexual que se deseja equilibrado, eles se convencerão de que certas barreiras (que não são recalques) são indispensáveis para uma se-

xualidade que terá tanto mais vigor quanto mais for canalizada, a exigência não será mais rejeitada por medo de frustração mas será parte integrante de um programa existencial que se abre para a felicidade.

6.º — Eis porque, além disso, é necessário um discurso *firme*. A imprecisão, a confusão, a dúvida são aqui mal recebidas porque traem o marasmo de que sofrem os próprios educadores. Para *ensinar o que é preciso* é indispensável *saber o que é preciso*. Para se convidar para a luta é preciso saber o porquê dessa luta, e não hesitar no momento de propô-la. Vivemos na época da permissividade. *Tudo é permitido*, é o que se pensa e o que se diz. Seria melhor dizer que tudo é possível, mas que nem tudo é permitido. Toda educação sobretudo a sexual que se apresentasse como conivente, que se acomodasse a uma certa cumplicidade estaria destinada ao fracasso. Quando a linguagem permissiva ressoa ao redor do adolescente, ele sente necessidade de ouvir uma linguagem firme que o tire do torpor, que o arranque da mediocridade e o impulsione para fora de si mesmo. A firmeza da linguagem torna-se para ele a afirmação de que acreditamos nele, de que o consideramos capaz daquela auto-afirmação com a qual sonha.

7.º — É preciso enfim que o discurso seja *sereno*. A onda do pansexualismo que varre a nossa sociedade deixa muitas vezes os pais à beira do pânico. Têm eles a impressão de que tudo está perdido e de que tudo o que disserem será em vão. Como, por sua experiência, são eles capazes de antecipar certas situações, de medir algumas conseqüências, eles projetam nos seus propósitos um medo que não conseguem dominar. Porque estão perturbados, sua linguagem também o é. Agitam os espantalhos, lançam gritos de alerta, multiplicam as precauções, profetizam infelicidade. Surgem então aos olhos dos jovens como censores intratáveis. As vias de comunicação ficam assim fechadas, o diálogo se torna impossível e a educação que vive de trocas vê extinguirem-se todos os recursos de que tanto necessita. Torna-se então impraticável. Para que não aconteça isso, a serenidade da linguagem deve criar um clima que não seja de sufocação. Os adolescentes têm confiança no futuro. É preciso ter confiança nos adolescentes principalmente quando se abordar com eles o mistério tão profundo, tão grande e tão belo da sexualidade. E é na medida em que o discurso se desenvolver na serenidade que se estabelecerá a fé recíproca que aproximará pais e filhos.

Na hora de terminar estas considerações tão longas e apesar disso incompletas, quero insistir sobre a necessidade mais estratégica que nunca, de estabelecer uma educação sexual que ajude os adolescentes a encontrar o caminho da felicidade. Esta se tornou objeto raro. É uma razão a mais para que nós nos esforcemos por torná-la possível àqueles que tanto amamos. Para serem felizes, os adolescentes têm uma urgente necessidade de nós. A educação sexual que lhes dermos se revelará, talvez a longo prazo, como a mais bela herança que lhes deixamos. Através dela encontrarão o Amor, e no Amor, a Felicidade.

POR QUE EDUCAÇÃO BÁSICA?

Pedro Demo *

Com veemência sem precedentes, o Ministério da Educação e Cultura, na boca de seu Ministro Ludwig, proclama decisivo engajamento em favor da educação básica. O reconhecimento da importância desta problemática vinha amadurecendo já antes e não se pode deixar de registrar os esforços feitos pelo Ministro anterior, Eduardo Portella, que também concentrara suas atenções nesta faixa de atuação governamental. Tanto foi assim, que o atual Ministro, numa atitude ao mesmo tempo modesta, correta e sábia, manteve a mesma filosofia programática, baseada na mesma interpretação da realidade, emprestando, porém, dimensão muito maior ao ataque da questão, tendo em vista sua posição destacada na conjuntura do poder, capaz de trazer o discurso ao nível de sua realização concreta.

Assim, reconhecendo nosso atraso histórico na matéria, bem como a notória inversão de prioridades, que levou ao crescimento excessivo da educação superior, voltamo-nos agora com certeza técnica e decisão gerencial à educação básica, levando-nos a redescobrir a vocação histórica do Ministério, concentrada na garantia da educação à população total em idade escolar. O Ministério procura reconquistar sua real dimensão política, como berço da cidadania e espaço da democracia, agindo numa esfera marcada pelo direito fundamental de formação e de evolução pessoal e social.

Mesmo batido pela premência das dificuldades econômicas, o Ministério ganhou maior consciência social e cultural, cultivando momentos de salutar autocrítica. Uma burocracia pesada e viciada não se muda tranqüila nem gratuitamente. Há ranger de ossos, mas é inegável a oportunidade histórica de recomposição de seu perfil, a nível *técnico* (forma de compreender e de tratar o problema), *financeiro* (forma de sustentar as soluções propostas, em cima da verdade orçamentária) e *gerencial* (forma de voltar a estrutura administrativa para o atingimento dos fins). Certamente, muitas propostas de enfrentamento e de superação dos problemas dependem menos do Ministério do que do contexto global sócio-econômico e político. Mas é essencial imprimir credibilidade a uma ação sempre sensível ao desgarramento burocrático e à concessão às pressões, começando pela própria casa. Os problemas são maiores que nós, mas emerge cada vez mais a sensação de andarmos um caminho correto, dentro da modéstia que sempre há de se curvar a propostas melhores, se as houver.

* Filósofo. Sociólogo. Escritor. Assessor do Ministro da Educação e Cultura.

1. PERSPECTIVA FUNDAMENTAL

A idéia de voltar o Ministério para a educação básica, ao lado do desenvolvimento cultural, prende-se a algumas premissas e contatações, que passaremos aqui brevemente em revista.

Preferiu-se o termo *educação* ao termo ensino, porque o primeiro é mais abrangente e profundo que o segundo. Educação contém a marca específica da formação da personalidade em sentido autopromocional, enquanto que ensino liga-se tendencialmente ao fenômeno da transmissão de conhecimentos e atitudes. Ao mesmo tempo, educação ressoa necessariamente o chão cultural do educando e reproduz facilmente o ambiente de participação comunitária, enquanto que ensino propende mais a iniciativas manipulativas externas.

A predicação deste nível educacional como sendo “básico” busca caracterizar uma postura ligada a certos parâmetros fundamentais:

a) Num primeiro momento, apanha-se o *compromisso constitucional*, que garante a todos, em idade escolar entre os 7 e 14 anos, acesso à escola. Em momento algum coíbe-se a iniciativa privada, mas cabe ao Estado não permitir que qualquer criança seja privada de educação básica.

b) Num segundo momento, transmite-se na expressão a confirmação de algo que é reconhecido como *direito fundamental*, independentemente de condições econômicas e sociais.

c) Num terceiro momento, diz-se que esta educação é básica, porque deve ser absolutamente *geral*, atingindo a todas as crianças, sem exceção. De um lado, procura-se superar a tendência seletiva do sistema contra os pobres e aí está uma função importante do Estado, ou seja, manter uma rede capaz de evitar que qualquer pessoa deixe de ter sua oportunidade educacional. De outro, incute-se a necessidade de garantir que a quantidade que entra no sistema deve ser a mesma que sai, não se podendo admitir fenômenos como a reprovação e a evasão acima de certos limites. Pessoas ditas reprovadas ou evadidas precisam ser tratadas de modo diferenciado e adequado, bem como os excepcionais negativos e positivos.

d) Num quarto momento, significa a recuperação da *vocação histórica e social do Ministério*, porquanto esta é sua real tarefa, ainda que não a realize diretamente (diretamente compete aos Estados e Municípios). De forma federada e supletiva, deve cuidar que este direito fundamental se realize na quantidade e na qualidade necessárias.

e) Num quinto momento, emerge, no quadro de referência do Ministério, a congruência clara da *diretriz social* e da *diretriz cultural*. Esta educação é básica, porque produz-se na base da comunidade, que é sua identidade cultural. A formação política do cidadão, ao lado da identificação nacional, brota da raiz cultural comunitária, que resguarda esta missão como anseio próprio, necessidade básica, autodesenvolvimento, questão de sobrevivência e de qualidade de vida.

Assim olhada, a educação básica repõe a questão do berço de um povo e a elaboração histórica das condições necessárias do desabrochar da democracia e da participação. Aí fundem-se a preocupação social e a cultural, amal-

gamadas na ambiência política comunitária fundada no desenvolvimento auto-definido, autopromovido e autogerido. Aí também vale dizer: um povo sem educação e sem raízes culturais não saberá conceber sua libertação, ainda que possa ser economicamente rico.

Na educação básica gesta-se o destino das gerações futuras, ao lado da nutrição e da saúde. Se quiséssemos usar a linguagem ultrapassada dos recursos humanos, é nesta fase que se decidem qualidades irrecuperáveis da futura força-de-trabalho. E na linguagem ligada à idéia de comparação entre custos e benefícios, será sempre preferível — no sentido de ser mais barato — termos uma população sadia e treinada, a termos uma massa desqualificada, inconsciente e doente. Todavia, a par desta vantagem, é mister acentuarmos a verdadeira característica da educação básica, comprometida com o processo de auto-realização das pessoas e com a preparação para o exercício das responsabilidades sócio-políticas.

Tradicionalmente, entende-se por educação básica a esfera do 1.^o grau e junta-se a ela imediatamente o compromisso constitucional de garanti-la à população em idade escolar, bem como o caráter de socialmente obrigatória. Na verdade, esta postura foi dilatada consideravelmente, tanto para trás como para frente.

Difícilmente alguém negaria hoje importância ao *pré-escolar*, não somente como preparação para o 1.^o grau, mas também como finalidade em si, na qualidade de realização infantil. Entendido como atuação necessariamente interdisciplinar, reforça-se ainda mais esta última prerrogativa, tanto mais quanto se a percebe como exigência social de primeira ordem. Neste sentido, torna-se uma exigência de promoção da infância, sobretudo a carente, incluindo-se também e necessariamente a família, e aparecendo o componente pedagógico como um entre outros, de natureza previdenciária, preventiva, nutricional, etc. Assim, pode-se colocar no conceito de educação básica certamente o *pré-escolar*.

Por outro lado, à medida do desenvolvimento do país, a profissionalização de 2.^o grau vai tornando-se traço comum da população, já que não se conceberia uma pessoa em idade ativa sem as características necessárias para exercício de uma profissão. O 2.^o grau tende, então, a apresentar-se como um nível geral e desejável de educação, assumindo traços também de um direito fundamental. Sem discutir aqui a problemática da profissionalização e levando em conta a importância do trabalho para a qualidade de vida, a profissionalização acaba impondo-se como necessidade básica.

Sem forçar as coisas, particularmente no Brasil, onde a profissionalização geral é meta longínqua e complexa, a educação básica centra-se no 1.^o grau e forma aí o núcleo central de preocupação política. Não se pode, porém, restringir a educação básica à escola de 1.^o grau, ou ao ensino regular formal. Educação básica significa, entre outras coisas, uma valorização dos componentes educativos fora da escola e, apesar da escola, elaborados na comunidade. Quer dizer um quadro de traços educativos que toda pessoa deve construir, independentemente de espaço e tempo. Neste sentido, pode-se mesmo dizer que o supletivo, tendo em vista dedicar-se a toda aquela população evadida da escola regular ou que nela não conseguiu entrar, é a forma mais importante de educação básica, enquanto não tivermos a generalização do 1.^o grau regular na entrada e na saída do sistema. Quer dizer igualmente um cabedal de

informações fundamentais que toda pessoa precisa dominar para circunscrever seu raio de ação e o comando de seu processo de socialização. Quer sobretudo dizer a construção de condições propícias à participação no desenvolvimento como sujeito do processo.

Mesmo no 2.º grau, onde se privilegia o aspecto profissionalizante, também porque a pessoa vai entrando no mercado de trabalho, o ponto de vista da educação é sempre muito mais *formação* do que *treinamento*: Nesta postura, a idéia de educação básica não está presa a determinado tempo da vida. A obrigatoriedade escolar dos 7 aos 14 anos é apenas um recurso administrativo, e a tendência natural será de alargar este lapso, à medida que o mundo se complexifica e as pessoas necessitam de períodos maiores de formação.

Percebe-se que esta ótica une-se à concepção de educação permanente ou continuada, de estilo geralmente não-formal, para poder ser mais versátil, realista, cultural, e menos estereotipada, pré-concebida e rígida. Num país em que o 1.º grau regular manifesta desempenho baixo, não é difícil notar que a clientela principal está fora das paredes da sala de aulas e fora da idade prevista. Isto demanda extrema criatividade, capaz de atender diferenças geracionais, regionais e sociais de profundidade desconcertante. De um lado, sobressaem os problemas daqueles grupos que ainda precisam alfabetizar-se, seja porque nunca foram à escola, seja porque a freqüentaram muito pouco, seja porque, de modo geral, regrediram ao analfabetismo. De outro, apontam os problemas daquela massa expelida da escola e que precisa de outra oportunidade, sobretudo ao nível de reconstrução do 1.º grau. Ademais, não pode ser esquecida a necessidade geral de formação, sentida por quem quer que seja, traduzida às vezes em treinamento rápido para alguma habilidade desejada, e outras vezes na busca de informações ou de revisão do que se aprendeu.

A sensibilidade social e cultural do Ministério será a fonte desta criatividade. Será também o parâmetro da autocrítica, capaz de evitar pedagogismos ingênuos que superestimam nossas forças e subestimam a gravidade dos problemas, bem como de evitar a dispersão generalista e a presunção de soluções definitivas. Muitas vezes a merenda pode ser o mais importante. A adequação curricular à cultura comunitária será sempre uma estratégia fundamental. Mais que modelos técnicos, é necessária a vivência local, para que se possa sentir como indispensável à sobrevivência e à rotina do dia-a-dia aquilo que se aprende. Não se traz a comunidade para dentro da escola. Pelo contrário, a escola é simplesmente expressão comunitária.

Todavia, este cheiro de terra, que sobretudo o compromisso cultural acalenta, não pode desandar em regionalismo, em particularismo e em provincianismo, o que já seria uma postura anacrônica, saudosista e alienada dos parâmetros da evolução social atual. Há componentes comuns, há a identidade nacional e há sobretudo a invasão cultural dos centros maiores. Mais que mal-dizer, é preciso com eles conviver e apesar deles sobreviver.

Assim, educação básica significa a busca de um meio termo entre a valorização cultural excessiva e saudosista, que já seria conformismo, e a submissão mimetista a parâmetros de crescimento técnico, que já seria "progressismo". Expressa, de forma nítida, a grande missão do Ministério, cuja relevância transparece não apenas no conteúdo, mas igualmente na abrangência populacional e territorial. É importante acentuar que o caráter supletivo da ação do Minis-

tério face aos Estados e Municípios não conflita com a relevância da tarefa. Pelo contrário, sua concepção descentralizada é simplesmente uma decorrência da concepção que lhe está na base: toda ação que não for fundada na participação e no aconchego da cultura comunitária não é educativa.

Enfim, a importância da educação básica não resulta apenas de posições teóricas, mas sobretudo da prática. O Ministério tem consciência viva da realidade dura que o cerca. Assim, o próprio reconhecimento desta precariedade nacional, que não condiz com a posição de país menos atrasado entre os subdesenvolvidos, levou-nos a emprestar à educação básica toda a força de prioridade que lhe convém.

2. TRAÇOS DE UMA REALIDADE DURA

Procuraremos percorrer alguns dados (as tabelas aparecem em anexo), para mostrar, dentro das restrições normais de tais procedimentos estatísticos, certos traços mais característicos da realidade educativa do país. O debate atual em torno da educação básica já os colocou à luz inúmeras vezes, não se tornando necessárias maiores elucubrações. Fazemos aqui somente um breve esforço de apresentação sumária, para reafirmar, sobre algumas pungências de nossa realidade, o acerto do ataque maciço que se quer levar adiante no Ministério a esta esfera de ação governamental.

A Tabela 1 em suas 4 variações (Brasil, Nordeste, Sul e São Paulo) mostra um dos traços ainda preocupantes de nossa população acima de 10 anos de idade, que é o alto índice de *analfabetismo*. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) emprega um conceito mais rigoroso de alfabetização, incluindo entre os alfabetizados somente as pessoas que realmente demonstram saber ler e escrever, o que na verdade é correto. Assim, para o Brasil, em 1979, entre as pessoas de 10 anos e mais, 24.3% não tinham instrução ou tinham menos de 1 ano de estudo, descendo esta percentagem para 15.9% na zona urbana e elevando-se para 42.6% na zona rural. No Nordeste, para o total 44.2% estavam nesta situação, subindo a 60.7% na zona rural, o que revela uma situação de precariedade extrema. Já o Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) mostrava um panorama bem melhor (15.7% de pessoas acima de 10 anos sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo), encontrando-se em São Paulo uma posição ainda mais satisfatória: somente 13.8% estavam nessa situação. O problema é sempre muito mais grave na zona rural, como é de se esperar, e isto sucede também em regiões mais desenvolvidas: o Sul tinha 21.2% de analfabetos e São Paulo 27.6%. O caso de São Paulo é menos grave, porque a população rural acima de 10 anos perfaz somente 11.1% do total, enquanto que no Sul chegava a 44.7% e no Nordeste a praticamente metade.

O limite de 10 anos normalmente coincidiria com a 4.^a série atual ou com o antigo primário, e isto reflete-se de algum modo na tabela. Para o Brasil, as pessoas acima de 10 anos e com 4 anos de estudo adensam uma cifra de 17.7%; no Sul chega a 21.8% e em São Paulo a 24.9%; no Nordeste, porém, também esta cifra é pequena: 9.4%. No caso ideal, parte expressiva da população acima de 10 anos deveria aglomerar-se no patamar dos 4 anos de estudo.

TABELA 1.1 – Brasil: instrução das pessoas de 10 anos e mais (%).

<i>Anos de Estudo</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
TOTAL	84.393.343 (100)	58.049.772 (68.8)	26.343.571 (31.2)
Sem instrução e menos de 1 ano	24.3	15.9	42.6
1 ano	6.8	5.6	9.3
2 anos	9.4	8.4	11.7
3 anos	11.4	10.9	12.5
4 anos	17.7	19.0	14.7
5 anos	6.9	8.4	3.8
6 anos	3.5	4.5	1.4
7 anos	3.2	4.2	1.4
8 anos	5.2	6.9	1.3
9-11 anos	7.7	10.6	1.3
12 e mais	3.6	5.1	0.0
outro	0.3	0.5	0.0

FONTE: PNAD – 79

TABELA 1.2 – Nordeste: instrução das pessoas de 10 anos e mais (%).

<i>Anos de Estudo</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
TOTAL	24.408.511 (100)	12.250.207 (50.2)	12.158.304 (49.8)
Sem instrução e menos de 1 ano	44.2	27.8	60.7
1 ano	9.3	8.0	10.6
2 anos	10.0	9.3	10.6
3 anos	9.1	10.3	8.0
4 anos	9.4	12.8	6.0
5 anos	5.0	8.0	1.9
6 anos	2.1	3.7	0.6
7 anos	1.9	3.3	0.4
8 anos	2.5	4.4	0.5
9-11 anos	4.8	9.0	0.6
12 e mais	1.5	2.9	0.0
outro	0.2	0.5	0.1

FONTE: PNAD – 79

TABELA 1.3 — Sul: instrução das pessoas de 10 anos e mais (%).

<i>Anos de Estudo</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
TOTAL	16.555.248 (100)	9.160.458 (55.3)	7.394.790 (44.7)
Sem instrução e menos de 1 ano	15.7	11.2	21.2
1 ano	5.6	4.0	7.7
2 anos	9.3	7.4	11.7
3 anos	13.6	11.3	16.5
4 anos	21.8	18.3	26.2
5 anos	10.0	11.9	7.7
6 anos	4.0	5.3	2.4
7 anos	3.5	5.0	1.8
8 anos	5.4	8.7	2.4
9-11 anos	6.9	11.0	1.8
12 e mais	3.4	5.7	0.5
outro	0.3	0.2	0.6

FONTE: PNAD — 79

TABELA 1.4 — SP: instrução das pessoas de 10 anos e mais (%).

<i>Anos de Estudo</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
TOTAL	18.302.242 (100)	16.273.320 (88.9)	2.032.922 (11.1)
Sem instrução e menos de 1 ano	13.8	12.0	27.6
1 ano	5.7	5.2	9.2
2 anos	8.7	8.1	13.2
3 anos	11.6	10.7	19.0
4 anos	24.9	25.6	19.6
5 anos	4.8	5.1	3.0
6 anos	4.4	4.7	2.0
7 anos	4.1	4.4	1.6
8 anos	6.6	7.2	2.0
9-11 anos	9.7	10.6	2.2
12 e mais	5.6	6.2	0.6
outro	0.1	0.2	0.0

FONTE: PNAD — 79

O fato de isto não acontecer revela o atraso histórico de nossas estruturas fundamentais de ensino. Ao mesmo tempo, impressionam as cifras relativas pequenas das pessoas acima de 10 anos com 9 a 11 anos de estudo, coincidindo mais ou menos com o 2.^o grau.

A Tabela 2 refere-se à população economicamente ativa (PEA), com mais de 10 anos de idade, e repete o mesmo perfil anterior, com algumas pequenas variações. No caso do Nordeste, que apresentava uma PEA de 54.7% na zona rural, a cifra de 62.9% de pessoas sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo torna-se ainda mais grave. Ao mesmo tempo, a situação de São Paulo é bastante positiva: apenas 10.3% de pessoas encontravam-se nessa situação.

A Tabela 3 apresenta outros limites de idade. Entre 7 e 14 anos, considerando ser período de escolarização obrigatória, é muito alta a cifra de quase 30% de analfabetos para o Brasil em 1979 (ou seja, 70.26% de população alfabetizada). No Nordeste, a população alfabetizada chegava a somente 52.77%, enquanto que no Sul e em São Paulo ultrapassava os 80%, atingindo em São Paulo a praticamente 90%.

TABELA 2.1 — Brasil: PEA 10 anos e mais e instrução (%).

<i>Anos de Estudo</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
TOTAL	45.411.550 (100)	29.859.466 (65.8)	15.552.084 (34.2)
Sem instrução e menos de 1 ano	22.9	13.0	42.0
1 e 2 anos	14.0	11.1	19.6
3 e 4 anos	29.5	29.6	29.3
5 a 8 anos	18.6	24.4	7.4
9 e mais	14.6	21.3	1.7
outro	0.4	0.6	0.0

FONTE: PNAD — 79

TABELA 2.2 — Nordeste: PEA 10 anos e mais e instrução (%).

<i>Anos de Estudo</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
TOTAL	12.904.356 (100)	5.840.963 (45.3)	7.063.393 (54.7)
Sem instrução e menos de 1 ano	46.7	27.0	62.9
1 e 2 anos	17.8	14.7	20.4
3 e 4 anos	17.4	22.3	13.3
5-8 anos	9.8	18.4	2.6
9 e mais	8.0	16.8	0.7
outro	0.3	1.0	0.1

FONTE: PNAD — 79

TABELA 2.3 - Sul: PEA 10 anos e mais e instrução (%).

<i>Anos de Estudo</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
TOTAL	9.813.390 (100)	4.945.805 (50.4)	4.867.585 (49.6)
Sem instrução e menos de 1 ano	13.6	8.4	18.7
1 e 2 anos	13.3	9.0	17.8
3 e 4 anos	37.3	28.5	46.3
5 e 8 anos	23.2	31.7	14.7
9 e mais	12.3	22.0	2.5
outro	0.3	0.4	0.0

FONTE: PNAD - 79

TABELA 2.4 - SP: PEA 10 anos e mais e instrução (%).

<i>Anos de Estudo</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
TOTAL	10.134.953 (100)	8.963.358 (88.4)	1.171.595 (11.6)
Sem instrução e menos de 1 ano	10.3	8.5	24.1
1 e 2 anos	12.0	10.8	21.3
3 e 4 anos	36.7	35.8	43.3
5 e 8 anos	20.6	22.3	8.1
5 e mais	20.0	22.2	3.1
outro	0.4	0.4	0.1

FONTE: PNAD - 79

TABELA 3 - População alfabetizada de 7-14 anos e acima de 15 anos.

<i>Regiões</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>Rural</i>
Brasil 7 - 14	70.26%	80.63%	43.44%
+ 15	76.91%	84.82%	42.22%
NE 7 - 14	52.77%	64.63%	31.08%
+ 15	57.18%	71.99%	41.67%
Sul 7 - 14	83.67%	88.65%	79.08%
+ 15	84.63%	89.17%	78.72%
SP 7 - 14	89.60%	90.78%	83.15%
+ 15	87.21%	89.00%	72.02%

FONTE: PNAD - 79

Passando para a população acima de 15 anos e que, em tese, deveria estar toda alfabetizada, os números são muito precários ainda. Para o Brasil, não atingíamos os 80% de alfabetização, para o Nordeste não chegávamos aos 60%, e mesmo no Sul e em São Paulo ficávamos somente em torno dos 85%.

A Tabela 4 relaciona anos de estudo com o perfil de rendimentos mensais das pessoas ocupadas, ressaltando um fato comum: a falta de instrução anda geralmente junta com os salários mais baixos. Assim, para o Brasil, entre as pessoas sem instrução e com menos de 1 ano de estudo, mais de 70% obtinham rendimentos mensais de até 2 salários mínimos, sem contar com 18% sem rendimentos. No outro extremo, entre as pessoas com mais de 12 anos de estudo, coincidindo mais ou menos com formação superior, mais de 60% obtinham acima de 5 salários mínimos mensais. Em São Paulo, quase 70% das pessoas ocupadas com mais de 12 anos de estudo ganhavam acima de 5 salários mínimos mensais.

Este tipo de tabela lança sempre uma polêmica, porque a muitos ocorre logo a idéia de que a educação seria a causa dos níveis de rendimento. Na verdade isto é uma simplificação excessiva, porque a boa educação é muito mais resultado de uma boa renda do que o contrário. Não resta dúvida que o acesso à educação elevada condiciona maiores salários, mas, se levarmos em conta que, de modo geral, somente as pessoas de renda mais elevada conseguem educação mais elevada, a educação acaba sendo muito mais um retrato da concentração da renda, do que fator de redistribuição.

A Tabela 5 tenta reconstruir o rendimento do 1.º grau através de algumas séries históricas. Em que pese a precariedade dos dados e a precariedade das conseqüentes estimações, nota-se com clareza premente o rendimento ainda baixo, embora a situação tenha melhorado no decorrer dos tempos. Na década de 60 o rendimento aproximava-se aos 10% de sobrevivência na 8.ª série do 1.º grau, passando a quase 20% na década de 70. Para a coorte de 1972 a 1979, teríamos uma sobrevivência de 18.4% na 8.ª série.

Impressiona também que já na 2.ª série mais da metade dos alunos não sobrevive, o que leva a crer ser a 1.ª série um gargalo difícil, provocando forte incidência de reprovação, de evasão, ou de retenção, misturando-se a isto tudo carências nutricionais e a falta da fase preparatória do pré-escolar. A partir mesmo deste dado, percebe-se que a clientela do supletivo é a mais importante, não só pelos problemas sociais nela implicados, mas até pela quantidade numérica.

A Tabela 6 revida praticamente os mesmos dados, perfilando ainda o 2.º e o 3.º graus. Nota-se que há alguma evolução, mas a situação é muito precária. Se tomarmos o período 1968/1979, a título de exemplo, de 1.000 alunos que iniciaram a 1.ª série do 1.º grau, somente 172 chegaram à oitava série, e por volta de 100 ao fim do 2.º grau. Aparece também que em anos mais recentes a sobrevivência à 1.ª série do 1.º grau já supera os 50%, mas continuamos ainda com um padrão muito inaceitável de rendimento, significando tudo isto, ademais, desperdício de recursos, já que o investimento feito em pessoas que logo se evadem acaba se perdendo em muitos casos.

TABELA 4.1 — Brasil: pessoas ocupadas e instrução (anos de estudo) (%).

<i>Rendimento Mensal Salários Mínimos (SM)</i>	<i>Total</i>	<i>Sem Instr. e menos de 1 ano</i>	<i>1 e 2 anos</i>	<i>3 e 4 anos</i>	<i>5 a 8 anos</i>	<i>9 a 11 anos</i>	<i>12 e mais</i>	<i>Outro</i>
TOTAL	44.164.360 (100)	10.270.279 (23.3)	6.208.618 (14.1)	12.998.172 (29.4)	8.048.943 (18.2)	4.069.015 (9.2)	2.389.149 (5.4)	180.184 (0.4)
até 1/2 SM	11.6	21.0	15.0	10.2	7.5	2.4	0.4	8.0
+ 1/2 a 1 SM	19.3	28.6	22.6	18.0	17.1	9.6	1.9	21.6
+ 1 a 2 SM	25.6	23.1	27.6	28.3	28.9	24.5	7.4	27.9
+ 2 a 3 SM	10.8	5.0	9.4	12.6	13.8	16.5	9.3	16.2
+ 3 a 5 SM	9.7	2.4	5.8	10.2	13.7	19.7	18.3	12.3
+ 5 a 10 SM	6.7	0.9	2.0	5.5	8.7	16.5	26.8	10.4
+ 10 SM	3.8	0.2	0.6	1.6	3.1	8.4	34.7	1.8
Sem rendimento	12.1	18.3	16.7	13.4	6.9	2.3	0.7	1.8
Outro	0.4	0.4	0.3	0.2	0.3	0.1	0.5	0.0

FONTE: PNAD — 79

TABELA 4.2 — Nordeste: pessoas ocupadas e instrução (anos de estudo) (%).

<i>Rendimento Mensal Salários Mínimos (SM)</i>	<i>Total</i>	<i>Sem Instr. e menos de 1 ano</i>	<i>1 e 2 anos</i>	<i>3 e 4 anos</i>	<i>5 a 8 anos</i>	<i>9 a 11 anos</i>	<i>12 e mais</i>	<i>Outro</i>
TOTAL	12.593.761 (100)	5.950.338 (47.2)	2.252.018 (17.9)	2.162.966 (17.2)	1.187.143 (9.4)	716.946 (5.7)	279.012 (2.2)	45.338 (0.4)
até 1/2 SM	21.6	25.8	22.0	21.5	15.4	5.5	0.8	17.6
+ 1/2 a 1 SM	26.5	29.7	25.7	25.3	24.9	16.5	4.3	32.6
+ 1 a 2 SM	19.9	16.5	20.5	23.6	24.9	30.4	12.0	25.3
+ 2 a 3 SM	5.9	2.8	5.4	8.2	11.3	14.2	10.9	9.1
+ 3 a 5 SM	4.2	1.2	2.7	5.1	9.7	15.5	18.5	7.6
+ 5 a 10 SM	2.4	0.4	0.9	2.3	5.6	9.8	24.3	3.5
+ 10 SM	1.4	0.1	0.2	0.6	1.9	6.3	28.6	2.1
Sem rendimento	17.9	23.2	22.3	13.2	6.2	1.7	0.6	2.2
Outro	0.2	0.3	0.3	0.2	0.1	0.1	—	—

FONTE: PNAD — 79

TABELA 4.3 — Sul: pessoas ocupadas e instrução (anos de estudo) (%).

<i>Rendimento Mensal Salários Mínimos (SM)</i>	<i>Total</i>	<i>Sem Instr. e menos de 1 ano</i>	<i>1 e 2 anos</i>	<i>3 e 4 anos</i>	<i>5 a 8 anos</i>	<i>9 a 11 anos</i>	<i>12 e mais</i>	<i>Outro</i>
TOTAL	9.590.728 (100)	1.316.825 (13.7)	1.284.233 (13.4)	3.592.114 (37.5)	2.194.107 (22.9)	740.706 (7.7)	442.725 (4.6)	200.28 (0.2)
até 1/2 SM	8.5	14.8	10.7	8.3	7.3	2.7	0.8	5.1
+ 1/2 a 1 SM	16.8	26.5	20.4	15.4	15.8	11.5	2.4	22.6
+ 1 a 2 SM	25.3	25.2	25.2	25.2	27.7	27.7	11.6	20.8
+ 2 a 3 SM	10.4	6.2	8.0	10.0	12.9	16.2	11.8	25.1
+ 3 a 5 SM	8.4	2.8	4.2	6.7	11.6	17.6	20.2	8.8
+ 5 a 10 SM	5.2	1.1	1.7	3.4	5.8	13.1	25.2	14.2
+ 10 SM	2.9	0.4	0.6	0.9	2.9	6.7	27.4	—
Sem rendimento	22.1	22.3	28.8	29.9	15.8	4.3	0.6	3.4
Outro	0.4	0.7	0.4	0.2	0.2	0.2	0.0	—

FONTE: PNAD — 79

TABELA 4.4 — SP: pessoas ocupadas e instrução (anos de estudo) (%).

<i>Rendimento Mensal Salários Mínimos (SM)</i>	<i>Total</i>	<i>Sem Instr. e menos de 1 ano</i>	<i>1 e 2 anos</i>	<i>3 e 4 anos</i>	<i>5 a 8 anos</i>	<i>9 a 11 anos</i>	<i>12 e mais</i>	<i>Outro</i>
TOTAL	9.820.294 (100)	1.020.318 (10.4)	1.181.162 (12.0)	3.606.342 (36.7)	1.997.254 (20.3)	1.156.248 (11.8)	825.493 (8.4)	33.482 (0.4)
até 1/2 SM	4.4	9.1	6.9	4.6	4.3	0.7	0.3	1.0
+ 1/2 a 1 SM	11.9	21.5	16.1	12.2	13.3	3.5	1.2	3.7
+ 1 a 2 SM	29.8	43.3	38.1	31.2	32.3	18.4	4.2	28.8
+ 2 a 3 SM	15.3	11.8	17.0	17.5	13.9	17.1	7.7	25.6
+ 3 a 5 SM	16.3	7.3	12.7	17.2	16.0	24.0	18.3	17.6
+ 5 a 10 SM	12.1	2.6	3.9	10.2	12.5	21.4	29.8	18.7
+ 10 SM	6.7	0.8	1.1	2.8	4.2	12.1	47.4	1.8
Sem rendimento	3.3	3.4	3.5	4.0	3.3	2.4	0.7	2.8
Outro	0.2	0.2	0.7	0.3	0.2	0.4	0.4	—

FONTE: PNAD — 79

TABELA 5 — Brasil: rendimento do 1.º grau.

Períodos Teóricos de cada coorte (1)	Índices de sobrevivência escolar ao longo das séries do Primeiro Grau (2)							
	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	5.ª Série	6.ª Série	7.ª Série	8.ª Série
1944/51	100,0	41,9	29,1	17,0	7,9	5,9	4,9	5,0
1948/55	100,0	39,1	27,3	16,1	7,7	6,2	5,1	4,2
1952/59	100,0	38,5	27,7	17,2	9,3	7,4	5,9	4,8
1956/63	100,0	40,7	30,2	20,7	10,1	8,4	7,0	6,0
1960/67	100,0	42,8	32,6	23,2	14,4	11,2	9,7	8,8
1964/71	100,0	40,1	32,9	24,1	18,0	14,4	12,3	10,7
1968/75	100,0	45,6	36,8	30,4	29,0	22,0	20,1	17,2
(°) 1972/79	100,0	46,0	36,1	32,1	30,4	23,2	21,1	18,4
(°) 1976/83	100,0	47,0	40,1	35,2	35,1	26,7	24,4	21,3

FONTE: SEEC/MEC — Sinopses estatísticas do Primeiro Grau — DEISO — IBGE.

NOTAS: (1) A coorte de matriculados em cada período e operacionalmente definida como a população matriculada na 1.ª série do ano T1 e na 2.ª a 8.ª séries nos anos T2 ... T8, independentemente da matrícula de alunos reingressos e repetentes.

(2) No período anterior a 1971 as oito séries do 1.º Grau correspondiam respectivamente às quatro séries do ensino primário e às quatro séries do ensino Ginásial.

(°) Dados estimados.

TABELA 6 — Brasil: educação do fluxo escolar.

Evolução do fluxo escolar (Retenção/Evasão) no sistema de ensino, nos períodos de 1942/53 a 1978/1989 — Números relativos												
Período Escolar	Matriculados no Início do Ano											Ingresso no 3.o Grau
	1.º Grau								2.º Grau			
	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	5.ª Série	6.ª Série	7.ª Série	8.ª Série	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	
1942/1953	1.000	404	274	155	71	54	44	35	34	27	20	10
1943/1954	1.000	417	284	159	80	58	47	39	39	29	22	10
1944/1955	1.000	419	291	170	79	59	49	40	39	30	23	10
1945/1956	1.000	412	292	169	78	60	51	41	41	32	23	10
1946/1957	1.000	414	288	170	81	63	52	42	42	32	23	10
1947/1958	1.000	416	286	172	81	64	53	43	43	32	27	10
1948/1959	1.000	391	273	161	77	62	51	42	42	31	26	10
1949/1960	1.000	397	276	161	84	67	54	44	43	32	27	10
1950/1961	1.000	385	267	160	87	70	55	45	44	32	26	10
1951/1962	1.000	383	268	166	89	75	56	48	44	31	27	11
1952/1963	1.000	385	277	172	93	74	59	48	45	35	30	13
1953/1964	1.000	401	289	180	98	79	62	49	50	37	34	16
1954/1965	1.000	395	282	181	101	80	63	52	51	41	35	15
1955/1966	1.000	398	288	187	101	79	64	55	58	43	39	15
1956/1967	1.000	407	302	207	101	84	70	61	60	48	42	20
1957/1968	1.000	415	316	207	103	89	75	74	65	53	47	23
1958/1969	1.000	429	317	207	113	95	72	69	73	58	52	28
1959/1970	1.000	430	317	217	135	100	86	77	82	65	58	36
1960/1971	1.000	428	326	232	144	112	97	86	91	73	63	48
1961/1972	1.000	446	328	239	152	124	108	91	95	74	64	57
1962/1973	1.000	443	351	229	161	129	109	97	101	79	69	62
1963/1974	1.000	449	318	245	165	133	115	101	107	87	75	70 (1)
1964/1975	1.000	401	324	241	180	144	123	107	113	91	80	52
1965/1976	1.000	449	359	274	205	108	141	130	129	106	89	56

(continua)

TABELA 6 — Brasil: educação do fluxo escolar (continuação).

Evolução do fluxo escolar (Retenção/Evasão) no sistema de ensino, nos períodos de 1942/53 a 1978/1989 — Números relativos												
Período Escolar	Matriculados no Início do Ano											Ingresso no 3.º Grau
	1.º Grau								2.º Grau			
	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	5.ª Série	6.ª Série	7.ª Série	8.ª Série	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	
1966/1977	1.000	446	369	282	223	179	167	132	139	111	93	57
1967/1978	1.000	454	367	294	234	210	176	101	164	127	106	57
1968/1979	1.000	456	368	307	290	220	201	172	176	134	96 (4)	59 (2)
1969/1980	1.000	490	397	333	295	251	217	177	186	124 (4)	—	—
1970/1981	1.000	519	413	350	316	257	216	172	170 (4)	—	—	—
1971/1982	1.000	526	413	349	317	252	203	162 (3)	—	—	—	—
1972/1983	1.000	563	408	343	312	246	196 (3)	—	—	—	—	—
1973/1984	1.000	509	408	336	306	236 (3)	—	—	—	—	—	—
1974/1985	1.000	547	435	366	325 (3)	—	—	—	—	—	—	—
1975/1986	1.000	537	448	335 (3)	—	—	—	—	—	—	—	—
1976/1987	1.000	560	409 (3)	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1977/1988	1.000	463 (3)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1978/1989	1.000	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

FONTES: SEEC/MEC/CODEAC/SESU/MEC — Ingresso no 3.º grau — 1975/1979

NOTAS: (1) Dado estimado

(2) Dado estimado para o 2.º semestre

(3) Exclusive o Estado de Minas Gerais. No Estado do Piauí, consideram-se os dados publicados pelo Estado.

(4) Exclusive o Estado de Minas Gerais e a rede federal do Estado de São Paulo.

Tomando sob foco um Estado (Minas Gerais), é possível notar diferenças significativas, conforme se trate da rede estadual, municipal ou particular. No período de 1972 a 1979, referente à rede estadual, percebe-se um rendimento muito baixo na 8.^a série, de mais ou menos 14%. Na rede municipal não chegava a 4%, o que é espantoso para um Estado que, embora possuindo regiões muito pobres, é no todo um dos mais fortes do país. Na rede particular aparecem dados à primeira vista estranhos: da 1.^a até à 4.^a série existe uma mortalidade estatística perceptível, embora não tão grande comparativamente, mas é um fenômeno que merece pesquisa a indicação de que, a partir da 5.^a série, o índice salta para mais de 700%, descendo para mais de 400% na 8.^a série. Sem montar especulações para explicar este perfil, talvez se pudesse aventar a hipótese de que parte da evasão da rede pública é recebida em colégios particulares, podendo significar tal evasão a busca de melhores níveis de ensino.

A Tabela 8 busca percorrer as regiões do país e relaciona os alunos matriculados na 1.^a série do 1.^o grau de 1970 com os alunos matriculados na 8.^a série em 1977. No Norte, somente 11.84% matricularam-se na 8.^a série, no Nordeste 8.41%, no Sudeste 25.20%, no Sul 18.95%, no Centro-Oeste 15.47%, perfazendo a média para o Brasil de 17.23%. Todos estes índices são muito baixos, mesmo no Sudeste, onde apenas 1 aluno entre 4 chegaria a matricular-se na 8.^a série. Com isto mostra-se igualmente que se perdem, na caminhada do 1.^o grau, mais de 80% dos alunos, que, somados àqueles que não chegam a entrar no 1.^o grau, acumulam a clientela do supletivo.

Tomando a ótica dos Estados, aparecem grandes diferenças entre eles, como é sabido. A Tabela 9 relaciona a 1.^a série do 1.^o grau de 1977 com a 4.^a série de 1980, do ponto de vista da matrícula. Para o Brasil urbano a sobrevivência era de apenas 55%, não se atingindo em Estados mais expressivos (como São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) a sequer 70%, sem falar em vários Estados que apresentavam índices por volta de 40% apenas. Para o total, o Brasil acusava um índice de eficiência na 4.^a série de apenas 35%, havendo somente quatro Estados (São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro) que ultrapassavam os 50%, sem falar do Distrito Federal (66%), por ser uma situação *sui generis*. Alguns retratavam índices inferiores aos 20%, como seria o caso da Bahia (18%), da Paraíba (17%), do Piauí (9%), do Maranhão (20%).

Relacionando a 1.^a série do 1.^o grau com a 8.^a série dos anos 1973 e 1980 com respeito à matrícula (Tabela 10), o índice de eficiência para o Brasil urbano era de 35%, chegando a 70% em Santa Catarina (zona urbana) e a 60% no Distrito Federal. Esta variação mostra que os dados não são muito confiáveis, mas, de qualquer forma, são capazes de retratar a precariedade de uma realidade já cercada por inúmeros outros dados. Para o total (zonas urbana e rural), o Brasil registrava um índice de eficiência de somente 18%, colocando-se acima dos 20% apenas Rio Grande do Sul (23%), Santa Catarina (29%), São Paulo (43%), Rio de Janeiro (31%), sem falar em situações *sui generis* do Distrito Federal e de alguns Territórios. Vários Estados teriam índices abaixo dos 10%: Bahia (8%), Sergipe (4%), Alagoas (6%), Paraíba (6%), Ceará (9%), Piauí (4%), Maranhão (6%).

TABELA 7 — Minas Gerais: fluxo escolar.

Ensino de 1.º Grau
Fluxo da Matrícula de 30/04 de 1.ª a 8.ª Séries
 1972/79
Redes Estadual, Municipal e Particular

SÉRIE DE ENSINO REDE	A N O							
	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
	1.ª Série	2.ª Série	3.ª Série	4.ª Série	5.ª Série	6.ª Série	7.ª Série	8.ª Série
Estadual	535.378 100%	306.258 57,20%	265.973 49,68%	220.736 41,23%	155.750 29,09%	114.371 21,36%	93.267 17,42%	74.611 13,96%
Municipal	315.438 100%	123.869 39,26%	79.421 25,47%	32.957 30,44%	21.731 6,89%	16.784 5,32%	13.355 4,23%	10.627 3,36%
Particular	14.088 100%	11.709 83,11%	8.726 61,94%	9.559 67,85%	99.197 704,12%	89.919 638,26%	72.613 515,42%	56.639 416,20%

FORTE:

Dados brutos: CEDINE/SEL/SEEC-ME

Dados projetados: PLANED/APC

TABELA 8 — Índice de sobrevivência escolar — Entre 1.^a e 8.^a série do 1.^o grau, Brasil 1970-1977.

REGIÃO		1970		1977
		<i>Alunos matriculados 1.^a Série</i>	<i>Alunos matriculados 8.^a Série</i>	<i>Alunos que não atingiram 8.^a Série</i>
Norte	Total	287.678	31.700	235.978
	%	100	11,84	88,16
Nordeste	Total	1.919.531	161.467	1.785.064
	%	100	8,41	91,59
Sudeste	Total	2.177.128	548.650	1.628.478
	%	100	25,20	74,80
Sul	Total	1.028.008	194.868	838.140
	%	100	18,95	81,05
Centro-Oeste	Total	401.208	62.082	339.126
	%	100	15,47	84,53
Brasil	Total	5.793.553	998.767	4.794.786
	%	100	17,23	82,77

Mesmo no 2.^o grau o rendimento é baixo, ficando em torno dos 60% para o Brasil. A crer em tais dados e por mais que se dê o devido desconto por conta das conhecidas debilidades estatísticas, o fenômeno preocupa extremamente e nos leva a perguntar o que levaria a um aluno a entrar no 2.^o grau e a abandoná-lo antes de o concluir. Talvez seja a necessidade de antecipar a entrada no mercado de trabalho; talvez seja a dificuldade de conciliar trabalho com estudo; talvez seja o baixo nível dos estudos e a decepção frente a uma linha profissionalizante já saturada no mercado. Em todos os casos, está aí um problema de grande profundidade.

Para terminar esta sucinta exposição de alguns dados, vale a pena recordar a distorção conhecida provocada pelo excessivo crescimento da educação superior. As matrículas do antigo primário cresceram entre 1960 e 1975 apenas 116.0%, as do antigo ginásio 431.0%, as do 2.^o grau 585.0%, e as do 3.^o grau 920.0%. As instituições privadas fizeram decrescer sua participação no 1.^o e no 2.^o graus, compensando com participação crescente no 3.^o grau. Este incremento gigantesco da educação superior, que acarretou também uma aplicação crescente de recursos, levou a caracterizar o fenômeno de um prédio sem base suficiente, às voltas com excesso de bacharéis e de analfabetos e comprometendo profundamente a qualidade do ensino em todos os níveis.

TABELA 9 — Ensino regular de 1.º grau — fluxo de matrícula — 1.ª série 1977 — 4.ª série 1980, Brasil 1980.

U F	Matrícula 1.ª Série 1977			Matrícula 4.ª Série 1980			Índice de eficiência		
	Urb.	Rur.	Tot.	Urb.	Rur.	Tot.	Urb.	Rur.	Tot.
RO	8.972	17.415	26.387	4.970	1.895	6.865	55	11	26
AC	8.148	11.250	19.398	3.337	895	4.232	41	8	22
AM	34.012	45.085	79.097	22.555	1.866	24.421	66	4	31
RR	1.594	2.599	4.193	1.191	574	1.765	75	22	42
PA	87.610	131.415	219.025	50.581	10.002	60.583	58	7	28
AP	5.607	3.584	9.191	3.418	836	4.254	61	33	46
MA	69.597	220.389	289.986	42.864	15.045	57.909	62	7	20
PI	69.680	170.595	240.275	16.514	4.128	20.642	24	3	9
CE	109.858	133.620	243.478	76.873	7.985	84.858	69	6	35
RN	55.881	87.402	143.283	35.632	6.234	41.866	64	7	29
PB	79.220	176.326	255.546	31.890	10.259	42.149	40	6	17
PE	165.889	179.813	345.602	92.819	19.254	112.073	56	11	32
AL	59.532	89.298	148.830	21.382	5.062	26.444	36	6	18
SE	42.382	45.913	88.295	19.547	4.750	24.297	46	10	28
BA	235.128	400.352	635.480	93.434	19.300	112.734	40	5	18
MG	479.919	333.503	813.422	203.423	42.408	245.831	43	13	30
ES	49.808	60.337	110.145	27.810	16.361	44.171	55	27	40
RJ	403.394	82.622	486.016	225.121	17.283	242.404	56	21	50
SP	652.362	183.999	836.361	438.301	57.010	495.311	67	31	59
PR	172.922	294.433	467.355	106.408	71.234	177.642	62	24	38
SC	64.863	90.310	155.173	43.284	37.574	80.858	67	41	52
RS	168.107	155.175	323.282	112.300	76.122	188.422	67	49	58
MT	78.036	69.201	147.237	34.401	10.977	45.378	44	16	31
GO	167.500	137.044	304.544	74.601	21.005	95.606	45	15	31
DF	42.592	2.241	44.833	28.544	1.087	29.631	67	49	66
BRASIL	3.312.613	3.123.821	6.436.434	1.811.200	459.146	2.270.346	55	15	35

3. CONCLUSÃO

Esta revisão de alguns dados tocou somente a faceta da eficiência do sistema escolar. Indagamos pelos anos de estudo da população e a conseqüente sobrevivência no sistema, notando-se que o crescimento durante o tempo, embora existindo, acusa um ritmo de lentidão preocupante, além de desequilíbrios internos fortes, como é o caso da explosão da matrícula universitária.

Apesar destes dados serem muito precários e representarem uma seleção diminuta, é possível extrair deles uma conclusão simples e cristalina: *nosso problema fundamental é a educação básica*. Assim, esta prioridade ministerial tem praticamente a característica do "óbvio ululante". Em anos recentes, especialmente durante o período de euforia econômica, a universidade assumiu a prioridade ministerial indiscutível, comprovada em taxas de crescimento quase vertiginoso. É preciso reconhecer que esta evolução tem também uma razão política clara e que reside na força das elites nacionais, reivindicando formação superior para si e para seus filhos. Neste sentido, a universidade dificilmente deixará de ser "prioridade política", porque é ela que politicamente preocupa o Ministro. Os estudantes e professores são forças vivas da nação e têm consciência desta força.

O compromisso da educação básica, contudo, significa também propor-se a colaborar na solução dos problemas daquela massa imensa e humilde, que não aparece nas primeiras páginas dos jornais, não sabe organizar greves nacionais e levanta expectativas extremamente modestas. Estamos tentando, em que pesem todas as suspeitas apressadas de que o Governo só poderia estar mal intencionado, ir ao encontro das necessidades básicas da maioria, que é o principal sujeito do desenvolvimento.

A esta maioria, por ser pouco coesa e não organizada, reservam-se as migalhas do sistema, mesmo que na letra garantam-se direitos constitucionais muito claros. Dedicam-se a ela uma educação compensatória, tendencialmente de segunda categoria. É tratada de forma assistencialista.

Todavia, é próprio da educação acreditar na potencialidade do educando. Aliás, isto é propriamente sua força e sua inspiração. Neste sentido, é essencial perceber a importância de ancorar o projeto de educação básica na cultura comunitária, para que a semente não seja estranha ao chão, e vice-versa. Não pode ir nisto nenhum anacronismo; muito pelo contrário, trata-se de uma noção de progresso que parte da e volta à comunidade, percorrendo a caminho todas as tecnologias modernas. Para sabermos qual é a qualidade de vida que nos convém, qual é o progresso que nos convém, qual é o futuro que nos convém, certamente parte da resposta vem de fora, porque não somos uma ilha, mas parte precisa vir de dentro, das reservas culturais de cada comunidade, de cada região e de cada país.

Assim, educação básica aninha-se nesta base do desenvolvimento, onde é gerada a potencialidade de um povo e se constroem os direitos e deveres, na ótica democrática das oportunidades iguais para todos. Essa é a autêntica vocação do Ministério, na qualidade de berçário da democracia.

Composto na
LINOTIPIA TEXTO GRAF. LTDA.

Impresso nas Oficinas da
RUMO GRÁFICA EDITORA LTDA.

Rua Dr. Horácio da Costa, n.º 1-A - São Paulo

para

ALMED Editora e Livraria Ltda.

Rua Dr. Amâncio de Carvalho, n.º 459 - São Paulo